

PENSAR E DIZER

**Estudo do Symbolo
no pensamento e na linguagem**

POR

M. BOMFIM

**CASA ELECTROS
Rua Chill, 9
RIO DE JANEIRO
1923**

o. Illustre Escripção do
Mando Comto Lerren

Homenagem ao seu grande talento
e devida respeito de justiça
humana

Com



6-23

PENSAR E DIZER

OBRAS DO MESMO AUTOR

ZOOLOGIA GERAL.
O FACTO PSYCHICO (exgotada).
AS ALLUCINAÇÕES AUDITIVAS DO «PERSEGUIDOS» (exgotada).
O CIUME.
A AMERICA LATINA.
O RESPEITO Á CRIANÇA.
LICÇÕES DE PEDAGOGIA.
A OBRA DO GERMANISMO.
NOÇÕES DE PSYCHOLOGIA.

Didactica da escola primaria

PRIMEIRAS SAUDADES — leitura do 3º anno.
CRIANÇAS E HOMENS — . . . 2º .
LICÇÕES E LEITURA — . . . 1º .
LICÇÕES E LEITURA — livro do mestre.

Em collaboração com O. Bilac

LIVRO DE COMPOSIÇÃO, para o curso complementar.
LIVRO DE LEITURA
ATRAVEZ DO BRAZIL, leitura para o curso medio.

A imprimir-se :

A PLASTICA DA POESIA BRAZILEIRA.
O BRAZIL NA AMERICA (desenvolvimento da *America Latina*).

PENSAR E DIZER

Estudo do Symbolo
no pensamento e na linguagem

POR

Biblioteca MA - PUCSP



100067900

M. BOMFIM

g. 286



CASA ELECTROS
Rua Chili, 9
RIO DE JANEIRO
1923

A' memoria de

Alcindo Guanabara

saudade de amigo

PREFACIO

A vida do espirito tem um aspecto sensível, immediatamente apreciavel. É a linguagem. Para ali converge, no homem, toda a actividade psychica, numa inflexão necessaria, como converge para a propria consciencia. A linguagem é, finalmente, o espelho das consciencias, como a consciencia é o espelho, quer dizer — o reflexo ou a repercussão geral da vida de relação. Por definição, consideram-se como de caracter psychico — os processos intermediarios entre a recepção das impressões sensoriaes e a realização das reacções correspondentes e necessarias. No animal, de typo commun e que isoladamente faz as suas relações com o meio, a organização das respectivas reacções é toda intima; a repercussão desses intermediarios se encontra em movimentos, que são effectos directos de taes processos, para resultados finais e unicos na exteriorisação delles. No homem, a exteriorisação da actividade psychica se desdobra, e tem uma phase de organização exterior, na linguagem. De sorte que, objectivamente, podemos acompanhar, conhecer, apreciar e analysar a vida do espirito — na exteriorisação da linguagem, e na realização das reacções de relação.

O característico da psyché humana está, justamente, nisto — ella é essencialmente socialisada, e se faz como função da comunicação inter-individual. Deixasse de haver comunicação das consciencias, e tudo isto, que consideramos como vida do espirito, teria cessado. *Intelligencia* — nos conhecimentos, *affectividade* — nos sentimentos, *vontade* — na acção, existem para effectos de socialisação e comunicação. O que ha de humano na sensibilidade são os seus aspectos moraes e estheticos; quanto ao pensamento,

só o podemos comprehendêr como refração, nas consciências individuais, de valores e de processos tradicionaes, communs, socialisados em origem e em effeitos; a acção intelligente, esta é valiosa e suprema, na natureza, porque se faz em cooperação de esforços, coordenados graças á communicação, e lústinuidos na lucidez de uma experiencia mental socialisada. Tudo resumindo: a linguagem ou communicação das consciências é indispensavel para a expansão e realisação da vida affectiva; é condição necessaria para a formação da experiencia mental humana e a capacidade intellectual em cada individuo; e é o processo explicito de organização da actividade humana, consciente e socialisada. Antes de se realisar em acção, o homem manifesta-se em linguagem, que, em si mesma, já é acção. De facto, a linguagem não significa uma existencia propria, ou actividade independente, si não o simples aspecto sensível do pensamento, o regimen lucido e expressivo da actividade mental. Nas condições do viver humano, ha categorias de pessoas, com a função explicita de pensar, para a comunidade. Sabios, philosophos, artistas, inventores... são intelligencias votadas a essa missão: organizar os conhecimentos, formular os modelos de acção, suggerir os tons de sentimentos, definir os motivos de affectos, e, de tudo isto, inferir as normas do viver humano. Elles pensam o necessario, para que se possa realisar, humanamente, o commum dos espiritos. Nelles, a actividade psychica é, essencialmente, uma actividade de pensamento; ora, o pensamento só existe, quanto aos effeitos sociaes, si está realisado e pode ser apreciado no seu aspecto sensível — a linguagem, que seja a linguagem propriamente dita, seja a linguagem artistica, pois que toda arte é expressão e linguagem.

Em tal caso, a linguagem é acção — a acção superior, a acção caracterisadamente humana.

O espirito não é o individuo, no isolamento da sua consciencia; nem haveria o aspecto consciencia, si esta se

isolasse. O espirito é a consciencia em funcção social, como refração activa de tudo que concorre na tessitura da sociedade. Si accitamos o *nosce te ipsum*, si pretendemos conhecermo-nos como espirito, temos dous domínios para esse estudo: o limitado, inseguro, suspeito e falho, da nossa consciencia exclusiva, pela introspecção; o largo, seguro, positivo e completo, das outras consciencias, apreciadas no reflexo constante e definido da linguagem. No entanto, a linguagem quasi não existe como assumpto explicito, para estudos dos psychologos. Por que?...

A linguagem, que é, realmente e antes de tudo, regimem lucido no pensamento communicavel, tornou-se o domínio de tantos theoristas, que ao psychologo pareceu conveniente ou necessario abandonal-a. Philologos, linguistas, grammaticos... são dissertadores da linguagem, e que se apoderaram della, arrancando-a das suas condições naturaes, como que para a manterem fóra do critério scientifico. Raramente, com raras excepções, encontram-se desses especialistas que tenham feito obra de verdadeiro sabio: um Max Muller, um Darmstader. O commum, principalmente nos grammaticos (1), é constituido de gentes para quem — a linguagem é simples expressão do pensamento,

(1) É milagre — um João Ribeiro, que vê e julga lucidamente, dentro da grammatica e da philologia em que é mestre. Reclamando para nós, brasileiros, que temos uma existencia distincta, como povo; nós, que fizemos uma tradição nacional, erguemos uma soberania politica e alimentamos um pensamento — reclamando para nós o direito de ter idiomatismo proprio, em correspondencia com o sentir e o pensar que são nossos, elle mostra, em valor de evidencia, que, si nos corrigimos, para o edecar ao vernaculismo recommendado pela generalidade dos grammaticos e eruditos taes, « estamos de facto a mutilar ideias e sentimentos, que nos são pessoas. Já não é a lingua que apuramos, é o nosso espirito que sujeitamos a um servilismo inexplicavel... Fallar diferentemente (com relação ao talar de Portugal de hoje) não é talar errado... não ha expressões diferentes que não correspondam tambem a ideias ou a sentimentos diferentes. Trocar um vocabulo, uma inflexão nossa por outra de Coimbra, é alterar o valor de ambas a preço de uniformidades artificiosas e enganadoras... Todos os factos de linguagem, cá e lá têm igual excellencia como phenomenos... Ha outros danos irreparaveis nas corrigendas e erratas vernaculas. O primeiro e o maior de todos, é o de que nos fica vedado todo progresso nacional (progresso mental, bem se vê)... Trata-se da independencia do nosso pensamento e da immediata expressão... Nessas suppostas *improprieties* de linguagem. Um inquerito mais largo viria abri-nos um pouco os olhos contra a insupportavel imposição de doutrinas puristas com que se pretende loucamente colorir o ambiente demasiadamente luminoso da America. » (J. Ribeiro — *A Lingua Nacional*, pag. 8, 13, 16 e 209).

fôrma em que o pensamento feito se vem metter, quando deve exteriorisar-se. E como consideram a linguagem distincta do pensamento, méra roupagem, por fóra d'elle, fazem tambem a sua obra por fóra do pensamento. E os ha, para quem a parte mais importante na linguagem é a estrutura phonetica dos vocabulos. Finalmente, a linguagem ficou pertencendo ao pedantismo da erudição vernaculista. Será a mais chifra das erudições; mas, infelizmente, não é a mais inocua. O estudo da linguagem poderia ser dos mais fertes para elucidação do problema humano, si o não fizessem de tal modo esteril, que nenhuma philosophia séria o tomou, ainda, a sério, como se tem feito para a religião, ou a arte, as instituições civis...

Ha toda uma fauna e flora dos *cadaveres* - seres vivos, apenas capazes de aproveitar o que está a decompor-se. Delles podemos dizer que auxiliam a decomposição e a aproveitam; são uteis, na sua incapacidade para viver fóra da putrefacção. Que dizer, porém, dessa fauna de cadaveres, si ella se aloja no organismo em plena vida, e o trata como se fora carne morta?!... E' o espectáculo do larvame varejeira. Na realidade da existencia social, a lingua aquella que ainda não succumbiu á asphyxia grammatical é uma expressão de vida, do sublime da vida humana, e que é a propria vida do pensamento. Figuremola a transparencia de uma organização, que se téce em fios animados e luminosos, animo e luz que são da sua essencia mesma: a organização do espirito. E a lingua se institue como a formação primeira de cada tradição humana; realisa-se numa estrutura viva, nimamente activa, desenvolvendo-se, evoluindo, expandindo-se, refazendo-se, progredindo e fortalecendo-se, como se desenvolve, e evolue, e se expande, e se refaz, e progride o proprio espirito.

Assim é a linguagem para quem a julga na realidade das cousas; não para o grammatico. Este surgiu pelas frestas da intelligencia; acolheu-se á fronde do jequitibá, mas

a visão não pode subir; não lhe é possível ver mais que as rugas e o esfarelar da corcha, e a isto se reduz o seu discorrer. Nem se lhe diga - que o patriarcha da floresta é uma forma em plena vida, completa e sempre nova, a subir e a dilatar-se. Não; não lhe digam, pois que elle tem todas as medidas, das rugas que sondou e das casquilhas que colheu.

A imagem é, talvez, insufficiente. Por indole, o grammaticante quer existir na propria organização do idioma; aloja-se nella, quer julgal-a, e, si ha possibilidades, acaba subjugando-a, afastando-a das radiações do pensamento, até que a faz succumbir. Assim têm deperecido linguas que foram luzir de grandes tradições, e morreram, quando subsistiam ainda outras tradições que com ellas se formaram. Morreram porque, deixadas aos grammaticos e rhetores, esses não souberam comprehendel-as como regimen de pensamento; nunca pouderam comprehendere o que é o pensamento, e as reduziram aos moldes da sua intelligencia, immobilisando-as, matando-as. Não é agradável companhia a de quem só sabe viver bem com cadaveres; menos, ainda, a de quem reduz a cadaver todo organismo a que se achega. Por isso, a linguagem tem deixado de ser objecto de estudos para todos esses que poderiam fazer nella analyse de verdadeira elucidação - psychologos, naturalistas, ethnologistas, moralistas, sociologos, philosophos... No entanto, quanta cousa nos diz a linguagem de si mesma, isto é, do regimen de pensamento que nella se faz!... Houve um momento em que a escassez linguistica julgou ter dissipado todos os segredos, com as suas verificações da origem common nas linguas a que chamou de aryanas. Finalmente, tudo se reduziu a isso mesmo - pesquisa de etymologias, como os etymologistas hindus já o faziam, ha mais de 2,000 annos. E não souberam achar o verdadeiro sentido da lição, que em taes verificações se encontra. Ha um regimen de linguagem que deixa transparecer, sobretudo, o

que é activo e mobil no pensamento, e que o acompanha facilmente — ao pensamento — em todos os seus surtos e suas expansões. E', por isso, a linguagem nimiamente propicia á evolução das abstracções, e ás syntheses de conhecimentos; é a linguagem onde facil e lucidamente se symbolisam as discriminações do espirito, para a perfeita distribuição das categorias mentaes. Ao mesmo tempo, com as suas qualidades de movimento, elle attinge todas as plasticas, e tão animada e pittoresca é na poesia, como nitida e expressiva na sciencia, rigorosa e lucida na philosophia. E, como *abstracção* significa nitidez e segurança de pensamento, na plena posse da consciencia para — reconhecer-se, *individualisar-se* e *affirmar-se*, o aryanismo se constituiu em norma de consciencia, caracterisada como — *abstracção* em pensamento, e *individualismo* em socialisação. Tal será a superioridade desse idiomatismo que conquistou a civilisação e trouxe para o seu regimen quasi todas as tradições de pensamento. Essas e outras verificações achar-se-iam na linguagem, si se applicassem aos seus documentos o methodo de interpretação scientifica, á luz da psychologia, da sociologia, da logica...

O espirito é realidade de função social; toda sua producção característica passa por um estagio de linguagem; pretender conhecê-lo no limitado da consciencia individual é o absurdo; a linguagem, numa systematica interpretação elucidativa, será sempre o mais precioso recurso para a analyse da actividade psychica. Mas a psychologia hesita em penetrar num dominio já tão ostensivamente occupado, e que, dessa occupação, tão pouco tem dado. Não consideram os psychologos em que — essa penuria de resultados provem, não da pobreza do terreno explorado, mas da inopia dos methodos e programmas applicados. Emquanto a linguagem fôr considerada uma existencia distincta do pensamento, e, a palavra — um simples arranjo de sons, teremos a linguistica apparatusa e este-

ril, de sempre, teremos o dominio da linguagem para o recalcar esterilizante dos ruminadores de *raïzes* - gregas, e não gregas. Vejamos, porém, a linguagem como o proprio jogo da symbolica viva em que se faz o pensamento; digamos, da palavra -- symbolo e focalisação da ideia e dos elementos em que a mente trabalha; assim consideremos, e assim tratemos a linguagem, e ella nos dirá, por sua vez, o mais importante, e essencial, e vasto, a que podemos chegar na analyse do dynamismo mental.

Si outros hesitam, porque não hesitaria o modesto pensar que discorre nestas paginas? Mas uma rapida observação, quasi sem referencia directa ao caso, completou os motivos intimos para intentar o estudo da symbolisação na actividade do espirito (?). « J'ai une certaine paresse physique, je n'ai jamais aimé les sports, sauf... la promenade. Je mentionne cette disposition parce que a cette paresse physique correspond une sorte de paresse intellectuelle sur laquelle je doit m'arreter un instant. Et d'abord je remets assez facilement au lendemain ce que j'aurais du faire la veille... De plus la *mise en train* de mon activité intellectuelle est en general assez lente ou mieux la *realisation* de cette activité. Je rumine assez longtemps mes idées, avant de me decider à les formuler, a les écrire. Il semble que j'attende le déclanchement qui mettra toute

(2) H. Beauvis, *Comment fonctionne mon cerveau*, L'ANNÉE PSYCH. pag. 455. Foi em Beauvis que fiz a minha primeira *leitura efectiva* -- a «Introdução» dos seus *Nouveaux Elements de Physiologie*. Chamo de -- leitura efectiva a esse acto pelo qual o meu espirito, por si mesmo, fóra de qualquer didactica, ponde servir-se de um pensamento escripto, para realisar a visão intellectual de alguns aspectos do universo e dos suas energias. Para os 20 annos do simpliciorio estudante de medicina, essa leitura foi a revelação philosophica. Não a refiz; guardo-a, no relicario da consciencia, como moldura da figura mental do sabio, que tenho com um dos pensamentos mais honestos e siuceros. Por isso, quando nelle encontro um nodo de julgar em que se accorda o meu entender, creio que estou com a razão. O testemunho de Beauvis, quanto á elaboração intima do pensamento -- já em forma verbal e comunicavel, tanto que, linda a *ruminación inconsciente*, as ideias se dispõem com a forma propria á expressão --, esta manifestação deu-me o complemento de animo para tentar a demonstração que se encontra aqui. Em face do texto de Beauvis, é interessante notar a semelhança mental que ha entre elle e J. J. Rousseau, quanto a essa *preguiça* de que este se accusa nas *Confissões*. É de notar, ainda, a semelhança de estylos.

la machine en mouvement e ce déclanchement se produit sous une influence variable... Malgré cette paresse intellectuelle initiale, une fois la machine en train, mon activité intellectuelle évolue avec la plus grande facilité, sans effort. Quand je me suis décidé une fois à formuler les idées qui traversaient mon esprit depuis des années, je n'avais qu'à laisser courir ma plume, j'écrivais comme sous la dictée ».

A observação é preciosa e o testemunho valioso. Muitos outros, bem mais explicitos, encontram-se ao longo das analyses rigorosamente scientificas; nenhum, porém, terá, para mim, significação mais decisiva. E, pois que intento fazer um estudo de psychologia, em methodo que não é corrente nos psychologos — o methodo interpretativo, applicado a função concumitaneamente individual e social; em taes condições, é preferivel ser absolutamente sincero, e que esta exposição normal do meu entender se faça na fôrma inherente ao meu temperamento intellectual. Para que dissimular, e procurar a mascara de sabio, com o diluir o pensamento na torpida impassibilidade de uma exposição por insulsas inferencias e deducções, quando a conjunctura mental é das que estimulam e apaixonam? A razão e a verdade sabem valer por si mesmas; si andei em torno desses valores, elles se produzirão nas virtudes que lhes são proprias, qualquer que seja a tonalidade desta exposição.

Em muita circumstancia, parecerá que o pensamento transborda do assumpto aqui estudado... E' proprio da psychologia: si ella estuda realmente o espirito humano, transbordará, e irá com elle, por todos os horisontes onde elle se projecta — ora, esthetica, ora, moral, ora, civilisação, ora, politica... que tudo isto é psychico. E' bem no realisar do espirito, que esta verdade se impõe: *humanum sum*. 4.



Para os effeitos de interpretação, preferi, sempre, a

produção de pensamento brasileiro — textos de escriptores nossos, sobretudo poetas, onde o imaginar dos symbolos suggestivos é mais plastico e nitido. Poderia ser de outro modo? Aqui e ali, acudiram-me exemplos, modelos e imagens de escriptores estrangeiros, exemplos que desde sempre se impozeram ao meu intellecto; isto, porém, foi excepção. Servi-me de taes modelos, porque estou penetrado delles, pelo effeito nitido e profundo que tiveram na minha consciencia; mas o material constante das minhas referencias foi a produção brasileira, porque, não só lhe comprehendo o pensamento, como o sinto na essencia do seu idiomatismo. Não poderia ser trahido no interpretar.

Attenda-se, ainda: este, não é um estudo de critica litteraria, mas pura interpretação de documentos de pensamento e linguagem. Referi-me, somente, ao que, no nosso intellectualismo, já é documento. Por isso, os nomes são de glorias já consagradas na morte. Dos vivos, apenas, um se mantem, aqui, em referencias constantes. Seria possível buscar documentos nessa phase fulgurante da nossa poesia — e que foi a do parnasianismo, sem encontrar, de momento a momento, Alberto de Oliveira?

Rio de Janeiro, Novembro, de 1922.

M. B.

INTRODUÇÃO

Os processos de symbolisação, ainda que não sejam exclusivos da psychologia humana, fazem-se de tal modo desenvolvidos e constantes, que se tornam característicos e essenciaes nas qualidades do nosso espirito, tanto na actividade mental, como na evolução dos sentimentos. No proseguir destas paginas, para assignalar o papel do symbolo na vida consciente, e accentuar a sua importancia, haverá necessidade de deixar bem patente: que o espirito humano se realisa como *unidade activa de um conjuncto, ao qual está intimamente ligado*, e de que depende de modo absoluto — a sociedade. A consciencia se forma no assimilar o meio social; a esse meio conjuga as suas forças, de tal sorte que nem nos é possível comprehender a existencia da criatura humana fora dahi. Isole-se o individuo da vida social; faça-se abstracção do que, na sua psychologia, se liga ás formas historicas ou tradicionaes, e essa psychologia se reduzirá ao millionesio do que era.

A consciencia humana, que conhecemos *por analogia com o nosso jôro intimo*, realisa-se numa correspondencia constante com as necessidades de adaptação activa, relativamente ao meio dentro do qual vivemos. Consideremos, agora, que, nesse meio, a parte mais importante é o proprio elemento humano — a sociedade. Esta é infinitamente importante para a vida psychica, por trez motivos: não possuímos instinctos formaes, isto é, não herdamos formas instinctivas de reacção para a

realização das nossas relações com o meio, e devemos recebê-las da tradição social, mediante a educação; si temos necessidade de adaptar-nos ao meio physico, mais sensível, ainda, é a necessidade de adaptação ao meio social, cujas exigencias nos restringem e limitam muito mais, quanto aos actos conscientes, do que o meio cosmico; finalmente, as proprias adaptações individuaes ao meio physico, nós as fazemos sempre em cooperação com o resto da sociedade, e foi assim que se firmou a nossa supremacia na natureza.

De tudo isto, resulta que a parte característica, e essencialmente humana, nas vicissitudes da consciencia, é o reflexo e a interferencia das influencias sociaes. Para bem comprehender a vida do espirito, fôra preciso representar cada individuo como sendo o nó vivo, de uma teia egualmente viva e activa, a sociedade — especie de trama, urdida em todos os sentidos possíveis, e cuja actividade se manifestasse justamente como productos desses nós. A imagem será insufficiente, impropria e grosseira, porque a realidade da existencia humana, como vida social, inclue relações cuja extensão e complexidade alcançam todo o planeta, atravez dos millenios de civilização, e porque, em cada individuo, o espirito se forma resumindo e condensando a experiencia geral da especie.



Não se pode medir a importancia do factor social na formação e realização do espirito; mas teremos uma apreciação approximada, si consideramos no seguinte: a hereditariedade é a grande lei na organização biologica; todo ser vivo é uma individualidade, cuja estrutura anatomica e fun-

ccional resulta da herança; o modo de viver e de reagir, em todos elles, está inscripto nos proprios órgãos. O animal governa-se, dirige-se em tudo, segundo os *seus* instinctos, de accordo com motivos que existem nelle individualmente: tem em si mesmo o seu governo. Isto é assim para toda a natureza, menos para o homem, porque todos os seus instinctos de relação se fundiram no instincto social; os seus motivos de proceder e de governo pessoal vêm, numa grande parte, de fóra, e resultam das condições sociaes. Em tal modo, para o homem, quanto á vida de relação, a herança biologica é toda virtual, com o valor de *tendencias* e *possibilidades*; vale como potencial, num cerebro capaz de vibrar em correspondencia immediata com as impressões recebidas, conformar-se a ellas, e armazenar indiividamente residuos de impressões, para constituir uma experiencia propria, assimilada pessoalmente, e que compense a falta de herança adaptativa.

Quanto á vida de relação, isto é, á actividade consciente, a herança humana se limita aos impulsos. Tudo que é forma e processo, — representações ou objectos que nos passam pela consciencia, os methodos lucidos de pensar, os seres em que objectivamos os nossos sentimentos... tudo isto nos vem do meio. Os motivos intimos de sentir, de pensar e de querer são instinctivos, mas as normas e cousas em que realisamos a consciencia nos vêm do meio, principalmente — do meio social. Ao mesmo tempo, succede que a influencia mais sensivel sobre o espirito, em virtude mesmo de um poderosissimo instincto de imitação, é a *suggestão*. Multiplique-se a força de character do individuo pelos milhões de outros que, de qualquer modo, podem concorrer para suggestões; contem-se as correntes de ideias,

opiniões e sentimentos, que constantemente vêm refluir sobre a consciencia individual, e teremos uma ideia da significação que devemos dar á actividade do espirito nas unidades sociaes.

Tendo em consideração as condições reaes dessa actividade, como o apreciamos aqui, devemos reconhecer que as suas formas, isto é, as funções do espirito, a sua organização e realisação, não podem ser estudadas efficaçmente, nem serão racionalmente interpretadas, si nos limitamos a analysar a exclusividade de cada consciencia, isoladamente, sem referencia constante ao viver social e ás suas influencias. A psychologia jamais será elucidada, jamais se definirão as suas leis, si continuamos a estudar o homem-espirito com o simples criterio de — observação e experimentação, em individualidades isoladas, como fazemos para definir os processos de pura physiologia nutritiva. Temos *individuo e sociedade*, psychologia e sociologia, phenomenos psychicos e phenomenos sociaes; e tudo resulta das mesmas formas de actividade — a vida do espirito. A psychologia humana é, sobretudo, o viver social, reflectido em actividades na consciencia individual; a sociologia é a actividade psychica, coordenada no viver social. Todo facto psychico se entrelaça, como origem, forma e effectos, ao viver social; todo facto social tem, por isso mesmo, um correlato nas psychologias individuaes. Assim como é insufficiente e estulta a sociologia que se limita a contar fardos de algodão e tomar medias de temperatura (aliás, a produção de algodão, ou outras, tem como factor principal a capacidade psychica do productor), é estulta e escassissima essa psychologia que se faz contando, apenas, com as consciencias isoladas. A physiologia, em cada individuo, é condicionada por factos de physica, chi-

mica, mecânica... Ninguém pretenderia interpretar o que é *physiologico*, considerando uma, somente, das condições necessárias, e tudo explicando pela química, por exemplo. Da mesma sorte, a *psychologia* é condicionada pela organização biológica, individual, e pelas relações sociais; a sua elucidação se deve fazer — pela observação da actividade pessoal e a interpretação dos factos sociais.



«O espirito vive e é uma organização; a vida é estudada na actividade própria de cada ser vivo...» Sim, é um argumento; mas não pode prevalecer quanto ao criterio para o estudo da vida *psychica*. Em primeiro lugar, devemos notar que a completa interpretação dos *phenomenos vitales* e da sua evolução resulta de outros conhecimentos, além do que nos diz a actividade isolada de cada organismo; ha muitos aspectos que nunca comprehenderíamos sem a documentação paleontologica. Mais importante, ainda, é o considerar-se que — a formação do espirito, em cada unidade humana, é uma formação *sui generis*, sem similar nas formações biologicas. O ser vivo, organicamente, é exclusivamente *prole* — reprodução hereditaria dos progenitores; a estrutura activa é exclusivamente sua, biologicamente isolada, mesmo quanto aos da sua especie. O espirito se forma absorvendo directamente o conjuncto da experiencia geral, e tem de viver dependendo absolutamente das relações com os outros, sob a influencia immediata da sociedade, á qual está entrelaçado de modo absoluto.

Essas dependencias formaes, explicitas, são características na actividade mental de cada consciencia. A palavra — a ideia — define-se pelo juizo em que concorre; o juizo explica-se pelo texto —

pelo paragrapho; o paragrapho tem de ser comprehendido no capitulo, e o capitulo tem a sua razão no total do livro, que, aliás precisa ser estudado á luz da obra e da philosophia geral do pensador. Por sua vez, o escriptor tem de ser interpretado no conjunto da sua epoca. Da mesma sorte se entrelaçam os espiritos. Pessoalmente, na insignificancia do meu pensamento, si me eliminassem do espirito a influencia dos *evolucionistas*, seria como si lhe tivessem desfeito toda estructura de ideias. Poderia esquecer até os nomes; perder toda a memoria das obras em que os li; mas sinto que não posso comprehender o universo, a natureza, a vida, o espirito... sinão como evolução. Foi um simples incidente, sem intenção, esta confissão; mas convem que ella fique, porque explicará muita cousa, que o meu pensamento não saberá apresentar bem nitidamente.

Tudo que é parte de um conjuncto de relações e producto de uma evolução, só pode ser definitivamente estudado com vistas a essas relações, na interpretação scientifica dos documentos dessa evolução. Este é, realmente, o caso do espirito humano. São bem mais estreitas e activas as relações e dependencias do individuo na sociedade que as da arvore na floresta. No entanto, ninguem iria estudar a forma e o desenvolvimento de uma planta florestal, sem considerar explicitamente o mattagal. Mesmo para o caso de actividades puramente physicas: ninguem limitaria o estudo e o conhecimento da dinamica atmospherica, ou oceanica, a pesquisas de laboratorio!... Pois foi isto o que se tentou fazer no estudo do espirito humano, a titulo de fazer da psychologia uma verdadeira sciencia...

*
* * *

A *psychologia caudataria* da *philosophia* doutrinaría fez a sua obra, de pura introspecção, com o criterio das *faculdades*. O seu remate glorioso foi, talvez, a *analyse dialectica* de Kant. Depois, emancipou-se completamente a *psychologia*. Os Mills, Taine, Bain, Spencer, Romanes, Ribot, W. James, Hoffding, Baldwin, ... inspirados em Hume e Locke, deram ao estudo do espirito um tom rigorosamente scientifico, tirando-lhe aquelle character meramente especulativo. Foi o periodo heroico e glorioso da *psychologia*. No entanto, reconhecamol-o: ha dous decennios, já, que a sciencia do espirito vem de crise em crise, como si todos os *methodos* tivessem falhado, e si, nos animos estudiosos, houvessem alluido todas as esperanças...

Entendamo-nos: a crise apontada e accusada foi, tão somente, na *psychologia* de laboratorio. É verdade que, neste ultimo meio seculo, os laboratorios pareciam ter monopolizado o estudo do espirito. O successo das pesquisas de Veber, Fechner, Wundt, Binet... foram exhaustivamente apre-goados; formaram-se batalhões de *medidores de limiar de consciencia* e *tomadores de tempo de reacção*, com a insensata pretensão de captar assim, grosseiramente, as actividades psychicas, reduzindo-as a medias e curvas, organisadas a compasso de Veber e *chronoscopio* de Hipp (1). Não tardou que a introspecção, antes malsinada, desprezada, repellido, por ser anti-scientifica, fosse retomada, agora, sob os auspicios dos desalentados laboratorios de *psychologia*, com a rigida estreiteza de *methodo*, a que pedantescamente dão o nome de scientifico.

(1) Em 902, quando estive em Paris, pela primeira vez, para conhecer de perto os *methodos* de estudos psychologicos, já era muito sensível a crise de descrença e desillusão nos laboratorios.

Faziam-se as pesquisas de introspecção, submettidos os pacientes, no estreito e artificioso ambiente do laboratório, a interrogatorios, provas e *tests*, meticolosamente regulados e medidos, especie de feiras cotadas a microns, para fazer passar por ali o espirito, em doses e em formas rigorosamente apreciaveis e mensuraveis... De longe em longe, appareciam experimentações esclarecedoras, lucidamente conduzidas e interpretadas; a grossa produção, porém, era essa — dos myopes notadores de associações das ideias.

Foi quando Wundt disse de publico as suas desillusões — quanto a tirar dos laboratorios a definitiva explicação dos processos psychicos. É de notar que, ao fazer a sua confissão, elle já havia modificado os methodos primitivos de pura psychophysica, e tinha appellado para a introspecção. Por isso, convem conhecer o que, depois de trinta annos de laboratorio de psychologia, elle veio a escrever.

«O serviço que a psychologia experimental nos pode trazer consiste, essencialmente, no aperfeiçoamento da nossa observação interior. Ora, a observação interior, experimentalmente concebida, fez, já, alguma coisa de importante? Nenhuma resposta geral se pode dar, porque, no estado inacabado da nossa sciencia, não existe, quanto ás pesquisas experimentaes, nem mesmo um corpo de doutrinas universalmente acceito. Num tal desconcerto de opiniões, o observador individual nada mais pode fazer sinão dizer — que vistas e que intuições deve, pessoalmente, aos novos methodos. E si me perguntassem em que tem consistido o valor da observação experimental em psychologia, em que consiste ella agora, eu diria que ella me forneceu uma ideia inteiramente nova sobre a natureza e as relações dos processos interiores. Aprendi a

apanhar, na perfeição do sentido visual, a synthese creadora do espirito... Pela minha investigação sobre as relações no tempo... alcancei mais intimamente a união fundamental de todas as funções psychicas, ordinariamente separadas por abstrações e nomes artificiaes, como ideação, sentimento, vontade. Constatei a individualidade, a homogeneidade interior da vida mental em todas as suas phases. O estudo chronometrico dos processos de associação mestrou-me, enfim, que a noção de *imagens* mentaes distinctas era uma dessas numerosas concepções que se formulam, apenas, para substituir a realidade por ficções. Aprendi a conceber a ideia como um processo não menos fluido e fluctuante que um sentimento, ou um acto de vontade, e aprendi, então, que a antiga doutrina da associação das *ideias* não era mais sustentavel...

«Além disto, a observação experimental forneceu-me outros dados sobre a rapidez da consciencia e de certos processos, sobre o valor numerico exacto de certos dados psycho-physicos, etc... Mas considero todos esses resultados como cousas relativamente insignificantes.» (2).

*
* * *

Parallelamente, Binet, um dos raros com quem a psychologia de laboratorio realizou muita obra util — o consciencioso Alfredo Binet, fazia implicitamente uma confissão identica, e, desiludido da introspecção experimental, voltou-se finalmente para a psiquiatria e a psychologia especulativo-metaphysica. Foi a crise que levou Wundt, Virehow, e muitos sabios de laboratorio para o dualismo. Enten-

(2) *Philosophische Studien*, X, 121-124, citado por W. James. *Paedagogicas*, Nota I.

diam que só ha sciencia onde ha minucia de microscopista; não quizeram reflectir em que — o microscopio só pode dar uma visão perfeita e a explicação conjuncta de que é definivel em *microns*. O espirito humano, que alcança toda a especie, entrelaçando-a numa mesma organização, e que vem, assim, numa mesma evolução de formas e de processos, desde que o proprio homem apparece — o espirito não pode ser definitivamente conhecido, completamente explicado na mindeza desses processos microscopicos. Annes e annos passaram esses exercitos de secundarios — americanos, allemães, francezes... de lapis em punho, no fundo dos laboratorios, a entender uns pobres pacientes, para que dissessem como lhes vinham as ideias associadas... O maximo resultado obtido foi esse mesmo a que se refere Wundt, tambem assignalado por Binet: que o pensamento humano é muito mais do que a simples imagem, e que, na maioria das vezes, pensamos sem, ao menos, a representação das cousas reaes em que pensamos. Foi o quasi repudio da psychologia de Taine.

É um resultado a accentuar; mas que não basta, pois que é todo negativo. Com elle, o laboratorio não revelou, siquer, o problema do pensamento. Nem fôra possivel. A dinamica do pensamento humano não poderia conter-se na estreiteza do laboratorio; deforma-se, annulla-se. Mesmo as simples associações de ideias; melhor as conhecemos na analyse de uma obra qualquer, naturalmente pensada e escripta, do que nos milhares de pesquisas que, para esse fim, se fizeram. Tomem do albatroz, ou mesmo do tico-tico, atem-n'o, já encerrado numa gaiola, e, agora, tentem estudar-lhe a dinamica do vôo!... Pois, foi mil vezes mais insensata a pretensão — de conhecer o conjuncto do espirito,

pelo que se obtem nas simples pesquisas a lapis e aparelhos (3). Taes pesquisas toram uteis; serão necessarias muitas vezes, porque assumpto tão complexo — o mais complexo a que se pode dedicar a mente humana, tem de ser apurado á luz de todos os methodos, com a contribuição de todos os recursos; mas, evidentemente, dos methodos possiveis e applicaveis, o mais insufficiente será sempre este: tomar um individuo, consideral-o isoladamente, impôr-lhe as condições restrictas e artificiaes do laboratorio, para inferir da sua consciencia deturpada o regimen normal no commum das consciencias. Meditemos um momento, e desde logo se fará a convicção de que — o espirito humano, complexo, essencialmente activo e instavel como é, tem de ser estudado e comprehendido nas formas normaes e completas da sua realisação natural. Elle existe, e produz, e se manifesta, como actividade conjuncta e collectiva; assim tem de ser comprehendido e estudado. A introspecção, somente, pura observação individual, que seja, ou não, trabalho de laboratorio, nunca poderia dar a base completa das leis do espirito (4).

(3) Durante 12 annos, tive a minha disposição um laboratorio de psychologia; nas pastas, ainda estão accumuladas anotações, traçados, fileiras de cifras... e nunca tive coragem para organizar uma parte qualquer desses dados, e de os publicar, porque nunca obtive uma elucidação satisfactoria. Afigurava-se-me um problema aparentemente simples. — *Effeitos de suggestão sobre o esforço muscular*; realisava uma serie de experimentações, e dellas resultavam, ao lado de escassas indicações positivas, novos aspectos de pesquisas, isto é, novos problemas. Em appendice, darei os resultados de experimentações quanto ao *Tempo de percepção*. Foram as mais fertes, entre as que systematicamente organizei. Esses resultados mostrarão bem — quanto é difficil o concluir lucidamente em face de taes experimentações.

(4) Saint-Paul, cuja obra sobre *linguagem inferior*



No homem, a actividade psychica — a vida do espirito — é uma actividade formalmente socialisada. Nem mesmo podemos abstrahir o espirito do viver social. Considerando nisto, temos de considerar, tambem, que nos encontramos com uma sociedade humana feita e concretisada numa longa tradição, com as suas normas nitidamente constituídas, realisadas em factos de regimen natural, como todos os outros phenomenos do universo. No entanto, são os factos sociaes especialmente extensos e complexos, de tal modo que os não podemos isolar, para uma bôa observação directa e realmente expressiva. A sociedade humana existe como um grande todo, de organização livre, resultado de uma formação millenaria, cujos factores mais importantes, como a tradição, excedem inteiramente o nosso poder individual. Estamos, em face della, como em face da terra que habitamos, na situação de espectadores, cuja visão directa só alcança aspectos muito limitados, parcellas e detalhes de acções, mal definidas, muitas vezes. O mais importante, certamente, nesses processos de formação e organização — da terra, ou da sociedade, está no passado, e se liga a influencias remotissimas, relativamente á nossa existencia pessoal. Nestas condições, si queremos conhecer o que de essencial exista na formação da terra, ou no viver social, temos que recor-

teve grande repercussão na sciencia franceza, e que se filia aos methodos rigorosamente scientificos, não hesita em escrever: «E' preciso affirmar fortemente que a introspecção não pôde fornecer á observação sinão uma modalidade de ideação e que ella é impotente para informar-nos sobre a ideação em si mesma». (Saint-Paul, *Le Langage Interieure*, pag. 58).

rer aos productos e effeitos em que se condensam as energias influentes, e que exprimem a forma de acção dos differentes factores, no desenvolvimento e na organização de um, ou de outro, desses dous complexos. São os documentos que, um pouco assistidos pela observação immediata, com o mesmo espirito critico das outras sciencias, devidamente interpretados, permitem fazer a «sciencia da sociedade» e a «sciencia da terra». Foi esse methodo, em interpretações geniaes, que permittiu a Darwin realisar a sua obra.

Ora, o espirito humano é, de certo modo, tambem, um complexo, uma actividade *sui-generis*, resultado desse mesmo viver social; só existe como unidade do complexo social. Effeitos e causas, nelle, são sempre ligados á sociedade, pois que as energias intimas são as mesmas, na vida do espirito e no conjuncto humano. Então, si accetamos que a vida do espirito tem um regimen necessario, na ordem dos outros phenomenos da natureza; si pretendemos que as suas leis são expressões naturaes, como as que nos explicam a evolução geologica, ou a evolução social, devemos applicar ao seu estudo, para uma boa elucidação, o mesmo methodo de critica e de interpretação documentaria que applicamos ao estudo da Terra e da Sociedade. Methodos complementares serão utilizados, mas o essencial se fará sempre na analyse interpretativa dessa longa obra em que o espirito humano se tem revelado, como a propria realisação das consciencias socializadas. Baldwin, que não é, apenas, um professor de psychologia, si não um verdadeiro philosopho, sendo um dos mais seguros orientadores da psychologia exacta e scientifica, assim o entendeu. Si a sua obra tem a justa influencia illuminadora que tem, não é tanto pela segurança das apreciações

nos pormenores, mas, principalmente, pela superioridade de methodos com que se faz. O seu *methodo genetico* é uma lucida e fertilissima applicação destes principios: o homem é um ser essencialmente social, e foi pelo espirito, exclusivamente pelo espirito, que elle se socializou: é na sociedade, atravez da sua evolução especial, que o espirito se organisa; em cada criança, assistimos á formação do espirito, na forma de assimilação social, só o influxo da irresistivel tendencia imitativa. A accentuação da sua grande obra elle a fez — «procurando em que medida os principios do desenvolvimento mental no individuo são tambem os da evolução social.» Toda ella tem o valor de uma demonstração. J. Stuart Mill, ha muitas dezenas de annos, já pensava — que a deducção é o unico methodo capaz de assegurar a existencia de uma psychologia propria.



Pois não é eloquentemente expressivo este encontro de ideias e theorias?...

Tarde, e, antes de Tarde, Bagehot (*), exclusivamente sociologos, assentaram a mais racional sociologia num facto essencialmente psychico — a *imitação*, e chegaram á formula — de que não é

(*) Antes de Bagehot, já Carlyle tinha insistido em affirmar a importancia da *imitação* como factor social. «Alta e mysteriosa verdade, essa disposição a *imitar*, a conduzir e ser conduzido, essa impossibilidade de *não* imitar, é a mais constante e uma das mais simples manifestações. Imitar! Quem de nós, pode medir a significação que se contem nesta só palavra?... A *imitação*, esse dom particular e soberanamente importante do homem, graças ao qual a Humanidade é, não somente mantida em cohesão social no presente, mas ligada, numa união semelhante, ao passado e ao futuro». *Ensaíos*, sobre Samuel Johnson e Goethe, trad. franceza, pags. 193 e 259.

possível comprehender a estrutura e a dynamic social, sem referil-as explicitamente a esse modo de ser psychico. Ao mesmo tempo, Baldwin, buscando a explicação do espirito humano, estudando-o explicitamente, como psychologista, verificou desde logo que — nada elucidaria, si não considerasse o homem como elemento social, e baseou a formação do espirito nesse mesmo facto a que os referidos sociologos ligaram a vida social — a *imitação*. Com propositos differentes, por diversos caminhos, pois que, bem orientados procuravam a explicação da actividade humana consciente do individuo isolado, ou do conjuncto social — elles convergiram e vieram ter a um mesmo ponto. Nem outra orientação seria possível, ao psychologo que começa reconhecendo e proclamando: Si, para conduzir-se como é preciso, «tivesse o individuo humano de repetir em experiencias pessoais tudo que tem necessidade de saber, nem toda a vida lhe bastaria para aprender o essencial». Nestas condições, o homem realisa a sua maravilhosa formação — «assimilando, por *imitação*, a sociedade que o recebe e o educa (6)».

Quem poderia contestar a realidade das influencias educativas? Nem de outro modo se explica a instinctiva confiança que todos temos na educação. O modo de formação faz um livresco, um erudito, desaperebido das realidades, como faz um autodidacta, ou um independente... Nos modos superiores de proceder, o espirito age e se conduz como si possuísse um sentido especial — o sentido moral, que lhe permite manter-se em equilibrio, graças a inibições constantes, por entre as intricadissimas exigencias sociaes... Nestas condições, como pre-

(6) Baldwin, *Interpretation Sociale e Morale du Developpement Mental*, (Trad. francesa, pag. 130).

tender limitar o estudo do espirito á actividade restricta de *uma* consciencia, como si assim, isolada, ella existisse?... O que num espirito se realisa e se effectua não pode ter explicação por elle somente; a actividade de uma consciencia destacada, ou mesmo de uma sociedade em especial, não pode dar o padrão para comprehender o que ha de geral na actividade consciente. A tradição mental no chinês, a forma de evolução do seu pensamento, no systema de symbolos que lhe são proprios, deram á sua intelligencia um regimen relativamente discordante das nossas abstracções; o seu pensamento symbolico tem evidentemente outros tramites, que si não explicariam em pesquisas isoladas, e limitadas a nós occidentaes.

Todas essas considerações occorrem para fazer comprehender que os methodos estreitos, até agora em curso na psychologia, são os verdadeiros motivos da crise em que a encontramos. É essa mesma deficiencia de methodo, na psychologia corrente, que nos explica o relativo successo da psychoanalyse. Não obstante vir da clinica, a doutrina de Freud se apresenta com uma orientação de maior descortino; traz uma concepção nova, onde se destacam como essenciaes os factores psychico-sociaes, considerados num aspecto francamente dinamico. Levy-Brull, repetindo A. Comte, insiste em que as «funções mentaes superiores devem ser estudadas pelo methodo comparativo.... em vista do viver social. «As altas funções mentaes ficam inintelligiveis, desde que sejam estudadas somente no individuo. Na vida mental do homem, tudo que não equivale a uma simples reacção do organismo ás excitações que recebe, é necessariamente de natureza social».



A psychologia não poderia pretender exclusividade, nem originalidade de methodo, pois que ella concorre para estudar o homem. Mas, não esqueçamos que o seu objecto está naquillo que, no homem, é caracterisadamente humano — o espirito; e o espirito é, essencialmente, actividade, ligada a um substracto material, que bem pouco deixa explicar quanto á natureza dessa mesma actividade. Para tanto, o mais importante será, sempre, analysar a obra collectiva do espirito, as suas complexas elaborações, expressas em obras onde encontramos fixadas todas essas instancias dynamicas, todos esses estados de consciencia que, analysados, se esvaem, e escapam em grande parte á nossa apreciação directa.

Ainda a pouco, surgiu nestas paginas a affirmação de que pode haver, e ha — pensamento sem imagens; foram, principalmente, as pesquisas de laboratorio que forçaram os psychologos a essa affirmação. Ella tem uma grande significação, mas pode ser feita por qualquer pessoa que saiba analysar o seu pensamento, ou que accete o trabalho de apreciar, a esse respeito, a producção mental na generalidade dos philosophos. Sem ir mais longe: que imagens poderiam ter occorrido a Wundt, no trecho transcripto, para a parte essencial do seu pensamento? Ha juizes e juizes, feitos de tão altas abstracções, que só muito remotamente lhe poderiamos associar uma imagem. Por conseguinte, todas as longas introspecções de laboratorio, realizadas para chegar a essa conclusão, foram inteiramente ociosas, quasi desorientadoras, pois que, ao mesmo tempo se verifica, de modo irrecusavel — que ha sociedades inteiras, mesmo no presente, onde não

ha um só conceito, uma só ideia, que seja puramente verbal.

Como se explica esse desacerto de resultados?

Isto, que os laboratorios não poderam elucidar, antes fizeram mais confuso, elucidar-se perfeitamente quando examinamos e interpretamos a obra geral da intelligencia humana, nos seus successivos estagios de desenvolvimento. E verificamos: que o pensamento, onde quer que o possamos apreciar, no infante que apenas começa a julgar, no selvagem, ou no sabio meramente especulativo, é sempre generalizador, e se se faz, rigorosamente, como uma aproximação de generalidades a particularidades; a extensão de umas e outras é relativa, mas o aspecto generalizador constitue a essencia mesma da operação mental. Sendo relativa, a extensão das generalisações não vac, muitas vezes, além das relações sensiveis. Taes generalidades intervêm no pensamento num signal — num symbolo — que, de modo geral, corresponde directamente aos aspectos sensoriaes: é uma imagem, symbolisando uma categoria, ou generalidade de relações. Tal acontece á creança quando pensa em alimento, ou ao selvagem ao julgar das suas caçadas: pensam com symbolos naturaes, directamente representativos. A medida, porém, que as ideias, os motivos de pensamento, se vão tornando mais abstractos, e se vão affastando mais das origens sensoriaes, quando o pensamento se torna mais complexo, ha vantagem em symbolisar ou incorporar as ideias em signaes de valor convencional, sem nenhuma significação natural, além da associação symbolica com a ideia correspondente. É neste caso que, dizemos — o pensamento se faz sem imagens. De todo modo: no pensamento occorrem sempre generalidades, que despontam na consciencia incorporados a um symbolo, de origem

directa, por associação natural — imagem, ou de valor puramente convencional — signal de linguagem symbolica.

*
* *
*

Consideremos agora: que o pensamento humano fez, e faz, a sua evolução numa ascensão constante de abstracções; donde, a necessidade de se abandonarem os signaes directos, substituidos pelos symbolos puros. Consideremos ainda: que, para os effeitos da communicação do pensamento, (essencial na existencia humana) o puro symbolo, de realisação phonetica — a palavra, é infinitamente superior a qualquer outro. Dahi, esse aspecto caracteristico do pensamento humano — ser intimamente incorporado á funcção da linguagem, de tal sorte que muita cousa da psychologia só se esclarece á luz da linguística, pela interpretação dos respectivos documentos, e que, por conseguinte, o essencial na linguística, são os seus aspectos psychologicos. Pelo facto da symbolisação, que, aliás, é da essencia mesma do pensamento, este se funde á linguagem, o que força Romanes a considerar — a direcção symbolica do pensamento como a unica differença psychica entre o homem e o animal, e leva Baldwin a dizer que «...é pela linguagem que o desenvolvimento mental attinge no homem o seu aspecto mais elevado, o aspecto pessoal» (7). Wundt sustenta opinião analogica, quando reclama — que os factos da linguagem sejam estudados para a elucidación da psychologia do pensamento. Na penna de um Max Muller, taes juizos poderiam ser levados a conta de *exageros de linguista*, incapaz de comprehender a natureza humana si não através da sua especialidade. Mas, na obra de technicos da

(7) J. M. Baldwin, op. cit., pag. 86.

psychologia, esses conceitos se tornam eloquentíssimos — para accentuar a importancia que o methodo interpretativo e documentario deve ter para o conhecimento da psychologia do pensamento.

Todos estes factos serão demoradamente estudados, a proposito da evolução dos symbolos, e das suas relações com a linguagem. Agora, trata-se, apenas, de explicar os motivos que fizeram dar a este trabalho — de pura psychologia, o character interpretativo que elle tem. Pois, então — a quem quer comprehender a dynamica do pensamento humano, pode ser indifferente a marcha segundo a qual, na sequencia historica, a representação graphica das ideias passou do ideogramma visual para o symbolo phonetico? São paginas especialmente expressivas, como documentação psychologica, essas de Maspero, em que elle nos mostra como, na copta, os symbolos directos, primitivos, vão perdendo a significação directa, estreita e immediata, porque os sons correspondentes são aproveitados para symbolo convencional de outras ideias. Isto se faz, á medida que as necessidades da abstracção vão exigindo o uso de symbolos puros. Dest'arte, por motivos de psychologia, individual ou collectiva — facilidade de pensamento, facilidade de percepção e de producção dos symbolos na comunicação — os ideogrammas se transformaram em letras de valor phonetico.

Tornando-se mais explicito, Wundt insiste em que — a natureza psychologica da linguagem «explica-se pela sua apparição». Isto significa — que, para a elucidação do caso, o mais importante será sempre a investigação historica e a interpretação dos documentos linguisticos. De facto, si nos desprendemos do que ha de regional em cada departamento scientifico, promptamente reconhecemos que

a linguagem é o grande repositório, não só para elucidar a psychologia do pensamento, como, para o estudo geral do espirito humano. Então, comprehendemos a verdade mystica do LOGOS de Amílion, e o traduzimos para a nossa singela philosophia, como a essencia mesma do espirito humano, projectado sobre o universo, e, com isto, symbolo dos symbolos, entre os nossos valores mentaes.

Na linguagem, está a condensação sensível e explicita do psychismo humano, socializado como elle é — no sentir, no pensar e no agir. O espirito tem de ser exclusivamente social, e só o podemos comprehender quando assim o consideramos. Para apreciar o seu dynamismo, devemos considerar que elle é essencialmente activo; si o immobilisamos, desaparece. É a machina que só existe em trabalho; para comprehender a sua estrutura, temos que apreciar-a nas inter-relações sociaes: isolada, não tem sentido. O homem tem uma existencia de mais de 200.000 annos, dos quaes 25.000, no maximo, estão directamente registrados nos documentos historicos. A linguagem, porém, reflecte, perfeitamente, todo esse longo desenvolvimento, que se fez, sempre, sob o influxo social (*).

* * *

A sociedade cresce constantemente, em numero e em valor. As influencias que incidem sobre as

(*) Pode-se progredir moralmente sem sublimes abstrações; mas, para conquistar o planeta, ellas são indispensaveis — como recurso de pensamento, em consciencias de formula individualista. Taes são as qualidades que, mentalmente e socialmente, caracterizam os povos occidentaes. A abstracção e a generalisação especulativa são quasi exclusivos das mentalidades aryanas; sob esse regimen se fizeram os respectivos idiomas.

consciencias se renovam e se multiplicam incessantemente. Para definir em termos positivos a sua actividade, teriamos de considerá-la uma chimica, cujas affinidades variassem successivamente, cujas atomicidades se justapozessem de reacção em reacção...

Eis as condições em que se realisam os phenomenos do espirito. As suas leis não podem ter a significação limitada que têm as outras leis naturaes. Finalmente, parece que a psychologia não chegou a conquistar uma só lei, rigorosamente scientifica. É que a propria trama apparente dos phenomenos psychicos se desfaz. Motivos basicos, e que são como que factores organicos, elementos primeiros, perdem a significação. Como comprehender, por exemplo, na psychologia do individuo isolado, o caso do judeu, ou do cigano?... Tem o valor de evidencia — que o instincto é organico, anterior a tudo, no psychismo humano, e que o sentimento de patria é pura sublimação de um instincto irrecusavel. No entanto, nestes dous casos, o instincto como que se dissolveu: um factor primeiro da organização social desaparece, para deixar sobreviver um complexo de formação subsequente, simples producto do espirito que já existe — a tradição: a tradição religiosa no judeu, a simples tradição social no cigano. Ao mesmo tempo, Israel provou, com isto, a força do espirito, a resistencia das suas creações, em opposição com os seus elementos basicos. E provou tambem que — a duvida philosophica, factor de progresso em tantos outros casos, não é, todavia, essencial para o progresso. Israel, que nunca duvidou, na sua existencia social *sui-generis*, tem acompanhado todos os progressos da especie. Este é um facto que mais interessa á psychologia do que á sociologia.

Não ha, nestas observações, nenhum intuito de fazer theoria, mas, tão somente, o de deixar bem patente o como variam as condições feitas á actividade mental. Variam tanto, que os seus processos essenciaes parecem alterar-se, ao mesmo tempo que se dissolvem motivos psychicos bem profundos. De facto, o espirito se refaz, não só no conteúdo, como no mechanismo, porque o conteúdo, é também mechanismo. Ha, certamente, na actividade psychica, tendencias e processos elementares, absolutamente constantes e irreductiveis — a imitação, o habito, a inibição, a generalisação, a attenção... São bem poucos, e, ainda assim, de valor muito desigual, de individuo para individuo.

De tudo isto, resulta que a observação pessoal tem de ser accета sempre com reservas, porque é impossivel achar, na actividade de uma consciencia, a norma representativa da dynamica geral do espirito. A intelligencia trabalha sobre bases que se renovam, em nome de valores que se substituem. Com isto, modifica-se a propria orientação intima das associações. O que hoje é semelhança, amanhã será indifferente; o que, aqui, parece contiguo, ali, parece disjuncto... Neste, uma profunda necessidade de equilibrio leva á crer e affirmar; naquelle, certa condição, igualmente profunda e intima, faz permanecer hesitante em face do infinito. Evidentemente, em tal caso, a differença está na propria formula dynamica do espirito.

*
* *

Não podemos considerar a sociedade um organismo, similar dos outros seres biologicos, principalmente porque as dependencias entre os seus elementos são exclusivamente psychicas. Mas, por isso mesmo, não podemos pretender conhecer a

actividade desses elementos, sinão consideramos ao mesmo tempo as condições geraes do conjuncto social, e as suas manifestações. Uma cousa explica a outra.

Agora, mesmo.

Assistimos a uma lucta que, praticamente, envolveu toda a especie, e foi a mais extensa e mortifera que a historia tem registrado. Toda ella se fez no espirito humano, em opposição a tendencias essenciaes da especie. Durante annos, esteve a *humanidade* nessa obra *anti-humana*, de destruição intensiva, nella applicando tudo que a intelligencia pode crear... Foi uma crise essencialmente psychica, ultrapassando, porém, a psychologia individual. E quem poderá prever os seus effeitos, sobre os espiritos, nas actividades que de hora em diante se desenvolvem? Sem attender a esse periodo historicoç, e á vida que nós outros vivemos naquelles dias, muita cousa na futura psychologia parecerá absurda. Quem pretender que o espirito humano é hoje o que era ha dez annos, só o fará pela impossibilidade em que o homem se encontra — de comparar-se a si mesmo.

Tanto como a linguagem, a historia tem de ser investigada, systematicamente analysada, por aquelles que desejem conhecer os processos da actividade psychica. É a propria historia se refundirá. Tão mal apresentada e interpretada tem sido a vida da humanidade que, ainda hoje, a historia universal é contada como — o desapparecimento do Egipto, de Babilonia, da Persia... Dir-se-ia que se trata dos formigueiros que o lavrador destróe em substancia, quando o que tem havido é o aniquilamento, a substituição de tradições, isto é, de — modos de ser dos espiritos em sociedade. Num qualquer destes casos, a historia é um subsidio inestimavel para

a psychologia. O genio grego, a philosophia pratica de Roma, depois de terem coroado a civilisação, vem a ser vencidos pelo idealismo syriaco: como se faz nos espiritos uma tal transposição de valores? ... A Idade Media parece-nos o caos na organisação politica do Occidente; no entanto, é a época da perfeita harmonia mental dos espiritos: sentimento, pensamento, acção — tudo se equilibra e se ajusta no dogma. Os espiritos, unificados na crença, elevam-se numa mesma aspiração; cada consciencia é a imagem da cathedral que a época nos deixou, e que tão bem symbolisa a ascensão, a harmonia, o equilibrio e a segurança. Pois tudo isso não presuppõe uma dynamica muito especial?

Actualmente ha muito psychologista exclusivo, simples profissional. Será uma vantagem... Mas a sua obra nunca suplantará a que nos deixaram os philosophos — os espiritos universaes, que vêm á psychologia trazidos pela necessidade de explicar o espirito para explicar a humanidade, e que trazem para o estudo do espirito tudo que sabem, da historia, da natureza e do universo. Mesmo nos nossos dias: a contribuição representada dos trabalhos de Stewart Mill, Spencer, Taine, Humbolt... são, para a orientação da psychologia, mais preciosos que as experimentações desses milhares de myopes e microscopistas. São philosophos que se fizeram psychologos pelo mesmo motivo por que os W. James, Ribot, Hoeffding, Baldwin, Wundt, se fizeram philosophos — as absolutas dependencias do espirito na sociedade.

*
* * *

A historia existe, e se faz, para attender á condição essencial da intelligencia, cuja actividade se realisa sempre como *utilisação do passado* — e lu-

cidade do presente pelo passado, graças a uma experiência acumulada. Ora, essa é a própria racionalidade da história. As suas leis não podem deixar de ser, ao mesmo tempo, leis do espírito que se realiza. A sucessão histórica tem de explicar muita coisa da evolução dos espíritos, assim como a psychologia deve patentear a lógica do desenvolvimento histórico. Nunca poderíamos compreender a fórmula das consciências, si, considerando-as syntheses isoladas, desprezassemos, na sua explicação, a massa formidável das tradições e dos documentos que as civilizações têm accumulado.

Phenomenos tão complexos, como esses — do espírito, têm que ser estudados com recurso de todos os methodos possíveis, e racionalmente applicaveis: observação pessoal, experimentação de laboratorio, critica philosophica, pesquisa linguistica, investigação histórica... De todo modo, em cada caso, a orientação geral será sempre — a interpretação da consciencia pelas referencias ao conjuncto. A produção artistica, a obra litteraria.. instituições históricas, religião, linguagem... tudo deve ser interpretado, e deve contribuir para que se comprehenda e se verifique a actividade do espírito. Finalmente, o estudo da natureza psychica, no homem, tem de ser feito numa convergencia perfeita de — sociologia, archeologia, linguistica, historia, moral... convergencia mais formal ainda do que a que, pela geologia, paleontologia, biologia, nos leva a conhecer a natureza em geral.

*
* * *

Justificando o methodo seguido nestas paginas, será conveniente explicar alguma coisa da sua forma, quanto ao sentido de algumas expressões.

A psychologia tem a desvantagem de lidar com uma tecnologia feita de termos que são, pela maior parte, de toda gente, mas que têm, na linguagem corrente, accepção vaga, variavel, como não convem ao rigor das definições e das analyses scientificas. Além disto, pois que se trata de phenomenos excepcionalmente complexos, de valor subjectivo muitas vezes, mesmo na penna dos psychologistas, varia muito a respectiva significação. É quasi impossível discorrer a respeito de psychologia sem dar lugar a ambiguidades; ainda que se sirvam dos mesmos termos, os autores lhes dão accepção especial, pessoal, de accordo com as suas doutrinas ou necessidades do pensamento. Sem ir mais longe: si ha termo que pareça de valor constante e claro é este — symbolo, como equivalente de signal mental, principalmente na expressão — *pensamento symbolico*; é o pensamento com ideias, evocadas nos respectivos symbolos. Ora, a psychanalyse, usando o termo «symbolo» no sentido bem translato de — imagem que corresponde a um estado de consciencia, mas que o mascara; alargando mais ainda o sentido da expressão, chamam finalmente de pensamento symbolico — o que se faz com imagens, sem jogo apparente de ideias... Isto vem a ser justamente o opposto da significação consagrada.

Por tudo isto, para fazer bem claros os conceitos, pois que os factos discentidos já são por si mesmos muito complexos, estas paginas se desenvolverão sem exageros de tecnologia, como si tivessem de ser lidas e julgadas por quem não tenha especialisação de psychologia. São inevitaveis alguns termos technicos, mas todos serão singelamente definidos, ou commentados. As noções primordiaes, de referencia constante, serão desde já apresentadas.

e indicadas em termos explicitos, á luz de exemplos inconfundiveis.

I *Impressão* — encontro de uma agente qualquer com as extremidades dos nervos sensoriaes.

II *Excitação* — effeito sobre o systema nervoso de uma impressão cujo agente, no entanto, é exterior a esse mesmo systema; ou — effeito de um estímulo originario da propria actividade interna dos centros nervosos.

III *Sensação* — repercussão na consciencia das excitações que, oriundas das extremidades dos nervos sensoriaes, propagam-se até os centros cerebraes.

IV *Percepção* — conhecimento immediato, concreto, das cousas que nos impressionam os sentidos.

O raio luminoso incide sobre a retina... a particula aromatica attinge — tóca o cilio da cellula olfativa da pituitaria... São *impressões*. E como a substancia nervosa é especialmente sensivel e impressionavel, o facto material da impressão determina nella uma qual modificação intima, uma sorte de superactividade vital: é a *excitação*, que se propaga dahi, da extremidade do nervo, sob a forma de *corrente nervosa*, até os centros cerebraes. No cerebro, esta excitação dá lugar a um phenomeno que repercute na consciencia, com o aspecto de *sensação*. A sensação é especifica, depende das condições da impressão, e varia com ella: é assucar — a sensação é *doce*... é vinagre, sensação de *azedo*... *muito* assucar — *doce forte*... *pouco* vinagre — *azedo leve*... A simples lembrança do azedo do fructo acido pode determinar uma excitação cerebral — de origem interna, por conseguinte, que produza effeitos semelhantes aos da excitação peripherica, sensorial, e preveocar uma salivação abundante... Um conjuncto de raios luminosos, oriun-

dos de um mesmo corpo, em determinada posição, impressionam-me a retina, produzindo uma certa combinação de sensações visuaes; sejam os raios luminosos que me vêm do papel, da machina, da borracha... e tenho a *percepção* — o conhecimento immediato dos respectivos objectos.

V *Representação* — tudo que se define na consciencia; uma sensação isolada é uma representação puramente sensorial; uma percepção é uma representação resumindo um *conhecimento*...

VI *Imagem* — é uma representação que se define como valores sensoriaes, mas que se faz sem excitação immediata dos sentidos. As imagens mais communs são simples lembranças de percepções: a memoria me traz á consciencia um compasso de melodia que ouvi hontem — é uma imagem auditiva... vem-me, do mesmo modo, a visão interior de pessoa que me foi apresentada... é uma imagem visual. Taes imagens resultam do simples exercicio dos sentidos; mas tambem me é possivel conceber e compôr a figura de uma casa que nunca vi, ou que não existe... é uma imagem creada, fructo da imaginação.

VII *Ideia* — é a representação abstracta e generalisada, de aspectes geraes das cousas, ou de relações. Quando penso: *Uma machina de escrever deve estar sempre sobre uma mesa muito firme e bem equilibrada*... a cada uma destas palayras corresponde rigorosamente uma ideia. Na realidade, não ha — *machina de escrever*... em geral; ha determinadas machinas, que forçosamente percebemos em determinadas condições de qualidade, de posição e de tempo. Os escriptores inglezes e norte americanos não dão a *ideia* o valor — de representação abstracta; confundem-n'a um tanto com a imagem.

a exemplo da antiga philosophia grega. Às abstrações, preferem dar o nome de *concepto*.

VIII *Atenção* — concentração de todas as energias mentaes num mesmo objecto, num mesmo assumpto.

IX *Associação das ideias* — propriedade mental ou modo de ser da actividade intellectual, em virtude de que, dada uma representação, outras são evocadas espontaneamente, como que attrahidas: machina — aparelho, mesa — gaveta ...

X *Abstracção* — operação mental mediante a qual consideramos e attendemos a uns attributos e aspectos das cousas, de preferencia a outros, e, ainda — pensamos nos attributos e nas relações, independentemente dos seres e dos phenomenos em que taes attributos se encontram, e em que taes relações se realisam: *doçura, jelicidade, nutrição, mais, igual* ... são concepções que resultam de abstrações, como aliás, acontece com todas as ideias.

XI *Generalisação* — É o reconhecimento de um mesmo attributo, de uma mesma relação, numa universalidade de seres, ou de phenomenos. Ter a ideia de machina equivale a generalisar por uma universalidade de seres, umas tantas qualidades caracteristicas. A abstracção e a generalisação concorrem sempre na formação das ideias, e são, ao mesmo tempo, operações essenciaes em todo pensamento humano, na elaboração de todo conhecimento.

Dada a instabilidade da terminologia psychologica, estas rapidas definições serão de bom aviso para os não habituados a leituras desses assumptos. Com esses termos, cuja significação está bem clara, definir-se-ão, á medida do preciso, todas as outras noções, que devam ser caracterisadas ou explicadas.

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I

A FUNÇÃO DE SYMBOLISAÇÃO

1. *Condições geraes do symbolo*

A mentalidade humana se caracteriza e se define pelos symbolos; nelles se incorporam as ideias, para terem existencia real, e entrarem no jogo do pensamento, como verdadeiros valores mentaes; nelles se realisa a comunicação das consciencias. Capacidade exclusiva do homem (1), a ideia em symbolo é essencial, tanto para o poder da intelligencia, como para o viver social. O objecto destas paginas será justamente este — analysar e accentuar os aspectos symbolicos, na actividade intellectual e no conjuncto da vida psychica, para indicar, de modo preciso e documentado, o verdadeiro papel do symbolo no desenvolvimento da intelligencia humana, e a sua

(1) Os psychologos naturalistas, da escola de Romanes, por exemplo, admittem e sustentam — que o espirito humano resulta de uma evolução natural de actividades psychicas, verificadas em outros typos animaes. Mesmo estes, reconhecendo que ha differença entre o pensamento humano e a mentalidade animal, limitam-n'a a esse ponto: «Está reconhecido que a só e unica distincção entre a psychologia humana e a animal consiste em que a primeira apresenta essa faculdade de traduzir as ideias em symbolos e de empregar os symbolos em lugar das ideias». (*A Evolução Mental no Homem*, trad. franc., de Varigny, pag. 83).

importancia na socialização da especie. Isto equivale a estudar tudo que ha de proprio na symbolização: origem e evolução dos symbolos, suas formas e funções — como notação de ideias e como signal de linguagem. Para tanto, porém, — para bem comprehender a formação e evolução dos symbolos, é indispensavel ter em consideração dous aspectos primarios da actividade psychica: a *associação das ideias* e a lei da *economia*. O primeiro é de ordem structural; o segundo, de caracter dynamico.

É na propriedade associativa que se baseiam os symbolos; é da economia de actividade que elles derivam.

Propriedade essencial na mentalidade humana, a associação das ideias se define e se caracteriza por si mesma. De facto, toda a experiencia mental e riqueza de conhecimentos, em cada intelligencia, apresenta-se como uma vasta e intrincada tessedura de noções e de representações associadas. Partindo de um ponto qualquer, podemos fazer passar pela consciencia, de associação em associação, todas essas noções. Tão importante, e característico, e geral, é o facto, que a mais importante escola psychologista (na Inglaterra), do seculo passado, pretendeu explicar a dinamica do pensamento pelo simples jogo das associações. Será exorbitante a pretensão dos *associonistas*; mas, nem por isso, perde o facto da associação o seu caracter primario e indispensavel na vida do espirito... Onde, e como quer que haja psychismo humano, ha associação das ideias. Foi isto — o que ha de essencial e constante no phenomeno — que levou W. James a dizer: «O caracter do individuo está impresso nas suas associações».

Ha varios aspectos a considerar na actividade associativa: a diversidade de typos, de formulas,

da symbolisação. Analysemo-los, esses outros aspectos. A associação é essencialmente — attracção de uma representação sobre *outra*, ou sobre *outras*. Em toda associação, ha, a notar e a distinguir: a representação que attrae e a que é attrahida; si é uma e exclusiva a associação, e si é possível serem multiplas; a constancia e fixidez da associação, a presteza da evocação, a nitidez da representação attrahida ou evocada, e o motivo da associação. Façamos concretamente as distincções.

Visto o signal $+$, elle attrae e evoca a ideia de *somma*, addição... assim como as farpas de uma setta evocam e indicam a ideia de determinada direcção; mas, si, por um motivo qualquer, que não sejam os respectivos signaes, sou levado a pensar em *somma*, ou em directriz, estas ideias talvez não attraiam ou evoquem a imagem dos mesmos signaes. A outro proposito: o signal $+$ só evocará a ideia de *somma*; nella, exgottou-se o poder associativo; mas a ideia de *somma* evocará, talvez, o respectivo signal, e mais — a ideia de *prova*, cifras, papel, lapis... A primeira é exclusiva, e, ao mesmo tempo, por isso mesmo, constante, fixa, nitida, prompta. No segundo caso, a associação é multipla, e, por isso, dispersiva, apenas *suggestiva*. A primeira, por ser — constante, necessaria, fixa, prompta, nitida, é *significativa*. Eis um aspecto essencial na caracterisação dos symbolos: $+$ é o *signal*, isto é, o «symbolo significativo» de addição.

2. Associação symbolica

Não se trata ainda de definir o symbolo, mas, tão somente de mostrar que — a symbolisação é um typo particularisado de associação, utilizado como indicação, caracterisada por umas tantas qua-

lidades. Essas qualidades resultam da frequencia, ou da exclusividade de evocação. Um dos aspectos interessantes na psychologia do symbolo resultará do apreciar — como se estabelece uma tal exclusividade, mostrando quaes as condições necessarias para que uma representação se associe exclusivamente a outra, e só provoque uma determinada evocação. Isto equivale a estudar a propria formação dos symbolos, e indicar a marcha da sua evolução, até que elles adquiram essas mesmas qualidades, que são as dos symbolos perfectos. Antes de entrar nessa analyse, convem lembrar alguns factos de psychologia, a que é preciso attender, para comprehender bem a realisação e a marcha da symbolisação.

Na associação symbolica, temos a considerar — a representação evocadora, que é o symbolo propriamente dicto, e a representação evocada. A evocação pode ser exclusiva e *significativa*, ou simplesmente *suggestiva*, donde uma primeira distincção nos symbolos: *significativos*, e *suggestivos*. Voltaremos a esta distincção, para mostrar o que ha de característico e essencial, na psychologia do caso. O symbolo é geralmente uma imagem — um valor sensorial. Só por excepção funcionam ideias como symbolos; mas, mesmo assim, ha interferencia de elementos sensoriaes, porque, quasi sempre, a representação evocada é — imagem. As ideias occorrem geralmente em symbolos significativos. O mecanismo da symbolisação baseia-se essencialmente na associação. Veremos que a formação dos symbolos inclui, de facto, comparações, metaphoras, analogias, condensações... Ora, tudo isso se realisa mentalmente, num jogo de associações. São ellas que, finalmente, nos

impõem as imagens e governam as comparações e analogias.

A esse respeito, podemos fazer para as associações, dois criterios de classificação: quanto ao modo de *formação* e o modo de *evocação*.

Referidas á formação, as associações podem ser: *naturaes, occasionaes, logicas e convencionaes*. As associações por semelhança são todas naturaes — as *metaphoras*, analogias, eschemas... Grande parte das associações por contiguidade são tambem naturaes: as de causa e effeito, forma e substancia... *ferimento e dor, estampa e moldura*... Associações occasionaes, como o proprio nome o indica, são as que se formam por motivos transitorios, dependentes das condições objectivas dos factos, ou das nossas condições pessoaes: pregaram certo cartaz naquella esquina — a imagem do cartaz se associa, por isso, á ideia da rua em questão; em certo lugar recebi a noticia da morte de uma pessoa querida — a imagem do legar se associa, por isso, á ideia dessa morte.

Associações *logicas* são as que se impõem explicitamente á consciencia, na elaboração dos juizos, e occorrem nos raciocinios, constituindo a propria substancia do pensamento. Olho para um objecto e vejo uma *rosa*... Isto é, affirmo, de mim para mim — que aquillo é uma rosa. Ora, pela cor, pela forma, pela posição, tal objecto poderia associar-se a muitas outras cousas. Mas, dadas as condições intrinsecas da minha mentalidade, na necessidade de discriminar e ajuzar do que vi, é essa a associação que *logicamente* se me impõe ao pensamento. É uma associação *preferencial*. Wundt caracteriza muito bem o facto: «A associação é uma synthese que se ignora, ao passo que a mesma syn-

these, consciente de si mesma, é o juízo^(*). Nisto — no que têm de específico as associações lógicas, está a grande dificuldade, que a theoria associacionista não soube resolver, mostrando-se, dest'arte, insufficiente. O pensamento não consiste em simples associações, nem os juízos são associações quaesquer. Explicar o pensamento, contar a sua dynamic, equivale a mostrar como certas associações se tornam preferenciaes. O proseguir desta analyse nos deixará demonstrado, justamente, que no curso do pensamento predomina um determinado typo de associações — as symbolicas. Por que? Porque o pensamento é um dynamismo condicionado por ideias ou generalidades, e a ideia, qualquer que seja, existe incorporada num symbolo. E nada disto se explica pelo simples mecanismo das associações. São indispensaveis, mas não incluem toda a realisação do pensamento, que é, sempre, intrinsicamente — escolha e direcção entre as associações.

Todo esse capitulo da psychologia será devidamente estudado, a seu tempo, e, então, reconheceremos — que, finalmente, as associações symbolicas são instrumentos indispensaveis para a realisação do pensamento, isto é, das associações lógicas. Neste momento, o que é lembrado tem por fim, somente, caracterisar os differentes typos de associações.

Convencionaes são associações onde não se encontram nenhuns dos caracteres já estudados. Ellas existem como si se tivessem formado arti-

(*) Na technologia de certos autores, *symbolo* é equivalente ou synonymo de *signal*. Parece-me preferível conservar e empregar o termo na sua acceção geral e commum, correspondente á ideia de determinante de uma evocação. A palavra *signal* se applicará, então, aos symbolos significativos. De outro modo, nem teria propriedade a expressão *symbolismo*, com referencia á arte.

ficialmente. De facto, a maior parte das associações que existem sem apparentes liames logicos, ou occasionaes, tiveram uma origem natural, mas pela repetição, utilizadas frequentemente, deixaram perder-se a lembrança desses liames naturais, e ficaram com um valor puramente convencional: as parallelas, que symbolisam a *egualdade* mathematica, são indices naturais de duas cousas *eguaes*, em distancia *sempre egual*... mas tudo isto é esquecido na evocação provocada por este symbolo, e elle funciona como si fosse um simples artificio de convenção.

3. *Symbolos significativos; symbolos suggestivos*

A capacidade assignaladora resume o que ha de mais caracteristico na evolução dos symbolos. E por essa mesma tendencia — a ser simplesmente uma convenção, que as associações symbolicas, ainda quando se originem de semelhanças, tomam finalmente o typo de associações por contiguidade. Tudo isto tem de ser devidamente apreciado a proposito da evolução dos symbolos.

Como associação, o essencial, no symbolo, é o tom *necessario* da evocação. Nos symbolos significativos, essa necessidade é absoluta — fixa e exclusiva; taes symbolos são — imagens-signaes. Nos symbolos suggestivos, não ha, propriamente, exclusividade de evocação; muitas associações podem occorrer — mas, dentre ellas, uma é predominante: *tesoura* é o symbolo suggestivo de *cortar*, separar... Outras ideias viriam á mente, attrahidas pela imagem, ou o nome, desse instrumento, mas a da acção — *cortar* — não falharia. Ahí, e noutros casos — cão-fidelidade, fuzil-estampido, rosa-espinho... é tal o predominio da associação indicada, que o

symbolo tem, quasi, o valor de um signal. É de toda evidencia que esse predominio, da evocação symbolica, pode ser mais ou menos accentuado; então, dizemos — que o *poder suggestivo* do symbolo é *maior*, ou *menor*.

Ha um typo de symbolica, muito caracteristico, quanto á formação — os symbolos espontaneos ou emotivos. No que se refere ao poder evocativo, elles têm de ser considerados symbolos suggestivos, si bem que de um poder suggestivo especial, em certos casos irresistivel. Em muitos delles, ha verdadeira exclusividade: pranto-dor, tremor-medo, febre-doença... Mas não se lhes pode dar o nome de significativo, porque o uso do signal presuppõe um proposito, e estes symbolos são essencialmente espontaneos. No entanto, alguns, dominados pela vontade, são realisados e utilizados intencionalmente, e servem como symbolos significativos — o sorriso, gemido, bocejo... e grande numero das expressões physionomicas e intonações.

Esta distincção — *significativo-suggestivo* — refere-se á forma da evocação; e, agora, a proposito do character das associações symbolicas, é isto o que importa. Tanto vale dizer que, ahí, distinguem-se os resultados obtidos com os symbolos, e, não, a natureza delles: distinguem-se os meios, e, não, os symbolos. É uma distincção que não alcança a essencia da symbolisação, como capacidade caracteristica da mentalidade humana. Poderíamos defini-la assim: por mais estensos e geraes que sejam, os nossos estados de consciencia têm a tendencia a unificar-se, e podem ser utilizados como unidades ou valores mentaes; a unificação se torna explicita numa imagem-symbolo, e é o symbolo que se evoca quando o respectivo valor mental ocorre no pensamento. O exercicio da memoria nos dá demons-

tração muito expressiva — do quanto vale a symbolisação. As nossas lembranças incluem, muitas vezes, processos longos, num complexo relacionamento de representações. No entanto, utilizamol-as normalmente como unidades mentaes, porque as lembranças correntes existem, sempre, ligadas a um symbolo, e é a elle que nos dirigimos quando queremos evocal-as. Os symbolos facilitam, e como que governam o exercicio da memoria; é nelles que reconhecemos explicitamente as lembranças.

Ha muitas distincções, quanto á natureza dos symbolos e dos estados de consciencia evocados. Ellas se farão a seu tempo, no capitulo consagrado especialmente á classificacão dos symbolos, capitulo que resumirá os diversos aspectos na analyse do assumpto.

A associação symbolica se caracteriza, pois, pela predeterminação da evocação. Nos significativos, o symbolo é *exclusivamente* o signal (°) duma representação, ou determinado estado de consciencia; nos symbolos suggestivos, o poder de suggestão vem justamente da predominancia de determinada representação, sobre todas as outras que poderiam ser evocadas. Este é o aspecto capital, na symbolisação; delle derivam as propriedades essenciaes do symbolo; por elle se explicam as suas funcções no conjuncto da actividade psychica.

(°) Bechterew chega a dizer: *As nossas sensações são, propriamente falando, symbolos subjectivos de certas variações no estado do organismo*. Os grifhos são do autor, que, no caso, procura significar a absoluta correspondencia que ha entre as modificações produzidas pela impressão e os respectivos estados de consciencia. (*Psychologie objective*, pag. 11).

4. *As representações simbólicas*

Uma das primeiras consequências da unidade de evocação, na associação symbolica, é que — toda forma ou imagem, todo estado de consciencia, pode servir de symbolo; todo valor mental deve ter seu symbolo, todo estado de consciencia pode ser symbolisado. E temos, então: imagens — symbolos de ideias (é o caso mais commum), imagens — symbolo de outras imagens, ideias — symbolos de ideias, imagens — symbolos de pensamentos completos, imagens — symbolos de sentimentos e emoções, ideias — symbolos de sentimentos, ideias — symbolos até de puras sensações organicas e dos concomitantes estados affectivos... Finalmente, a associação symbolica pode evocar, ou ter como correspondente, trechos inteiros de vida, theorias formaes, systemas philosophicos completos... Muitos dos nossos *symbolos pessoais* são desse valor. Quando, pensando em certo medicamento, nos vem a sensação de nausea, é que — uma ideia foi symbolo de sensações organicas, visceraes. De modo geral, o nome das imagens são symbolos dellas: almiscar, baunilha, fuzilar, lodaçal, fumarento, estrepitoso... Cada um de nós tem inscripto no proprio vocabulario, a formula da sua sensibilidade. Num ataque a florete, um encontro de boxe, os movimentos e attitudes dos combatentes são symbolos intensissimos, para a resposta do adversario. Um modelo que se effereça á imitação, é symbolo para a organização e realização dos actos imitativos.

Todos estes typos e processos de symbolisação serão especialmente analysados, nos seus aspectos differenciaes, e nas funções particulares em que concorrem. Por ora, tenhamos-nos ás propriedades geraes do symbolo.

Tudo pode ser symbolo: tudo pode ser symbolisado — com tanto que haja unidade de evocação, ou correspondencia precisa (4). É neste sentido que se diz, com toda a razão: «A lagrima é symbolo da dor... Tal perfume, que symbolisa certa quadra da minha vida...» De facto, até sensações olfactivas e gustativas podem servir de symbolos, principalmente as olfactivas, que são poderosamente evocativas. É porque age nesse character de — unidade de evocação, o symbolo tem um papel primordial no pensamento humano: o de dar-lhe o fio conductor. Ao mesmo tempo, e por isso mesmo, com a symbolisação, realisa-se na vida do espirito, o principio da economia de forças, principio essencial em todo dynamismo. É tal a economia de actividade, a facilidade de mecanismo que o symbolo traz ao pensamento, que, sem elle, seria impossivel, realmente, o que ha de caracteristico e essencial na mentalidade humana.

5. O menor esforço e a symbolica

A economia de forças — a *lei do menor esforço* — é condição em toda actividade viva, e se manifesta de um modo tanto mais explicito, quanto mais complexa é a actividade. Ora, nenhum aspecto de energias vivas é mais complexo que o funcionamento do espirito.

Para comprehender a importancia e extensão desse principio basta considerar que muitas das modificações e adaptações organicas e funcioneaes

(4) Esta aptidão a pensar com termos geraes, usando de symbolos, que abreviam e resumem systemas detalhados de associações, eis a primeira característica da intelligencia humana». (J. B. Baldwin, *op. cit.*, pag. 244).

se fazem para satisfazer a essa necessidade -- do menor esforço. Cavam-se com lacunas aerreas os ossos das aves, alonga-se o corpo dos ophidios, lagartos e crocodilos, eliminam-se os articulos... tendo tudo isto como resultado uma accentuada facilidade de movimentos, manifesta excellencia de resultados, com um minimo de dispendio de forças. Ha, em biologia, um facto que se designa com a formula expressiva de -- convergencia de caracteres: a assimilação de formas da generalidade dos peixes, dos batrachios perennemente aquaticos, dos cetaceos e sirenideos... É, tambem, a forma geral da parte immersa das embarcações. Ora, que outra explicação poderia ter uma tal convergencia, si não essa mesma, de que -- é a forma que permite, com um menor esforço, a locomoção e a direcção dentro de um meio liquido?

A actividade psychica, consciente, é essencialmente complexa e reformavel; todas as suas reformas e modificações se fazem, rigorosamente: para corresponder a modificações do meio, ou para tornar as reacções e os movimentos mais facéis, com economia de tempo e de força. Nuns casos, substituem-se completamente as formas e os processos, como aconteceu na transformação gradativa da escripta ideographica em escripta phonetica, ou na substituição do antigo systema metrico pelo decimal. Noutros casos, conservam-se as formas das reacções, mas, por tendencia natural, repetindo-se, tornando-se habituaes, os actos simplificam-se no mecanismo, isto é, reformam-se, no sentido de se tornarem -- mais facéis, exigindo menos esforço de attenção e de contracção muscular. Tal é o caracter dos actos que, pelo habito, se tornam automaticos -- fazem-se meccanicamente, num minimo de tempo,

com um minimo de trabalho muscular, e quasi que inconscientemente, sem nenhuma attenção especial.

Ha, em phonetica, a chamada — lei do *menor esforço*, segundo a qual se explicam as deformações dos vocabulos, no sentido do abrandamento, com a tendencia a realisar um modo de vocalisação mais facil, menos penoso: de *noctis*, para *noite*, *pluvia* — *chuva*, *rex* — *rei*... Si o horizonte da grammatica não fosse insignificante e estreito como é, já os grammaticantes teriam visto que esta lei não é, assim, limitada á phonetica, mas extensiva a todos os factos da linguagem, principalmente nos seus aspectos essencialmente psychologicos, por ser, de facto, uma lei do espirito em geral. Em verdade, é mais para facilidade de percepção auditiva dos vocabulos, que elles se deformam, do que para a facilidade da respectiva articulaçào. Do modo geral — toda substituição de vogaes corresponde á conveniencia de audiçào: nem de outro modo se comprehende que tivéssemos passado do latim *pulla*, para o vernaculo *polha*, pois que a primeira forma é mais facil de pronunciar que a segunda. Mas, perceber e distinguir, pelo ouvido, a palavra *pulla* é bem mais difficil do que ouvir distinctamente a sonoridade — *polha*. A vogal *u* é de uma sonoridade surda, a sua substituição, aliás frequente, pelo *ô*, attende sempre a motivos de boa audiçào. A mesma cousa acontece com a *eliminação dos esdruxulos*; não é bem verdade que elles sejam sensivelmente mais difficéis de articular que os *graves* correspondentes — *rotula* e *rolha*, *regula* — *regra*... No caso, o motivo principal foi, certamente — a difficuldade de bem perceber e distinguir, na audiçào, essas duas ultimas syllabas, surdas, como são nesses casos. Foi por isso mesmo que taes eliminações se deram, principalmente nos

trissyllabos, onde a percepção do final surdo é mal compensada pela unica syllaba forte, a primeira. Em vocabulos taes, como — martyrio, milicia, policia, sacrificio... foi conservada facilmente a phonetica original, porque não havia maior difficuldade para a percepção auditiva. Si o *menor esforço* tivesse significação, apenas, para a phonetica, tambem não se explicaria que do francez *bagage* tivessem feito *bagagem*, cuja pronuncia é bem mais ardua que a original. Tal se deu porque interveio uma outra lei, de valor universal em psychologia — a da imitação — *bagagem* como *linguagem, imagem, rodagem*... Ora, qual a significação primeira da imitação? Facilidade de realisação, com o adoptar-se um regimen que já está instituido.

6. *Symbolo — indice da ideia*

O symbolo, onde quer que appareça, traz uma accentuada economia de realisação. O symbolo perfeito é signal-abreviatura: vale como indice de direcção, e como atalho que encurta a distancia. Com o symbolo alivia-se a attenção e reduzem-se os processos mentaes. A symbolisação é, sempre, uma substituição de longos encadeiamentos por uma simples representação, que será, até, um signal — exclusivamente signal. Estabelece-se, *espontaneamente*, ou *propositadamente*, a associação entre o encadeiamento de processos e o signal, e usa-se, depois, o signal. Em essencia, o que se dá, em modo geral, é isto mesmo que explicitamente se faz nos mecanismos algebricos: indicam-se, em symbolos, relações complexas, e o pensamento joga facilmente com esses symbolos, com os quaes *funcionam* formalmente essas mesmas relações, sem que tenha sido preciso tel-as explicitas na consciencia, ao longo dos longos calculos. Por isso mesmo, todo symbolo

é abreviação. Os symbolos dos elementos chimicos, por exemplo, são rées abreviaturas; mas as formulas symbolicas, principalmente na chimica organica, representam um symbolismo grandemente significativo: tal formula symbolizará e indicará, não somente a composição do producto, como a sua constituição intima, ou seja o processo de obtenção.

Em todos esses casos, está bem patente o que o espirito ganha com a symbolisação, e assim, concretamente, ficam indicadas as funções essenciaes do symbolo, nas conjuncturas mentaes em que elles apparecem. O symbolo verbal, que é o mais frequente, consiste num termo synthetico e breve, que resume e exprime, de modo abreviadissimo, um complexo de elementos e processos multiplos, substituindo-se perfeitamente a elles, na mente que o evoca e na de quem é por elle impressionado (de quem ouve, ou lê). Com esta abreviação, allivia-se o espirito, e o mecanismo consciente se torna de uma extrema simplicidade, constancia e facilidade. Para bem comprehender a significação geral da symbolica, é preciso considerar que toda a nossa actividade, no seu desenvolvimento de funções, tem de fazer-se em *normas*; a actividade simplesmente organica está normalisada em reflexos, a actividade consciente, em symbolos. Tanto vale dizer: o symbolismo é o regimen de tudo que não está mecanisado na rigidez do reflexo. É o symbolo que dá estabilidade, clareza e solidez ao pensamento. Neste sentido, tem toda a razão W. Hamilton, alli, quando diz que «as palavras (symbolos) são a fortaleza do pensamento». Em muitos casos, o symbolo commanda o reflexo, ou se substitue a elle. Tal acontece com a salivação e a propria secreção gastrica, si provocada pela imagem, ou o simples

nome de alimentos. Em essencia, o mecanismo é o mesmo: o symbolo intervem como excitação-causa do reflexo. Comparadas as duas formas de actividade — a puramente organica e a psychica, verificamos que o symbolo é para o acto evocado, o que a espinha é para o acto reflexo.

O symbolo tem, pois, funcção essencial, necessaria, na propria elaboração do pensamento. É um papel todo intimo, insubstituivel — o de tornar sensivel o conhecimento e conter a ideia. Na representação symbolica se inclue o valor mental que a ella se associa; tanto vale dizer: o symbolo é, no curso do pensamento, a consciencia da ideia. Com isto, a imagem-symbolo deixa de ser um mero conjuncto de sensações, uma percepção qualquer, para ser o expoente da determinada attitude mental. Vejo duas parallellas inclinadas, e, em seguida o signal =; no primeiro caso, apprehendi bem a imagem, mas poderei continuar impassivel, inactivo; ao passo que, no segundo caso, a imagem terá o effeito immediato, irrecusavel, de levar-me a consciencia para um pensamento de *egualdade*, isto é, ella foi o prompto commutador da corrente mental neste sentido. E tudo isto — a apprehensão da imagem-symbolo e a orientação do pensamento, far-se-á num só acto, que é o acto unico e momentaneo da percepção symbolica evocadora. Sobre os trilhos da symbolica corre toda elaboração mental explicita, e é no sensivel das suas formas que se faz a disposição e symetria do pensamento. Por isso mesmo, psychologicamente, é a symbolica a sua formula de acção e de vida. Podessemos, como simples observadores, contemplar o mover da intelligencia, e sentiríamos o symbolo como o retinir da ideia, ou as saliencias do pensamento.

Assim, devemos considerar o symbolo: forma

de íntima associação, na qual a representação symbolisada se condensa na imagem-signal, incluindo-se o seu valor mental na própria consciencia dessa imagem. No caso da symbolisação de ideia, parece, mesmo, que o symbolo se substitue a ella, quando o que realmente se dá é o seguinte: assim, íntimamente associada a um signal, a ideia tem uma função toda latente, subconsciente, porque está implicitamente contida nelle, por uma sorte de subentendido; a representação do symbolo provoca a reconstituição inconsciente da attitude mental e dos processos de que resultou a propria aquisição da ideia. E tudo isto se faz sem retardamento, nem desvio de attenção, nem mais dispendio de energia, do que o necessário para a conjunctura especial do pensamento. Um momento de consciencia — o perpassar do symbolo, basta para fazer valer o que ha de util na ideia; e a attenção fica livre para as representações ulteriores.

7. *Symbolo — complemento da abstracção; focalisação*

A ideia é feita de abstracções generalisadas. A ideia de meza, por exemplo, é feita com os aspectos ou attributos abstrahidos das mezas conhecidas, e que consideramos communs á generalidade desses objectos. Quando nos occorre essa ideia, evocamos-a no respectivo symbolo, que a contém de modo implicito, latente. As mais das vezes, segundo o curso do pensamento, consideramos principalmente, ou exclusivamente, um desses attributos. É o que me acontece agora mesmo: penso em meza simplesmente quanto ao aspecto — *supporte...* para a machina de escrever. Nesta função, os symbolos são especies de envólucros permeaveis, dentro dos quaes, as ideias, por mais ricas que sejam,

se apresentam como unidades, bem nitidas e limitadas, envolveros que, sem derramarem, na consciencia, o conteúdo explicito da ideia, deixam sair para o desenvolvimento do pensamento aquillo que, no momento, lhe convem. É bem de ver que — uma cousa será o pensar no valor total da ideia, outra o evocar a ideia como valor implicito e representação surda, para referil-a, apenas, a um dos aspectos do seu conteúdo, como acontece a quem exclama: «Ah! Neste mar de inquietações, em que vivo...» A ideia de mar é riquissima em aspectos, mas quem tenha pensado nesses termos, terá pensado, apenas, *num* dos seus aspectos menos importantes. E tal só foi possível porque a ideia existia unificada e evocavel num simples symbolo.

A esse proposito, é preciso distinguir: como poder de intelligencia, temos a capacidade de abstrahir e generalisar, para formar ideias, ou, pelo menos, para comprehender e adquirir as ideias já existentes (não esquecendo que a ideia é, justamente, o conjuncto de aspectos abstrahidos e generalisados); e temos a capacidade de symbolisar, unificar e resumir a ideia numa representação evocativa, a qual, na consciencia, permite utilizar em parte, ou totalmente, o valor da ideia, sem a necessidade de representar explicitamente o seu conteúdo. Pensar directamente com a ideia, independentemente do symbolo, equivaleria a pensar explicitamente no conteúdo della, refazendo todo o trabalho de abstracção e generalisação donde ella resulta, mediante o qual foi ella adquerida. Para a realisação da mentalidade humana, o essencial é essa primeira capacidade — de abstracção e generalisação. Não se pode symbolisar sinão o que existe; della resulta a infinita superioridade do nosso entendimento. Mas a segunda — a symbolisação, si bem

que derivando do poder de abstrahir e generalisar, é egualmente importante, porque nos assegura a plena posse das ideias, pela nitidez e limitação que lhes dá. Sem o symbolo, nem estaria completa a ideia; as suas possibilidades seriam sempre muito restrictas, e o seu emprego laborioso e falho, porque teriamos valores instaveis. Isto é, fora da unificação symbolica, a ideia seria uma representação insubsistente, a refazer-se constante, pois que lhe faltaria o que a normalisa e unifica, para ser um elemento seguro e prompto na experiencia mental

De tudo isto resulta que o symbolo traz facilidades especiaes á elaboração do pensamento, e lhe dá capacidade e poder que, sem elle, seriam incomprehensiveis. Pela symbolisação, sobe o espirito de abstracção em abstracção, até esses vertices inattin-giveis pelo entendimento que tem de pensar, em todo momento, com o peso de todas as condições explicitas da realidade. Assim se faz a sublimação do pensamento, porque cada gráo de symbolica é um degráo na ascensão do pensamento. Na formula da mentalidade humana, os symbolos são potenciaes; no seu poder latente se firmam e se incorporam as abstracções, para que se formem novas ideias e novas abstracções. Não ha duvida que os animaes superiores distinguem as cores principaes, communs; no entanto, ser-lhes-ia impossivel attingir a ideia de *côr*, porque lhes falta a capacidade de unificar em symbolos — verde, azul, amarelo, vermelho, o conhecimento, a experiencia particularizada desses matizes; com esses symbolos é que trabalha o nosso espirito, para constituir a abstracção superior

Já vimos que todo o processo da symbolisação se explica pela lei da economia. No caso, a econo-

mia se exprime como bóa utilização da energia pensante. Podemos falar, por conseguinte, da — força dos symbolos. Na apreciação commum, julga-se do valor de uma intelligencia, pela sua capacidade de expressão — pela riqueza do vocabulario. O criterio é falho, porque ha mentalidades presas a *vozes rarias* — a palavras que nada dizem, realmente, porque nada symbolisam. Mas, si tomamos como formula de apreciação o *stock* de symbolos, em cada intelligencia, temos ahi criterio seguro para medir-lhe a riqueza e o poder effectivo. Não esqueçamos que o symbolo não é somente a notação de um valor mental, si não um factor excitante, como fio conductor que é do pensamento. Por elles, com a sua successão, se faz a direcção sensível dos juizos. Muitas vezes, a sua funcção é bem explicitamente esta — projectar o pensamento em determinado sentido. Pensamos com ideias substanciaes e ideias-relações; sendo o symbolo o indice mental, si se trata de uma ideia de relação, o papel do symbolo é justamente — o de levar as ideias substanciaes numa certa direcção. O exemplo definitivo e ampliado desse aspecto, na funcção dos symbolos, nós o temos com o caso das chamadas — quantidades negativas. Realmente, não ha, nem poderia haver, quantidades assim; o symbolo — significa, tão somente, e bem nitidamente, que, em vista d'elle, os numeros devem ser contados numa direcção opposta á da existencia real.

CAPITULO II

MECANISMO MENTAL DOS SYMBOLOS

8. *Generalisação da symbolica na actividade consciente*

A longa analyse que fizemos atravez da symbolisação deixou patente estes dous factos: que o pensamento humano se caracteriza pela necessidade de symbolos (1); e que o mecanismo symbolico é sempre — abreviatura, condensação, unificação, eliminação da consciencia, por meio de substituições, de tudo que é dispensavel para a actualidade do pensamento. E, por isso, a symbolica se torna o regimen de toda a vida intellectual. Os conhecimentos adquiridos, as verdades verificadas, ficamos em symbolos. Só desta forma podem ser lucidamente comparados, e entrar francamente no jogo da logica. O espirito formado vae por entre os motivos symbolicos, como primitivamente se movia por effeito das simples sensações. Attendendo a isto, tem razão A. Comte quando reclama uma *logica das sensações*, em par com a logica dos symbolos. No emtanto, si consideramos o sentido necessario da expressão, devemos reservar o termo — *logica-logos* — para a dependencia formal entre os

(1) Max Muller chama a symbolisação — o Rubicon do espirito humano, na conquista do pensamento abstracto.

symbolos. Assim, podemos considerar o homem — o animal essencialmente logico: é o unico que pensa com symbolos. A sua riqueza cerebral permite armazenar uma experiencia vasta e complexa, systematisada em conjunctos, cada conjuncto reconhecivel e utilisavel num symbolo.

Nessa complexa experiencia, para o seu perfeito desenvolvimento, ha uma verdadeira superposição de systemas — symbolos de symbolos, de symbolos... da mesma sorte que ha ideias elaboradas com outras ideias, que já derivam de ideias... É neste caso, que bem podemos apreciar o quanto ha de facilidade e economia no recurso da symbolisação. A escripta hieroglyphica — em symbolos de ideias, já era uma enorme vantagem, como facilidade de retenção, de conservação e de communicação; mas a escripta em symbolos de sons é infinitamente mais economica e simplificada. No entanto, ainda não nos basta, e creamos — symbolos para a escripta dos termos mais communs: *Sr. Dr. D. S. SS...* e tantas outras abreviaturas, que são, de facto, symbolos de symbolos, de symbolos...

Em virtude das suas qualidades caracteristicas, a symbolica se estende por toda a vida consciente, mesmo além do que é estrictamente intellectual. Si não, vejamos: emblemas, brazões, devisas, disticos, maximas... que significam, realmente? A conveniencia e necessidade de symbolisar num padrão eschematico o proceder pessoal, o modo de pensar e de agir, de tal sorte que, na visão do emblema, na evocação do lemma, venha a indicação formal e immediata da norma adoptada, sem que seja preciso pensar explicitamente nos motivos Moraes, ou outros, que determinaram a sua escolha, ou accettazione. O symbolo-emblema adquire o poder de impor-se á consciencia com o mesmo valor dos

motivos affectivos que intervieram na sua adopção. É este o melhor exemplo de — *symbolo de vontade*; com elle verifica-se que, ainda neste caso, a dynamica do symbolo é essencialmente a mesma.

9. *Abreviuação e nitidez do symbolo* (?)

A influencia simplificadorã do symbolo se torna bem patente nestas conjuncturas explicitas: o pensamento com intervenção de ideias — generalidades não symbolisadas, e o mesmo pensamento, com a intervenção das mesmas ideias já symbolisadas.

Toda pessoa de mediana cultura, com a mentalidade feita, tem a ideia perfeita de LIQUIDO, ideia em cujo conteúdo entram attributos positivos e negativos: não consistencia, cohesão insufficiente para assegurar uma forma propria, distribuição igual de pressões... E esses attributos se materialisam nos factos — tomar a forma do continente, escorrer, estender-se horisontalmente... Na mente da criança, ou do homem do povo, o valor mental correspondente a nossa ideia de liquido é uma generalidade incompletamente abstrahida, fortemente appensa á ideia de *agua*, porque é na agua que,

(?) Assim considerada a função do symbolo, tem-se a explicação da longa e classica contenda philosophica — *sensualismo, nominalismo, conceptualismo*, e temos, tambem, a solução justa do caso. Si consideramos *nome* como equivalente de symbolo, têm razão os nominalistas, pois que a consciencia da ideia se resume no symbolo: pensando com ideias, pensamos, de facto, com os respectivos symbolos. Mas, si attendemos que o symbolo é, em ultima analyse, uma imagem — uma representação sensorial, têm tambem razão os sensualistas: pensando, temos sempre na consciencia representações sensoriaes. Finalmente, devemos considerar que o symbolo só é valido si, em baixo d'elle, ha um concepto, cujo valor mental nelle si incluye; e, deste modo, pensando com o symbolo, fazemos valer sempre o concepto — têm razão, por isso, os conceptualistas.

mais frequentemente, elles se têm encontrado com essas propriedades, por nós já abstrahidas na ideia perfeita e symbolisada de — liquido. Imaginemos, agora, uma situação em que o homem culto e o ainda inculto tenham de pensar com esta abstracção-generalisada. Por exemplo: encher completamente, occupando todos os poros apparentes, um determinado volume... «Com um *liquido* qualquer, resolverei perfeitamente o problema...» reflectirá a mentalidade feita, completa. Nisto se consubstanciará o seu pensamento; o valor da ideia — *liquido* terá a instantaneidade da representação do respectivo symbolo, qualquer que elle seja; e ella terá realizado o seu papel, correspondendo aos motivos que a fizeram evocar, sem que se tenham reconstituído explicitamente os processos de abstracção e de generalisação, mediante os quaes foi ella adquirida; nem mesmo se terão formulado explicitamente os aspectos essenciaes que são o conteúdo da propria ideia. Quer dizer: a pessoa terá pensado em — *liquido*, sem a consciencia formal de que o faz porque o liquido tem taes e taes propriedades. Em vez disto, quem não tem distincta e symbolisada essa ideia, examinando a situação, chegará a mesma solução, mas só o conseguirá depois que houver realizado, bem explicitamente, o trabalho de abstracção e generalisação preciso para reconhecer, e affirmar, de si para si, que — a agua, ou qualquer coisa como agua, que assim escorra, e se espalhe, e se infiltre, servirá para o caso. Com a repetição, a ideia se destacará de mais em mais; os processos de evocação se farão cada vez mais simples e mais curtos. Mas, no curso dessa elaboração, ella se prenderá fatalmente a um signal qualquer: *symbolisar-se-á*. É a condição indispensavel para a sua classificação definitiva, no conjuncto da experien-

que leva á concepção formal de uma formidável grandeza em distancia.

A luz, em cuja propagação se realisa a maior velocidade conhecida ⁽³⁾, percorre 299.000 kilometros por segundo; os raios solares, não obstante a enorme distancia de, quasi, 106.000.000 kilometros, chega-nos no tempo insignificante de 8 segundos. Consideremos nisto, e pensemos, agora, que — a luz que nos vem da mais proxima das estrellas, gasta 3 annos para fazer o seu trajecto. É o astro que se acha á formidável distancia de *quarenta e dous milhões de bilhões* de metros! No entanto, este percurso é insignificante, si reflectimos que a luz da nebulosa mais visinha do nesso systema estellar só nos chega depois de um trajecto de 45.000 annos, pois ella se acha a uma distancia que assim se escreve — 400.000.000.000.000.000.000 metros... ou, em numeros falados — *quatrocentos bilhões de bilhões* de metros... Como indicação de grandeza, já não temos a base mental necessaria para, num desenvolver de pensamento, apreciar immediatamente as respectivas relações numericas, e ajuizar das proporções entre as referidas distancias. Fôra preciso, em cada caso, em face de tão formidáveis numeros, suspender o curso do pensamento, para reflectir especialmente, e detidamente, no proprio enunciado. Considerando nisto, os astrónomos adoptaram um outro criterio para a apresentação de taes distancias e dimensões. Por um rapido e muito simples raciocinio, assente em concepções accessi-

(3) As modernas ideias, em physica, são de que — «essa velocidade-limite... é, a certos respeito, analoga á temperatura de 273 grãos abaixo de zero, e que chamamos de zero absoluto, e que ella é, na natureza, um limite intransponivel» (Ch. Nordmann, *Einstein et L'Univers*, pag. 58).

veis a todo espirito culto, elles impozeram uma nova orientação na apreciação immediata das distancias: «Si, num segundo, faz o raio luminoso 299.000 kilometros, que distancia não percorrerá elle — num minuto... numa hora... num dia... num mez... num anno?!...» E passaram a indicar as grandes dimensões, nos espaços sideraes, referindo-se á distancia que o raio luminoso perfaz no periodo de um anno. Foi uma ideia que se formou, na concepção das medidas; e os livros de vulgarisação nos dizem: ao passo que a *A*, do Centauro está numa distancia que exige, apenas, 4,5 annos para fazer chegar até nós a sua luz, a nebulosa de Andromeda manda-nos luz em 6 annos, a estrella polar em 46 annos, a gigante *Betelgeuse* em 180 annos; a mais afastada estrella, ainda pertencente ao nosso systema — galactico, em 2.000 annos; a mais longinqua nebulosa, em 10.000.000 de annos...

Assim, analyticamente apresentado, em cada apreciação de distancia, temos que refazer o raciocinio que nos leva á concepção da formidavel grandeza. Outro é o caso, quando, accitando o symbolo com que elles completaram a elaboração da ideia — *anno-luz*, pensamos com elle. Possuido deste symbolo, vemos realisar-se a substituição mental — de uma ideia padrão feita de dados sensiveis, por um padrão resultante de um raciocinio, e que por um raciocinio se impõe, sem deixar de ter rigorosa significação mathematica. E quando nos servimos do padrão assim symbolisado — *anno-luz*, já não nos é preciso refazer o raciocinio originario: o seu valor, com todas as suas consequencias, está implicito no symbolo. Não é preciso, por exemplo, nenhum tirocinio especial nos assumptos astronomicos para apreciar, immediatamente, o valor nume-

rico e as relações de proporções que Arrhenius nos apresenta nestes termos: «O nosso systema solar tem um diametro que é, apenas, de 0,002 anno-luz; o systema estellar que Shapley chama de *local* tem um diametro de 3.300 annos-luz... e nós estamos a 60 annos-luz do seu plano norte... O systema dos grupos dispersos de estrellas, a que se dava antigamente o nome de Via-Lactea... e os dous grandes systemas das Cepheidas, formando o conjuncto a que modernamente se considera como o systema galaxico, tem um diametro de mais de 20.000 annos-luz; por fóra dos planos limitando o systema lacteo, está o systema dos *agglomerados globulares*, cujo diametro não é inferior a 300.000 annos-luz, e por fóra de tudo, nos espaços que ainda podem ser prescrutados, o systema das nebulosas espiraes, ainda pouco conhecidas, e que se acham a 660.000 annos-luz, e mais.» Eis o Universo definido, limitado, medido, nas abreviaturas de um symbolo padrão.

O ajuizamento facil, como ali se vê, resulta da virtude intrinseca do symbolo, que, na evocação da ideia, permite supprimir todos os processos intermediarios, e faz valer, no proprio acto da evocação, os simples effeitos mentaes da mesma ideia. Ao longo dos seus estudos, o candidato a medico tem de attender especialmente á descripção e a observação de cada uma das organizações estruturales e physiologicas do corpo humano, para ter a ideia precisa de cada uma das funcções... Seja a secreção renal. A ideia correspondente comprehende explicitamente os trez aspectos: secreção apenas selectiva; simples filtração, sob forte pressão nos glomerulos; intensa depuração e collecção pelos epithelios dos ramos ascendentes das alças. Esta ideia, assim complexa, symbolisa-se nos termos

função renal, ou uropoese, e, agora, confida num symbolo, tal ideia ocorrerá prompta e facilmente, para os juizos que o clinico tenha de formular. Nestes juizos, elle fará apreciações justissimas quanto á physiologia relacionada com essa mesma ideia, sem que lhe seja preciso, a cada passo, lembrar que: a secreção renal consiste nisto, naquillo...

10. *A symbolica de affectividade tambem é abreviatura*

O aspecto de economia, pela suppressão dos intermediarios, é sensivel, sobretudo, nos symbolos affectivos e nos de vontade. F. se queimou, um dia, ao brincar com fogos de S. João; a ferida foi excepcionalmente dolorosa... O ruido do *queimar de fogos* será para elle um symbolo de terror intimo; basta-lhe a primeira sensação de tal ruido, sem ter necessidade de lembrar os terriveis effeitos da queimadura: eis-o tomado de emoção, como si se visse directamente ameaçado. Mais expressivo, ainda, é este caso: o individuo teve de tomar um vomitivo; já nauseado com a expectativa dos effeitos, reteve o nome do remedio, o aspecto do frasco... E a nausea cresceu, com a acção positiva da droga; foi uma verdadeira angustia organica, até os resultados definitivos. Tempos depois, a pessoa vê o frasco do remedio, ou percebe pronunciarem-lhe o nome, e basta isto, para que sobrevenha um accentuado estado de nausea. Neste caso, o symbolismo toma character especial, porque temos, de facto — uma ideia, ou um conhecimento, symbolizando sensações, quando a formula geral é que — valores sensoriaes symbolisem ideias. Não esqueçamos, porem, que a ideia é, por sua vez, symbolisada — pela imagem do frasco, ou a imagem verbal .

Na realização da vida moral, para a manifestação dos sentimentos superiores, o symbolo tem essa mesma significação, com a mesma efficacia. O culto — religioso, ou patriótico, o apuro dos affectos propriamente humanos, fazem-se num regimen de praticas que procuram aproveitar, justamente, as virtudes condensadoras e as formulas abreviadas do symbolismo. A, tem manifestado sempre muita amisade por mim; as suas repetidas bondades fizeram crescer em meu espirito uma viva gratidão... Conheço B.; sei quanta generosidade ha no seu coração, quanta modesta dignidade vive no seu character... Vejo o retracto de A., e, antes de lembrar o bem que elle me tem feito, sem nenhuma representação explicita dos motivos da minha gratidão, sinto intumescer-se-me o peito numa profunda emoção. Ouço dizer que morreu B., subitamente, o coração se me opprime, dolorido, como si, longamente houvera reflectido nas virtudes reaes do morto... Nestes casos — do symbolismo affectivo e esthetico, a simplificação das formas e a eliminação de processos intermediarios, permitem uma condensação especial de energias psychicas no sentimento. Todo o tempo que já não se gasta em pensar e comprehender, todas as energias que não são gastas em reflectir nos motivos racionais de sentir, concentram-se nesse mesmo sentir... «Não é com a razão, sinão com o coração que amamos... Para bem amar, é preciso não comprehender... O sentimento, para ser profundo, tem que ser exclusivo...» Estas formulas, justas, verdadeiras, dizem a necessidade que têm os estados affectivos de absorver e concentrar todas as energias disponiveis no momento. E é com o symbolo que isto se realisa. Toda affeição tem a sua causa; desde

que a affeição se tornou habitual, a respectiva causa vale como um symbolo — imagem, ou ideia. É o objecto do sentimento. Si, numa conjunctura qualquer, vem o symbolo á consciencia, torna-se a representação exclusiva della; não ha que pensar, nem discorrer. Essa evocação é o motivo bastante para concentrar as forças do espirito sob a forma de affectos, que formarão um halo de paixão, em que o symbolo mais se destaca.

Esta é a dynamica elementar do symbolo na vida affectiva; ella corresponde, absolutamente, á lei da economia e condensação, e já nos indica as condições a que devem satisfazer os symbolos de culto, e de esthetica, que propositadamente creamos. Em capitulo proprio, será dado desenvolvimento especial á analyse — da symbolica sentimental. Quasi sempre suggestiva, ella tende, normalmente, para exclusividade e abreviação; mas, ao passo que o symbolismo puramente intellectual visa a exclusividade de direcção, o symbolismo affectivo se faz como exclusividade de concentração no emprego de energias. No dominio da affectividade, a função do symbolo é muitas vezes formalmente inhibitoria; tal acontece a quem, ao ouvir certa voz, ficou inteiramente detido, inhibido de continuar.

11 *Vantagens economicas do symbolo*

De todo modo, a excellencia da symbolisação está sobretudo na economia que ella realisa. Esta é a sua essencia no dynamismo psychico. Desde que, pela riqueza cerebral, possibilidades especiaes nos são dadas, tudo que é economisado pelo jogo dos symbolos, tem emprego em formas superiores de pensamento, em intensidade de sentir e de realizar. Neste regimen, o espirito estende os conhecimentos systematisando-os em ideias, limitando as

concepções, consubstancialisando-as em symbolos, que permitem os processos summarios e as formas abreviadas. O symbolismo verbal, que é o regimen mesmo do pensamento, realisa perfeitamente todas essas condições. Com elle, a analyse e a synthese, processos necessarios de conhecer e de organizar a experiencia mental, acham-se simplificadas, e, de antemão, orientadas. Na physiologia do pensamento, o symbolismo é a formula subje-tiva de encadeiamentos encurtados pelo habito, e que permitem achar, de prompto, as reacções definitivas e uteis. «É evidente que os reflexos sym-bolicos (1) ficitam grandemente a actividade neuro-psychica do homem, tornando-a ao mesmo tempo mais superficial e mais eschematica... Basta uma reviviscencia dos traços cerebraes, traduzindo-se num estado de tensão nervosa a que chamamos de *palavra interior*. Isto realisa uma grande economia de trabalho muscular, e torna as reacções symbolicas particularmente rapidas». Ribot é mais definido, no dizer: «O symbolo serve a superar as difficuldades (do pensamento), como, na pratica, a alavanca e os seus aperfeiçoamentos servem para levantar os pesos» (2). E tudo se resume na formula expressiva de L. Dugas, com que se fecha e synthetisa o seu livro sobre o *psyllacismo*, isto é, o verbalismo puro: «Em resumo, o espirito é um: os symbolos pelos quaes o homem traduz suas sensações, e aquelles pelos quaes elle exprime as mais profundas ver-dades da sciencia, são submettidos ás mesmas leis. Qualquer que seja o trabalho a que se applica o nosso pensamento, por instincto, ou reflexão, elle dirige, isto é, adapta e limita o seu esforço; a

(1) W. Bechterew — *op. cit.*, pags. 374-375.

(2) Th. Ribot — *L'Evolution des Idées Générales*, pag. 165.

marcha do espirito, como o movimento dos corpos, segue sempre a linha da menor resistencia» (6).

O symbolo, com a sua função primeira e essencial na elaboração íntima do pensamento, é o necessario instrumento de simplificação, para a evocação e individualisação das ideias, que, incorporadas nelle, passam pela consciencia como systemas de abreviaturas mentaes. Mas não esqueçamos que o pensamento é nimamente socializado, e que as ideias, que formam a propria estructura mental, são, realmente, valores sociaes. A ideia só existe, de facto, quando vive na mentalidade collectiva, isto é, quando a consideramos um *equivalente* para o pensamento, em qualquer das consciencias associadas. *Machina* é machina para os meus juizos, como para os de qualquer espirito formado sob o influxo desta civilisação a que pertença. Esta é a essencia mesma da sociedade humana: aggregação instinctiva de individuos, relacionados explicitamente pela consciencia, pensando em commun, com as mesmas ideias, segundo os mesmos processos. E como, socialmente, a ideia é o proprio symbolo, para o criterio social, o pensamento é um jogo de symbolos. Sob a forma symbolica se fazem todas as communicações; em symbolismos se realisam todas as relações.

Por isso mesmo, num estudo formal — da psychologia do symbolo, tivemos de distinguir duas partes — o symbolo *instrumento de pensamento*, o symbolo *instrumento de comunicação*. Uma função deriva necessariamente da outra; mas são dous aspectos distinctos na analyse dos processos symbolicos, e em capitulos distinctos os estudaremos.

(6) L. Dugas — *Le Psyticisme et la Pensée Symbolique*, pag. 195.

Agora, trata-se, apenas, de assignalar que, estendendo-se da elaboração íntima, para a communição das consciencias, o symbolo é aproveitado, em virtude das suas propriedades essenciaes: elle é abreviatura para o pensamento, é abreviatura para a communição, isto é, na linguagem. Ha, no caso, manifestação, bem explicita, do principio de economia, pois tudo se resume no facto de que — *uma* mesma elaboração, *um* só trabalho de referencia, serve a *dous* fins, qual mais importante.

Toda linguagem presuppõe a producção e o uso de signaes, isto é, a realisação e expressão de symbolos; mas, na elucidação dos factos, de accordo, mesmo, com o que já foi analysado, temos que distinguir, psychologicamente, duas formas de linguagem, considerando como linguagem — toda expressão intencional: *linguagem directa* ou imaginada, e *linguagem propriamente symbolica*. É uma distincção que deriva essencialmente do character dos symbolos usados: a primeira consiste no externar de symbolos naturaes, instituidos, muitas vezes, no momento, em correspondencia actual com os estados de consciencia, como sejam — gestos, desenhos, signaes imitativos...; a linguagem symbolica, feita, sobretudo, pela palavra, consiste no emprego de symbolos de valor convencional, e exprime, principalmente, as ideias, ou imagens vulgarisadas. Convem-lhe esse epitheto — de symbolica, porque ella é indispensavel ao completo pensamento symbolico. Essa classificação indispensavel como analyse, não contraria, pois, o character essencial na linguagem — a realisação em symbolos. De facto: o gesto, mais natural e imitativo, o desenho, mais directamente expressivo, valem realmente como symbolos, desde que são produzidos com o fim de provocar determinada evocação, determinado estado de con-

sciencia. A differença entre as duas formas de linguagem é apenas de gráo: na primeira, os symbolos são imagens com significação natural, valor proprio, utilizadas incidentemente para symbolisar ideias que a ellas naturalmente se associam; na segunda, os symbolos são imagens vasias, geralmente, de toda significação natural e directa; são puras imagens-symbolos, e que, por isso mesmo, adquiriram um valor absoluto como instrumento de evocação; são symbolos excellentes porque são exclusivamente symbolos. Tal acontece com a generalidade dos symbolos verbaes, que constituem a linguagem symbolica; tal o motivo porque, na comunicação, prevaleceu definitivamente a palavra sobre o gesto, reduzindo-se os recursos da linguagem directa a simples auxiliar da expressão. Si a palavra se tornou, universalmente, o principal signal de ideia e de linguagem, é por que, na consciencia, o seu valor proprio é tão insignificante, que pode ser inteiramente desprezado, e, com ella, a attenção se não desviará para outras associações alem da que é especialmente ou determinadamente evocada. Evita-se toda a dispersão de espirito, e a economia é perfeita.

Este assumpto tem de ser detidamente considerado a proposito da evolução dos symbolos. No momento, queremos mostrar, apenas, que, para a comunicação, traz o symbolo as mesmas qualidades dynamicas, já referidas.

12. «*Facultas signatrix*»

A desenvolvida apreciação, como a fizemos, do mecanismo mental do symbolo, deixou bem caracterisadas as suas propriedades essenciaes; já é possível resumil-as com clareza, para chegar a uma definição precisa e completa. Vimos que, em si

mesma, a symbolisação é uma associação especial, com tendencias á exclusividade de evocação, associação que se faz para definir as ideias num signal, e tornar possível o uso economico e immediato dellas, segundo as necessidades do pensamento. O symbolo resultará de uma associação, terá uma virtude apenas suggestiva; mas, em correspondencia com as suas funções — como indicação precisa, tende a tornar-se exclusivamente um signal. A escholastica definia o facto, admitindo que o homem gosa tambem de uma *faculdade assignaladora*. Como resultado, cada symbolo, si não é originariamente um puro signal convencionado, passa por uma evolução, no sentido de tomar esse character — meramente assignalativo. É o acmé do symbolo — valer como signal puro; só deste modo o symbolismo attinge a excellencia da realisação. A imagem-symbolo será, então, um simples continente ou vehiculo, e, como a hematia que perde o nucleo vivificante, para ser um puro vehiculador de oxygenio-vida, o symbolo se fará signal inerte, e morrerá, si novo influxo de imaginação não vier vivifical-o. Em tempo, faremos referencia especial a esses destinos do symbolo.

Condensariamos perfeitamente a psychologia da symbolisação, si nestes termos a definissimos: uma associação formal, nitida, orientada para determinada evocação, de tal modo intima e prompta, que a representação evocada se apresenta instantaneamente, como que condensada no proprio symbolo. O verdadeiro symbolismo realisa-se como imposição á consciencia. O *signal*, symbolisante, puro conjuncto sensorial, por si mesmo, não deve refer a attenção. Para ser optimo, tem de ser, muitas vezes, insipido, vasio, inteiramente desinteressante. Si ha nelle qualquer cousa que possa, como virtude

propria, captivar o pensamento, será motivo de hesitações, desvios de atenção, dispersão de energias. Só se permite que o symbolo tenha valor proprio, nos seus aspectos puramente sensoriaes, si isto pode concorrer suggestivamente para a determinada evocação. Por isso, *glutão, mexerico...* são optimos vocabulos, tanto a sonoridade favorece a evocação, ao passo que *pingue, saturnal...* são termos a abandonar, porque, pela semelhança phonetica que têm com os symbolos de ideias inteiramente dissemelhantes. (pingo, soturno) produzem inevitavel hesitação na evocação.

O symbolo mental é intermediario entre a realidade e a ideia que fazemos dessa mesma realidade. Para a perfeita elaboração do pensamento, elle ha-de ser um puro elemento dynamico. O symbolo attrae e concentra a atenção em cada momento; condensa os aspectos typicos da ideia, conduz assim o pensamento, focalisa-o, de conjunctura em conjunctura; estende, sempre nitidas, as abstracções, limita as generalisações. Mas, em tudo isto, é apenas uma transparencia da ideia, o ponto illuminado de consciencia, porque esta lucidez é indispensavel para guiar o complexo trabalho de subconsciencia, que constitue a parte mais importante na elaboração mental, na realisação integral do pensamento. Penso, agora mesmo, cousas difficeis, por entre as quaes o entendimento hesita, vacilla, penosamente, de juizo em juizo. A minha consciencia, é, de facto, e tão somente, o trilho illuminado por onde proseguem os symbolos de ideias que profundamente se attraem. Tudo mais que concorre nesta producção mental, é quasi inconsciente, desde o esforço constante para a boa attitude assentado, até a atenção ao timbre da machina indicando-me que chegou o final da linha... até mesmo o conhecimento de que

— certa ideia, que agora ocorre, já está apresentada noutra parte desta analyse. Neste sentido, tem toda razão a formula de Leibnitz — «A concepção symbolica é sempre cega, só vê o symbolo». Realmente, como valor nitido, na consciencia do pensamento, só ha o symbolismo das ideias. O mais, é isto a que S. Mill chama a *chimica do pensamento*, uma chimica não menos complexa e resistente á analyse que a do proprio metabolismo vital.

Nestas condições, podemos considerar o symbolo — guia indispensavel dos superiores automatismos que formam a parte intima, quasi impene-travel do pensamento. Si a mentalidade humana se caracteriza pela capacidade de abstracção, de facto, ella se realisa em symbolos: a abstracção só vale plenamente symbolos, só em symbolos é ella francamente accessivel á analyse.

13. *Aspectos característicos do symbolo*

Com essa caracterisação do symbolismo, desta-caram-se differentes aspectos, que devem ser syste-maticamente indicados e enumerados, para fazer sentir, bem explicitamente, a importancia do facto: *a)* — a necessidade de ser o symbolo uma repre-sentação concreta, sensorial; *b)* — a exclusividade da evocação, na associação symbolica; *c)* — a ori-gem natural, para os symbolos suggestivos; *d)* — a tendencia que tem o symbolo — a tornar-se puro signal, de valor convencional, chegando a ser inteiramente disparate com a ideia symbolisada; *e)* — a utilização dos symbolos como excellente recurso de comunicação e expressão. Dada a multiplici-dade de aspectos, resulta, naturalmente, uma qual confusão na interpretação dos phenomenos, e, prin-cipalmente, no valor que se faz para os termos — *symbolo, symbolica, symbolismo*... São expressões

que raramente se accordam, na lingua dos differentes autores e nas concepções das varias theorias. A accepção do termo, o seu emprego mais commum, é o de: symbolo — signal de ideias; mas a litteratura e a esthetica parecem reservar a expressão para a symbolisação simplesmente suggestiva; nas suas definições, o symbolo é — associação fortemente tonalisada de affeição, capaz de evocar ideia e sentimento, sem necessidade de definir-se. A esthetica só vê o aspecto suggestão. Mas, um dissertador de longas tiradas, como Croce, sem retirar ao symbolo a significação de factor — suggestão, considera-o principalmente no character de expressão, e, para elle, *symbolico* é como que synonymo de *expressivo*. Binet, por exemplo, tendo em vista a possibilidade de relações naturaes ou constantes, na associação symbolica, define: «Symbolismo, uma relação constante entre uma ideia e uma imagem disparate» (?). Finalmente, a psychanalyse, considerando o fundo sensorial do symbolo, as suas propriedades condensadoras, e a possibilidade de ser *qualquer imagem* — um *symbolo de qualquer coisa*, define: «Symbolo expressão de abstracções, ou de objectos fortemente affectados, por objectos fortemente affectados, de sentimentos, por objectos concretos ou indifferentes, escolhidos a modo de analogias, mais

(?) A. Binet, *L'Etude Expérimentale de l'Intelligence*, pag. 100. Num outro momento, procurando elucidar — *Qu'est-ce qu'une émotion?* esse psychologo é de opinião que — «a maior parte dos phenomenos psychicos, o raciocinio, a attenção, a imaginação, a vontade, são para nós obscuros symbolos». Estas palavras devem ser interpretadas como a affirmação de que — a maior parte, e a mais importante, da actividade psychica se faz inconscientemente; isso de que temos consciencia vale, apenas, como symbolo dos processos completos. (A. Binet, *L'Année Psychologique*, T. XVII, pag. 2).

ou menos vagas» (*). Para os psychanalystas, o que se representa na consciencia durante o sonho são symbolos de desejos contrariados, recalçados, insatisfeitos... symbolos em que taes desejos se disfarçam, pela acção da *censura*. E formularam todo um codigo de symbolos, segundo o qual — bengala e outros objectos em haste, tem qual significação, bolsas, saccos, caixetas... tudo que pode conter, tem outra significação ajustativa, como nas peças de uma dobradiça. Como se vê, seria esse um symbolismo de qualidades contrastantes com as do symbolismo classicamente admittido nas ideias correntes; seria um symbolismo, não immediatamente significativo, ou directamente suggestivo, mas desorientado, exigindo laboriosa interpretação, onde mais se revela a imaginação do interpretante que a do interpretado. Não se trata, pois, de combater a psychanalyse, no merito da sua doutrina. Si tiveramos de falar a respeito, não hesitaríamos em dizer que, na orientação geral, os methodos psychanalystas têm meritos incontestaveis. Nem de outro modo se comprehendem os seus reconhecidos successos. Pensamos, agora, exclusivamente na impropriedade do sentido que, nessa doutrina, se faz aos termos — *symbolo*, *symbolista*... impropriedade que chega ao ponto fazer que as palavras digam justamente o contrario do que deveriam dizer. Para toda gente que se occupa dessas cousas, *pensamento symbolico* é o que se faz com abstracções bem caracterisadas, isto é, com ideias geraes, evocadas em symbolos-palavras; é, por conseguinte, um pensamento claramente logico. Para a psychanalyse, o pensamento symbolico é o que se faz como decorrencia de imagens, sem logica

(*) Regis & Hesnard, *La Psychoanalyse*, pag. 102.

apparente, muitas vezes, qual acontece no sonho. Para o senso geral, o pensamento symbolico pode dispensar imagens ou representações concretas, a não serem os signaes verbaes; para os psychanalystas, o pensamento symbolico é o que se faz exclusivamente com imagens, pensamento enigmático, e cujo sentido real depende de uma interpretação. Aliás, sendo a mais grave, não é essa a unica impropriedade de expressão que se accusa na obra dos psychanalystas. Grande parte delles se revelam simples sabedores de medicina, sem a cultura philosophica, sem outra erudição, em psychologia, sinão do que sabem da propria escola; na maior parte, as suas elocubrações consistem em descobertas do que já está como ideia corrente, na psychologia commun. A maior novidade é a do vocabulario, feito, geralmente, de neologismos improprios. É assim que, muitas vezes, os seus *complexos* são extremamente simples. Ha invenção de termos novos para cousas velhas, termos inspirados do mais primitivo animismo. Imagine-se que, em toda a litteratura psychanalysta, substitue-se a palavra *censura* por *self-controll*: as concepções e explicações nada teriam perdido; apenas estaríamos com uma linguagem mais de accordo com a concepção scientifica geral. Significando a mesma coisa que *self-controll*, a formula *censura* tem o defeito de dar a ideia de — um qual feitor, lá dentro do espirito, para conter o que não deve apparecer; ao passo que a expressão corrente se refere a uma norma superior na estructura geral do espirito, formula suprema da personalidade que se realisa. É o modo explicito de ser rasoavel, como que um habito de lucidez, garantida pela inibição, por effeito de educação.

Para boa norma de exposição, pois que o facto é constante e essencial na dynamica do espirito, convem acceitar a definição: symbolo — typo de associação exclusiva, ou accentuadamente preferencial (suggestivo), que permite supprimir do fluxo consciente longos processos intermediarios, substituindo-os por signaes ou indicações rapidas e precisas, e sempre bastantes para a realisação do pensamento, que se faz, assim, tão completo e lucido como si os intermediarios fossem plenamente explicitos na consciencia.

CAPITULO III

A SYMBOLICA DAS IDEIAS

14. *Natureza sensorial do symbolo*

O symbolismo tem uma tal extensão no psychismo humano, que, por fim, nenhum processo consciente se desenvolve sem a intervenção de symbolos. Toda representação pode ter função symbolica; todo processo, todo estado de consciencia, pode ser symbolisado, isto é, evocado e reconstituído por meio de symbolos. Já houve occasião de assinalar bem todo esse aspecto da actividade psychica, aspecto agora lembrado porque chegou o momento de dizer — quaes as representações que servem correntemente de symbolos, ou, mais appropriadamente, as representações normalmente adoptadas como symbolos.

Em ultima instancia, os symbolos são imagens. Os signaes puros são, sempre, imagens, sem nenhuma significação propria. Em todo modo, a natureza da representação symbolisante depende muito: do que é symbolisado, da occasião e das condições em que se fez a symbolisação; do *typo sensorial* do individuo. Por conseguinte, convém, para essa parte do nosso estudo, começar por distinguir os symbolos nos objectos symbolisados.

Tentemos a distincção:

Symbolos de ideias, de juizos, ou crises mentaes mais extensas, de theorias, e outros conjunctos de ideias;

Symbolos de estados affectivos — emoções transitorias, affeições repetidas — paixões, sentimentos;

Symbolos de vontade — resoluções, modos de proceder, habitos, normas de vida;

Symbolos de systemas moraes, philosophicos e religiosos, que envolvem todas as actividades psychicas.

Este indice de occurrencias symbolicas não pretende ser uma classificação; servirá para facilitar a caracterisação dos elementos symbolisantes, em cada caso.

Pela essencia da sua funcção, o symbolo tem de ser uma imagem — uma representaçãõ concreta, ou, mesmo, uma sensaçãõ pura (os olfactos). Podemos pensar com abstracções generalisadas; mais do que isto: os nossos juizos incluem necessariamente ideias, que são essas mesmas abstracções; no desenvolver do pensamento, podemos eleva-lo a concepções que, num lance, envolvem todos os tempos, para além de todo espaço sensível; podemos sublimar-o em abstracções cujos liames com a realidade quasi se perderam. Mas, para a realizaçãõ do pensamento, para fazer explicito o processo psychico, para condensar e abreviar a sua dinamica, é absolutamente necessario focalisar a consciencia em tons sensoriaes, ainda que esses elementos sensoriaes nada valham por si mesmo, sejam valores surdos, simples signaes. Assim como o pensamento envolve sempre ideias, a symbolisaçãõ exige sempre imagem. No entanto, em muita circumstancia, vemos ideias na funcção de symbolo. É que o symbolismo se faz em muitos graos; frequentemente se

verifica o facto de — symbolo, symbolizando outro symbolo, que, por sua vez, é de symbolo... *Sr.* symbolisa a palavra escripta *Senhor*, que é symbolo da mesma palavra fallada (pois que as letras são, apenas, signaes de sons), isto é, do vocabulo propriamente dito, que é symbolo da respectiva ideia, a qual, em certas conjuncturas de pensamento, é equivalente da ideia de Deus, symbolo de sentimentos religiosos, de crenças e de systemas philosophicos. Este exemplo foi propositado — para apresentar um typo de *symbolo* em ideia, isto é, o caso de ideia-symbolo — a ideia de *Senhor*, symbolizando a ideia de Deus. Ainda assim, o encadeiamento symbolico leva a representações concretas, e haverá, forçosamente, momentos de tonalidades sensoriaes na consciencia, pois que a ideia-symbolo é, por sua vez, symbolisada em imagem-signal. Este caso serve, justamente para nos apresentar uma das condensações mais accusadas na realisação do processo symbolico. Que um crente, no curso da sua leitura, encontre esta passagem: «...e a graça do SR. derramou-se por todo elle...», este rapido signal — *Sr.* o transportará, no mesmo acto da percepção, á plena emoção religiosa, como si fôra uma causa directa, sem nenhuma necessidade de considerar explicitamente — que, ali se encontra, apenas, um signal de signal, de signal, de ideia, que, aliás, tem geralmente outra função.

Em tal modo, desde que toda symbolisação se resolve, finalmente, em imagens, examinemos os typos de imagens que concorrem, nos diversos casos, como symbolos — de ideias, sentimentos, attitudes de vontade, formulas complexas de regimen mental ou espirital.

Quanto á ideia, o symbolo universal é a palavra; todavia, ha tantas excepções interessantes, que,

somente ellas, formam um dos paragraphos para maior meditação no problema geral da symbolica. Toda ideia, si realmente existe, está incluída num signal ou notação sensorial, cuja forma e cujo typo dependem, não só do gráo de abstracção e da natureza das suas relações, como do temperamento sensorial, e até da educação do individuo. Para chegar á comprehensão dessa differença de de typo e de forma será preciso distinguir, primeiramente, entre as mesmas ideias, naquillo que pode influir quanto ás qualidades sensoriaes do symbolo. Neste conforme, façamos os grupos característicos: ideias — *abstractos puros*, já sem ligação immediata com os aspectos sensoriaes, e que são formadas, em gradação crescente, de muitas outras ideias (laranja — fructo — alimento — nutrição — vida...), *ideias de puras relações*, tanto referidas á realidade externa, como ás puras cousas de consciencia (*mais, tanto, em, para, de...*); *ideias geraes*, quanto á existencia de seres ou phenomenos reaes, concretos, quanto á actividade do espirito (pedra... desejo...); *ideias individuaes*, de valor social, ou exclusivo e pessoal. Está bem visto que esta não é uma rigorosa classificação de ideias em criterio psychologico, mas uma simples differenciação, para a indicação dos respectivos symbolos.

15. *Symbolica dos abstractos puros*

Os abstractos puros, onde quer existam, no seu justo valor, symbolisam-se em palavras. Muita mentalidade haverá (talvez a maioria dellas) incapaz de attingir a taes abstracções — *synthese, universo, estatica, essencial, evolução...* Mas a ideia — abstracto, si está adquirida e incorporada ao cabedal do individuo, elle a possui no respectivo symbolo verbal. Não esqueçamos que se trata de noções

superiores, cuja assimilação presuppõe uma longa elaboração mental, como *affinidade*, *gravitação*, *factor*... Na realidade, a aquisição de taes ideias, a sua assimilação, não se consideram realisadas sinão quando cada uma dellas dá todo o seu valor mental ao pensamento, na instantaneidade de representação do symbolo. É verdade que em circumstancias muito especiaes de aquisição, si ha na ideia motivos de facil associação a imagens visuaes, ou motoras, poderá haver, como *symbolo subsidiario*, uma dessas imagens: gravitação — qualquer coisa que se projecta sobre outra... Ainda assim, taes imagens serão sempre symbolos subsequentes, secundarios, no cortêjo do symbolo verbal. Como admitir que quem está affeito a pensar em — optica, atomos, hereditariedade, potencial, latencia, finalidade, hedonismo... ou mesmo — capillaridade, osmose, isomeria, cohesão, assimillação, inercia... chegue a realisar completos pensamentos de vigilia, em que concorram razoavelmente taes noções, sem que ocorram, tambem, os respectivos termos? O facto, relativamente commum, de faltar a expressão verbal, e que indica, geralmente, ter sido tal ideia symbolisada por sua imagem visual ou motora, só por excepção rarissima se dará com os abstractos puros. E quando isto succeder, o motivo será — uma qualquer singularidade ligada á aquisição, ou uma idiosyncrasia, que se tenha interposto entre a ideia e o seu symbolo verbal, necessario (1). Tambem pode ser que se trate de uma noção relativamente

(1) O meu primeiro prof. de physiologia do systema nervoso tinha uma gesticulação muito energica, e, ao tratar dos phenomenos da inibição, para accentuar o caracter suspensivo e frenador da reacção inhibitoria, repetidamente, num movimento vigoroso, recalçava com a mão direita o bordo da mesa, como a impôr immobilidade. Esta imagem me ficou associada á respectiva noção, com o valor de um

secundaria, dessas que perfeitamente se designam numa perifrase, por uma denominação *analytica*, definidora, com que todos nós substituímos esses nomes buscados pelo pedantismo científico do lexicon grego, para dizer cousas banaes — enteroptose, propedeutico...

Com as ideias de simples relações assimillam-se os abstractos puros, e, para ellas, ainda é mais rigorosa e constante a symbolisação verbal. Veremos, ao ser analysado o proprio mecanismo do pensamento, que taes ideias — *ainda, com, em, de, já, sim, menos, egual, tanto, porque, sinão...* são propriamente — *ideias sem conteúdo*; servem, tão somente, para fazer a direcção do pensamento, já occupado por *conceptos cheios*. São ideias que se adquirem desde os primeiros tempos do pensamento, contemporaneas de toda a actividade mental, e que foram incorporadas á experiencia mental sob a forma de palavras, servindo immediatamente como direcção de pensamento. São ideias nullas, quando isoladas, e que nem se podem associar, geralmente, a imagens plasticas, para dar lugar a esses *symbolos subsidiarios*, em alguns casos turbadores da expressão.

16 *Symbolica das ideias geraes*

As *ideias geraes* são as representações communs, referentes a todos esses aspectos sensiveis da realidade, ideias de seres concretos — animaes, plantas, alimentos, corpos brutos... phenomenos tangiveis, como *chuva, luz, queda...* qualidades sensiveis, como *côres, formas...* estados organicos, esta-

symbolo. Foram-me precisos esforços e cuidados especiaes para, professor mais tarde, ter na prompta elocução o termo *inibição*, porque, para o pensamento silencioso, ainda hoje, o signal da ideia é esse movimento.

dos de consciencia — *caimbra, tontura, colera, vergonha...* Numa enumeração completa, facilmente verificaríamos que quasi todas ellas se podem associar, de modo intimo, (e, de facto, normalmente se associam) a imagens motoras, visuaes... ou a estados affectivos. Essas imagens serão representações completas, resultantes de determinadas percepções, ou leituras; serão traços apenas sensíveis, especies de eschemas, proprios, todavia, para o assignalamento. Seria excepção a registrar — que alguém pensasse em elephante, ou pulga... vaga, ou elevador... lapis, ou laranja... sem que na consciencia se evocasse uma rapida figura, em quatro ou cinco traços — orelhas, marfim, tromba... ou a imagem do primeiro elephante percebido... um ponto que salta, ou o contacto da pulga... a visão de curvas que avançam e se desfazem... o aspecto do primeiro elevador em que entrou, ou o choque da partida da cabine... o cone, em ponta negra, do lapis... um eschema arredondado, em dourado quente, que é a essencia mesma da forma da laranja.

São tão constantes essas associações, que taes imagens valem como symbolos, para todos os effeitos do pensamento intimo, silencioso. Taes symbolos, que são realmente signaes naturaes das cousas, prevalecem geralmente, nas condições communs, sobre os symbolos verbaes. Dahi, essa tão frequente deficiencia de expressão, nas pessoas do povo, desde que se trata de cousas triviaes e de realidades immediatas: «Vá, e me traga *aquelle... cousa*, *aquelle negocio...* Elle anda todo *assim... cousa...* Era de um *modo...* por cima, não *sei como...*» Em verdade, todos esses aspectos, qualidades e acções, que o individuo não consegue dizer, ou apresentar em symbolos verbaes, elle os está vendo, sentindo,

representados concretamente na consciencia, em signaes naturaes, em reviviscencias e laivos affectivos. Quando tem dever mental de parecer culta e apta, a pessoa faz esforço, inventa, até, processos, que são como *mnemotechnicas*, para lutar contra essa tendencia de menor esforço — no utilizar os symbolos naturaes, e consegue, finalmente, ter expressão verbal para as ideias de seres concretos. O homem do povo, esse fica, legitimamente, na symbolisação primitiva, que chamariamos de *passiva*, e no expremir-se, com o gesto, os circumloquios, consegue supprir os symbolos verbaes que faltam.

O que ha no caso é, bem explicitamente, o seguinte: para todos nós, as ideias que se referem a existencias concretas, como — *formigueiro, vento, rolar, almiscarado...* foram adquiridas pelo contacto com as condições da realidade, e impozeram-se-nos á consciencia immediatamente, por essas mesmas condições, sob a forma de traços sensoriaes. No uso da linguagem, viemos a dar nomes a essas realidades; mas as *denominações* e os respectivos processos de symbolisação natural, representam verdadeiras superposições; que trazem sobrecarga para a memoria, e são apenas admittidas, pelas necessidades de comunicação. Em tal caso, quando os symbolos verbaes se fixam definitivamente, constituem uma segunda symbolisação, sempre subsidiaria, (como é subsidiaria a symbolica imaginada, no caso dos abstractos puros). Si, por um motivo qualquer — queda do tonus nervoso-psychico, precipitação na realisação, inutilidade de exteriorisação, só prevalece *um* dos symbolos, este, muitas vezes, não é o verbal.

17. *Symbolos accessorios, nas ideias geraes*

A psychiatria, assistida, até, por grandes mes-

tres em psychologia (Ribot), inclui certos desses casos — de *insufficiencia de symbolos para a expressão verbal*, entre as amnesias pathologicas, ao mesmo tempo que estabelece as leis para a successão de taes perdas de memoria: «Em primeiro lugar, os *nomes proprios* (ideias individuaes), substantivos, verbos, adjectivos...» Certamente ha casos em que a insufficiencia da symbolisação verbal tem o caracter anormal, de molestia; existe a ideia, symbolisada em qualquer signal natural, mas o individuo, por mais esforço que faça, não chega a realizar a associação symbolica verbal. Tal acontece por effeito — da fadiga, de intoxicação, ou como resultado de choques e traumatismos. Nota-se uma accentuada aggravação de insufficiencia da palavra, devida á manifesta precedencia do symbolo natural, quanto ao verbal. Nessa precedencia — nos motivos psychicos, que fazem prevalecer um symbolo sobre o outro, é que está a explicação de ordem no desenvolvimento da amnesia verbal. Em si mesmo, o facto da categoria grammatical — *nome proprio, substantivo commum, verbo, ou adjectivo...* pouco importa, si não houvesse, de facto, uma associação symbolica natural, tão frequente, que deixa em função secundaria, esquecida, o symbolo verbal. Tal desmemoriado esquecerá frequentemente o vocabulo para — *serrar, abrir, balançar...* quando não lhe falhará o nome proprio — Brazil, ou Italia, ou, mesmo, Rio de Janeiro... E dirá — «Uma coisa assim, assim...» para significar um panno flacido, ao passo que não hesitará na expressão: «*Manda quem pode...*» formula que adquiriu, por *ouvir* dizer. É que — para elle, as ideias de — *serrar, abrir, balançar...* panno, flacido... existem normalmente nas imagens, visuaes, ou motoras, referentes a taes objectos, ou aspectos e qualidades. *Uma coisa*

assim... é um verbalismo vago, para corresponder á visão de uma superfície tecida, bamba...

Ribot, com o seu admiravel criterio, na analyse da actividade psychica, chegou a cercar-se da verdadeira interpretação, quando diz, tratando de certos casos de insufficiencia verbal: «No espirito adulto, cada estado de consciencia é uma unidade complexa; o pensamento é apenas o nucleo, em torno do qual se agrupam signaes mais ou menos numerosos... O mecanismo da amnesia torna-se claro. É um estado pathologico em que, ficando intacta a ideia, uma parte, ou a totalidade dos signaes que a traduzem, foram esquecidos, temporariamente, ou para sempre» (*). De facto, existindo a ideia, a ausencia do symbolo verbal só é possivel porque ha multiplicidade de associações symbolicas. Um pouco mais, elle teria formulado a ordem racional, nos esquecimentos das palavras, pelo *inverso* valor dos outros symbolos — os subsidiarios. Mas já havia formulado uma ordem — substantivos, verbos... e teve que ser logico consigo mesmo.

São, todos esses, factos que se realisam como — manifestação de linguagem; a sua explicação, porém, só se pode achar na apreciação de certas condições psychologicas: a aquisição das ideias, o seu valor, e o seu emprego, consoante ás necessidades do pensamento. *Dyalise, electricidade, atomicidade, raiva, esthetica... automovel, sorvete, carangueijo... lente, aurora-boreal, laranja...* São substantivos communs: admittirá, alguém, que estes nomes se esqueçam com a *mesma* facilidade. Imaginemos a ideia de *carangueijo*, no individuo do littoral, e no sertanejo. O primeiro, desde criança,

(*) Th. Ribot, *Les Maladies de la Mémoire*, pag. 121.

conhece o animal, em todas as suas qualidades e utilidades; tem participado das respectivas pescarias, guardará a lembrança de algumas mordidelas... tem, finalmente, uma imagem bem concreta, em correspondencia com a ideia; para elle, carangueijo é *aquella cousa*, que elle bem conhece, e que assim se *chama*. Tão repetidamente diz e ouve essa palavra, que ella lhe acode facilmente á memoria; em todo caso, o termo é o nome de uma ideia, que distinctamente existe no seu symbolo plastico e natural. E quando o praieiro, para si mesmo, pensa em carangueijo, o que lhe passa pela consciencia é um traço rapido dessa imagem — mais visual, mais motora, mais affectiva (as dentadas), segundo o seu typo sensorial, imagem que se accentuará, de modo especial na consciencia, segundo a contingencia occasional do pensamento — si pensa em carangueijo — alimento, pescaria, especie... Nas condições communs, para exprimir a ideia, não lhe faltará o termo; desde, porém, que esteja um tanto mais açodado, ou distrahido, faltar-lhe-á o signo verbal, e elle dirá «Tira esse cousa do fogo... O cousa deu-me uma dentada...» Ao sertanejo, apresentarão, um dia, o carangueijo, que lhe parecerá *estranho bicho, uranha enorme...* e o nome do animal perderá de importancia, em contraste com a imagem vivissima, exagerada, que se lhe formará no espirito, e que ficará sendo o symbolo irresistivel da ideia, que elle, o sertanejo, possa ter do animal. Poucos dias bastarão, talvez, para fazer esquecer o nome, que não lhe era familiar; mas... a imagem persistirá, symbolizando a ideia, enquanto não se tornar esquecido o estranho animal. Diversamente se passarão as cousas, si se tratar de ideias adquiridas didacticamente, principalmente se forem de seres ou phenomenos não

caracterisados em qualidades sensíveis. Admittamos, que esses mesmos homens (gentes do povo), no curso de uma historia, ouvem: «...Só então, é que o *detectivo* poud effectuar a prisão...»

— Que é *detectivo*?

O narrador lhe dá a explicação, bem completa e comprehensiva. O praieiro e o sertanejo ficam sabendo bem que é — *detectivo*, e tal ideia, que se organisou em torno de um nome, assim ficará symbolisada, com nitidez e promptidão; assim permanecerá, e assim será evocada e concorrerá no pensamento. Quando se lhes dissipar da mente esse nome é porque se perdeu a propria ideia. O mesmo acontecerá, e acontece, com ideias communs, correntes na mentalidade desses homens, mas referentes a relações sem correspondencia immediata com dados sensoriaes. Qual dos nossos homens do povo que não tenha ideia de — crime, inimigo, *governo*... São ideias que se formaram, em parte, por informação; mas, de todo modo, ligadas a factos da vida moral, que se definem na consciencia por outras ideias, e não dependem immediatamente de imagens. Nestas condições, a ideia se organisa, desde logo, em torno de um symbolo verbal. As imagens outras que a ella se associem, formarão symbolos subsidiarios, de valor secundario.

18. *Formulas de symbolisação*

Por esse longo analysar, chegamos, logicamente, ás formulas da symbolisação, formulas que se condensam em proposições muito simples:

1.º) Na dinamica do espirito, os symbolos são os pontos de focalisação, na consciencia, de processos subconscientes, e que nelles se abreviam, e por elles se conduzem;

2º) Todo symbolo se resolve em imagens ou elementos sensoriaes, porque só as imagens têm valor explicito na consciencia;

3º) Todos os processos psychicos, todos os estados de consciencia, si se repetem, symbolisam-se; e é no symbolo que se fazem as successivas e repetidas evocações;

4º) O symbolo é um recurso indispensavel, de condensação e abreviação, na dynamica do espirito (*lex parcimoniae*); é essencial para a propria elaboração intima do pensamento;

5º) Toda imagem pode servir de symbolo ás ideias; o typo finalmente adoptado, ou prevalecente, depende — do modo de aquisição da ideia, do seu gráo de abstracção, do typo sensorial do individuo, da frequencia da ideia no pensamento communicado, e, até da situação social do individuo;

6º) Cada ideia se liga, não a um symbolo exclusivo, mas — a um symbolo predominante, o determinante della no pensamento intimo, e a varios outros symbolos subsidiarios, que se evocam a modo de associações concomitantes;

7º) Nos abstractos puros, qualquer que seja o typo sensorial do individuo, o symbolo predominante é geralmente a *palavra*, mas haverá uma concorrência, maior ou menor, de imagens subsidiarias, segundo o typo sensorial da pessoa, e as condições occasionaes de aquisição da ideia;

8º) Nas ideias communs de relações, ou que se refiram a seres e phenomenos não materialisados, o symbolo predominante é a palavra; a natureza dos subsidiarios depende do typo sensorial;

9º) Nas ideias referentes a seres ou phenomenos tangiveis, o symbolo predominante, nos individuos que não são accentuadamente auditivos, é o traço sensorial caracteristico do ser, ou qualquer

cousa ligada a circumstancias impressionantes, quanto á aquisição da ideia, de accordo com o tonus sensorial do individuo; nestes casos, a facilidade da associação verbal depende — da frequencia da ideia, como pensamento e como expressão, da situação social do individuo; taes valores têm uma symbolica accentuadamente subjectiva;

10º) Como necessidade intima do pensamento, a symbolisação é de character essencialmente espontaneo; os primeiros symbolos são traços sensoriaes — symbolos naturaes; só nos ultimos termos de abstracção, ou quando se trata de symbolos de symbolos, o symbolismo se faz, desde logo, algumas vezes, em termos convencionaes;

11º) Todo symbolo, pelo uso, tende a se tornar um indice de valor convencional;

12º) O symbolo, indice necessario para o dynamismo intimo do pensamento, sendo um valor sensorial, é tambem o indice ou signal que se exteriorisa para a necessaria comunicação das consciencias, e tem, por isso, funcção essencial na socialisação da especie.

Na primeira destas proposições, assim como na segunda e terceira, estão as conclusões mesmas de toda a analyse que viemos fazendo, desde as primeiras paginas, no intuito de mostrar em que consistem os processos symbolicos. As proposições que se seguem pedem mais demorada demonstração.

19. *Multiplicidade de symbolos*

A multiplicidade de symbolos, numa mesma ideia, resulta, principalmente, da propria natureza da representação symbolisada. O symbolismo é, intrinsicamente, uma forma de associação; os motivos que o determinam pedem levar, naturalmente, a mais de uma associação. O symbolo significativo,

perfeito, quando já perdeu todo valor natural, include uma só evocação (§ 3, 1.^a parte). A palavra *ninho* só evoca esta ideia; mas a ideia, ou a imagem, do *ninho*, não só evoca o symbolo verbal, como evoca, geralmente, outras ideias e imagens. Pela sua função, na elaboração do pensamento, cada ideia é um foco de attracção mental, agindo em toda circumstancia como um commutador activo, para a projecção do pensamento em diversas direcções. Toda ideia tem o seu *cortejo de consciencia*: são as suas associações constantes, e que formam, em torno do symbolo verbal, os symbolos subsidiarios. Ribot (§ 16, 1.^a parte) diz — *cortejo de imagens*; é bem preferivel substituir a expressão, porque nessas associações constantes tambem entram, geralmente, algumas ideias. Fôra impossivel — pensar em *ninho*, e não evocar a ideia de — passaro, ovos, próle... São, essas, representações constantes, formando o *cortejo de consciencia* de *ninho*, ao lado das imagens tambem constantes.

Desde que uma representação se associa constantemente, ou frequentemente, a uma ideia já symbolisada verbalmente, funciona como symbolo subsidiario della, e assim deve ser considerada. O individuo terá a noção theorica do *aeroplano*; conhece, depois, concretamente o aparelho, em pleno vôo, e o facto lhe produz uma tal emoção que a imagem da machina, cortando os ares, ou o ruido do motor, lhe fica de modo indelevel na memoria, como associação necessaria e substancial para a ideia, a par do symbolo verbal, podendo, mesmo, tornar-se o preferido. Outras imagens, por outros motivos, virão reforçar a pleiade symbolica da ideia — *aeroplano*, como a de qualquer outra, que exista nas mesmas condições. Para cada um de nós, todas as ideias triviaes, referentes a aspe-

ctos e cousas tangíveis, existem assim, com uma pleiade de symbolos: um — dominante, significativo... outros — de valor suggestivo, mais ou menos constantes.

Estes symbolos subsidiarios existem, já o vimos (pag. 94) mesmo para os abstractos superiores, desde que o individuo não seja um auditivo puro. São imagens, em grande parte, e é por elles que se explica, por exemplo, a patente contradicção de Berkeley, ao affirmar — ser incapaz de «formar a ideia abstracta de movimento, sem um corpo que se move, um movimento que não seja, nem rapido, nem lento, nem rectilíneo...» O pensamento, como elle o formula, considera a ideia absolutamente abstracta de movimento, mas o psychologo, em face das imagens, no seu *cortejo de consciencia*, illude-se, e chega á affirmacão que faz, porque a sua abstracção se acompanha de symbolos subsidiarios — formas de movimento, corpos em movimento... Em contraposição a este parecer, poderíamos apresentar a analyse que F. Le Dantec faz dos seus processos de evocacão: «Quando vejo (o gripho é delle mesmo) acontecimentos, logo me acode de os contar a mim mesmo, em linguagem vocal... O *compte-rendu* de um salão de pintura, nunca evoca, para mim, nenhum dos quadros, cuja descripção é feita; mas, quando vou visitar o salão, noto, em *primeiro lugar*, em cada quadro, as particularidades que me foram assignaladas em linguagem vocal.» Nesta citação, não ha verdadeira contradicção ao parecer de Berkeley; ambos estão com a verdade, pois affirmam o que lhes diz a consciencia. O que ha é um contraste de mentalidades, com sensível differença de processos evocativos. Berkeley era, evidentemente, um visual, com uma experiencia mental riquissima em imagens taes. Toda evocacão abstracta

se lhe acompanhava de imagens subsidiárias, precisas, constantes, como symbolos. E isso acontece em todas as consciências que não sejam de puros auditivos, o que, aliás, é relativamente raro ⁽³⁾.

20. *Symbolica das ideias de puras relações*

As ideias de *puras relações*, mesmo no domínio do pensamento modesto, para a vida pratica, são abstracções que têm como symbolo predominante a palavra. Pode acontecer, mesmo, que seja esta o symbolo unico, exclusivo, uma vez que taes ideias não têm conteúdo proprio, e só valem pela direcção que dão ao pensamento; ainda assim, ha muito que distinguir e apreciar, no symbolismo dellas. De modo geral, e pelos motivos agora mesmo assignalados, essas ideias têm um insignificante cortejo de symbolos; mas ha bastante differença no valor e na forma desses symbolos, segundo o typo sensorial, principalmente nas pessoas do povo. Ahí, muitas das particularidades da expressão verbal derivam da symbolica adoptada. Tal indi-

⁽³⁾ Le Dantec era, certamente, um verbo-motor. Em tal caso, feita a introspecção, não parece haver, e, de facto, não ha imagens ou symbolos subsidiários; a symbolisação das ideias se faz com palavras, que se guardam nos respectivos movimentos de articulação. Em compensação, ha pessoas que, não possuindo outras imagens visuaes associadas aos abstractos puros, evocam a imagem da palavra impressa. São esses, que as classificações myopes dos laboratorios chamam de — *typos typographicos*. Ao mesmo tempo, verificou-se que tal *typo* se encontra, de preferencia, entre os metaphysicos. E' muito facil comprehender por que não se encontram *typographicos* em outros círculos de intellectuaes — biologistas, physicos...: os factos que lhes dão assumpto de generalisações fornecem-lhes, ao mesmo tempo, uma larga copia de imagens visuaes, naturaes, para o cortejo dos symbolos subsidiários. (*Science et Conscience*, pag. 210).

viduo, sem maior intelligencia, erudição nulla, possui relativa fluencia de linguagem; ao passo que outro, de intelligencia mais forte, é sempre hesitante na phrase, mesmo quando não lhe faltam os nomes das cousas, os qualificativos, ou a verbalisação das acções. É que individuos taes são temperamentos accentuadamente sensoriaes, para quem a vida pratica, como objecto de pensamento, se apresenta nos aspectos da realidade immediata. Por outras palavras: elles pensam — *vendo, sentindo, agindo...* As ideias de realidades sensiveis, symbolisam-n'as em imagens; si têm de exprimi-las, evocam os respectivos termos, como quem busca um nome de qualquer coisa que está presente. Si não lhes acode o termo, dizem a coisa por circumloquios. Mas, quanto a essas relações, simples direcções de pensamento, ellas evocam-se, em taes individuos, inclusas nas proprias ideias-imagens, ou somente, numa modificação intima de attitude mental, e que equivale á *posição* que uma representação sensivel toma quanto ás outras. Que sejam, por exemplo, as relações expressas nos termos — *mais, sobre, com, em...* Desde que se refiram a seres concretos, si as respectivas ideias se symbolisam em formas tangiveis, taes relações indicam-se, na consciencia, pelo modo segundo o qual se agrupam e se apresentam essas mesmas formas tangiveis. Penso: «...que a *machina* deve estar *sobre* a mesa... Raymundo *mais alto* que Eugenio... o homem *na porta de casa*... um *tinteiro com tinta*...» Evocadas as imagens-symbolos, correspondentes ás ideias substanciaes ahí contidas, as relações estão implicitamente symbolisadas — pelas posições reciprocas em que as cousas se apresentam: a *machina em cima* da mesa... Outras relações symbolisam-se *implicitamente* pelo modo de succes-

são dos phenomenos: «Muito trovão; depois, chuva forte...» Outras, na *forma* dos movimentos symbolisantes: «andava depressa...»

Quando se trata de communicar um pensamento que **assim** se symbolisa, surgem difficuldades especiaes: as ideias cheias, substanciaes — machina, mesa, andar, trovão... exprimem-se nesses mesmos symbolos verbaes; o esforço de expressão consiste, apenas, em procurar os termos, correspondentes a cousas que explicitamente se apresentam; ao passo que, para exprimir as ideias-relações, que só implicitamente se symbolisam, é preciso fazer uma verdadeira analyse mental — para reconhecer explicitamente o typo de relação, e buscar, depois, o symbolo verbal correspondente. Ora, essa analyse representa uma sobrecarga de trabalho mental, um motivo de confusão, principalmente para quem, não tendo habito de taes elucidacões, queira dizer promptamente o que pensa. Por isso, a expressão se torna lacunosa, omissa, hesitante, confusa... quanto ás relações, ou o modo em que as cousas se apresentam. Dahi, esse dizer *cassange*, infantil na forma, tão commum em certas pessoas do povo. O facto é perfeitamente apreciavel nas relações que se exprimem pelas particulas — *e, em, com, mais...* São relações de agrupamento, scb as formas especiaes de juntar, conter, adicionar. O pobre homem, que sendo um visual, em consciencia apenas *vê* as cousas juntas, fará sempre uma addição, e, no seu titubiar, dirá invariavelmente: «É preciso tomar calomelano *mais* oleo... Pedro foi *mais* Joaquim para o arraial...» Por isso mesmo, o visual, que apura a sua elocução, tem necessidade de educar especialmente o pensamento, no sentido de tornal-o bem explicito quanto ás relações, a fim de ter, sempre, possibilidade de expressão completa e correctá.

Consideremos, a todas essas, como relações *materiaes*, para distinguir de outras, que dizem com a vida moral e affectiva, ou se referem ao proprio desenvolvimento racional do pensamento. São as relações *moraes* e *logicas*, que se exprimem nos termos — *tanto que, assim, todavia, embora, em virtude, logo, visto que...* Nos individuos cultos, affeitos ao pensamento verbalmente explicito, mesmo quando silencioso, essas relações se symbolisam nos respectivos termos; mas, nas pessoas mais simples, ou nos transes mentaes mais vehementes, taes relações symbolisam-se implicitamente. As que se referem á vida moral-affectiva, valem como tonalizações affectivas do pensamento: «Devo dizer... *todavia*, preferia...» Esse *todavia*, no mentalismo intimo, é uma simples hesitação, *timidez, desconfiança...* As relações logicas incluem-se, ou valem, symbolicamente, pela dependencia necessaria, das ideias substanciaes entre si, e pelo tom de direcção de umas sobre as outras. As primeiras, ao exprimirem-se, dão lugar a essa constante manifestação do *eu*, característica no falar popular: «EU fiquei desconfiado... *Eu* comecei a pensar... *Eu* peguei, e disse commigo...» As outras — as relações logicas — tomam um aspecto geral, de causa e effeito, ou de simples successão, e exprimem-se pelo repetido — «porque, por causa, *pro modo*, por isso... ou o pueril *então, então...*»

Essa tendencia — a incluir as ideias-relações nas ideias substanciaes é o proprio determinante do *facto agglutinação e flexão* na linguagem. É paradoxal, dada a lei do menor esforço e das abreviações, que, com o evoluir, as linguas flexionaes percam grande numero de flexões, justamente das mais syntheticas e aparentemente abreviantes. Pensemos,

todavia, no quanto se facilita a percepção e compreensão da linguagem com o regimem analytico, e teremos a explicação do paradoxo (4).

Temos de considerar, ainda, que nos pensamentos praticos, si não se fazem para serem comunicadas, as representações apenas se esboçam as ideias entram com um valor minimo, ou incompleto, já pelo character summario do proprio pensamento, já porque a noção ainda não chegou a ser formulada de modo bem preciso, como acontece nos casos figurados no § 21, do cap. V, da 2.^a parte. Quando penso — que tenho de ir á Copacabana... a ideia de *viagem* é um rapido esboço, onde, quasi, nem palpita o que ha de mais importante, como conteúdo formal da respectiva noção. Noutros casos — do homem do povo que tem de pensar com uma generalisação da ideia de agua, (§ 9, 1.^a parte) e que chamaríamos — o embryão da ideia de liquido; — nesse caso, a ideia é necessariamente um esboço, no sentido de que é incompleta, mal limitada. O mesmo acontece com um grande numero de ideias praticas, havidas, em grande parte, da experiencia pessoal, e que se symbolisam em traços sensoriaes rudimentares. Não se poderia dizer que o homem do povo não tem a ideia de — alimento, repouso, hygiene, mineral, ser vivo, exactidão... Mas tambem é certo que, em consciencias taes, essas ideias não têm, nem a nitidez de significação (compreensão), nem extensão precisa, ou o valor integral que lhes dão

(4) Os indios Cherokees designam, na sua escripta, o cachimbo pelo eschema de um indio sentado, a *fumar*. Essa figuração excessiva, (quando o simples perfil do cachimbo bastaria) seria um desmentido á lei da economia, si não tivessemos a considerar que, numa escripta não convencional, nem rigorosa, como é a que elles usam, o simples perfil do cachimbo seria por demais vago, por conseguinte — *difficil* para a percepção.

as intelligencias realmente cultas, onde ellas, symbolisadas verbalmente, não perdem, todavia, as necessarias ligações com a realidade, como acontece aos puros eruditos.

A esse proposito, distinguem-se trez typos de mentalidades: aquellas em que as realidades mal se definem ou delimitam como ideias; as que têm o conhecimento da realidade em ideias nítidas, symbolisadas verbalmente; e aquellas cujos conhecimentos são puras definições verbaes, sem correspondencia precisa e lucida com a realidade. São os eruditos e livrescos.

Toda essa parte — referente á symbolisação das ideias geraes e das ideias-relações, se completará nas analyses ulteriores, porque muitos são os aspectos de estudo que ella nos offerece, e que pedem elucidação. A propria dynamica do pensamento nos explica muita particularidade do symbolismo das ideias. Neste momento, para termo do assumpto especial, bastará deixar assignalado estes dous factos:

a) — Muitas relações se symbolisam tão implicitamente, mesmo no caso de pensamento communicado, que se exprimem simplesmente nas intonações (§ 10. cap. III, 2.^a parte) com que, ahí, acompanhamos a palavra falada;

b) — As ideias geraes, symbolisando-se, frequentemente, em traços ou imagens directas, são as que geralmente dão lugar a esses symbolos, que Galton chamou de imagens *compositas*. Sem negar a realidade de tal typo symbolico, temos de reconhecer que elle se faz, não em imagem verdadeiramente composita, mas como o simples aproveitamento de uma imagem qualquer, especialmente notada. O processo de formação composita seria

avesso á lei da economia, que determina *naturalmente* o simples aproveitamento da imagem que *naturalmente* se formou (°).

(°) Tive a primeira noticia da descoberta do okapy, num artigo acompanhado de certa gravura; muitos outros trabalhos illustrados li, depois; vi, mesmo, a plastica do antilope num museu. No entanto, o que me ficou, como symbolo, foi uma redução ou simplificação da primeira imagem que percebi. Tal imagem tem um valor generico, eschematico, mas não pode ser considerada um producto de *composição*.

ensejo para esta solidariedade de affectos, dá os motivos de sentir, e dá sentimento já em vibração, estimulando directamente a *sympathia*, impondo-se a ella. AINDA UMA VEZ, ADEUS!, A ARVORE, A MINHA MÃE, CANTICO DO CALVARIO, OS CLAUTROS, E TARDE, A MORTE DA AGÜIA, PALLIDA MARIA, BENEDICITE... são formas de communhão, onde centenas de milhares de consciencias brazileiras se encontram e se identificam, nutridas nas suas mais intensas necessidades de sentir humanamente, exaltadas na verdadeira gloria, que é a do coração que se expande e ama. A poesia é — sentimento, amor... para esses todos que, na insignificancia de coração, em si mesmo não poderiam achar, nem os *themas*, nem as formas de sentir e elevar o coração.

43. *Os symbolos classicos*

Os symbolos, que tanto fazem para o pensamento e o coração, existem como existe a propria realidade a que elles correspondem. Não são, nem poderiam ser, productos de mero capricho, creações ao decorrer da pura phantasia. Pelo contrario: respondendo a necessidades naturaes da ideia, derivam della mesma, e impõem-se ás consciencias como se impõe o teor da ideia. Os grandes symbolos formam, por isso, um dominio geral, ao serviço de todos. Variam, apenas, em tonalidade, de consciencia em consciencia, como variam as tonalidades de pensamento poetico — o temperamento, o surto da inspiração, a intensidade de sentir... São symbolicas naturaes, e que se fizeram symbolismo universal, reflectindo directamente a natureza, ou correspondendo aos *typos* da alma humana. Poderíamos distribuil-os em grupos, para quem os quizesse usar: directamente *naturaes*, *classicos*, *occasionaes*-possi-

veis... Oceano, ceo, horisonte, astros, vagas e brisas, floresta, rio, flores, leão, alcyones e pombas, pôr de sol, fulgor de aurora, bosques e jardins... São relativamente raros, taes symbolos nos classicos antigos; apenas como traços complementares, encontramos a *juria nobre do leão*, a *prudencia da serpente*, a *prescura da jonte*... No emtanto, essa litteratura, principalmente nas mythologias, é a grande messe dos symbolos. Toda a fabulação greco-romana se dissemina em symbolos, desde os *raios de Jove* até a *lyra de Orpheu* e a *tunica de Nessus*. Mais captivante, no emtanto, se nos afigura a symbolica semita, da *maçã de Eva*... ás sete figuras do *Apocapysse*, de S. João. São symbolos mais espirituaes e humanos, e que, por isso mesmo, occorrem mais frequentemente: sacrificio de Abrahão, escada de Jacob, prato de lentilhas, estatua de sal, dores de Rachel, vaccas magras e gordas, columna de fogo, bezerro de ouro, arca da alliança, trombeta de Jerichó, toda a fabula de Sansão, desde a *queixada*... até o derruir do templo; o caco de telha de Job, as espigas de Ruth... Com a vida de Jesus e a doutrina evangelica, crêa-se novo thesouro de symbolos, qual mais humano, evocativo, commovente... E tal poder têm elles, que o uso pelos parvos ainda não os annullou. Os vendilhões do Templo, o filho prodigo... já pouco dizem, bem pouco... Mas o julgamento da adultera, as virgens loucas... ainda conservam todas as suas virtudes. Além disto, a verdadeira poesia sabe servir-se do thesouro, desdobrando-o em novos symbolos: JESUS AO COLLO DE MAGDALENA, que — «erguendo a palpebra divina, busca ver si Elle a vê... beijando-o ainda!»

A distincção real, que nos symbolos usuaes se pode fazer, seria a que se ligasse á propria evo-

lução do espirito. Nella teriamos os caracteristicos de cada uma das symbolicas classicas: por ella se explicaria o maior encanto que sobre nós exercem as evocações da Biblia. Os motivos de crença, na civilisação greco-romana, eram as energias naturaes; por isso, o polytheismo explicito que na religião se affirmava. Divinisa-vam-se seres exteriores ao Homem; a elles se attribuiam qualidades e aspectos humanos, mas eram energias apreciadas e enumeradas nas manifestações naturaes em que eram conhecidas. Na mythologia biblica, são as proprias energias psychicas, unificadas na vida de consciencia, que se divinisa-m. Deus, agora, é uno; tem o omnipoder sobre o universo, mas é o puro espirito — o espirito humano, porque só este se conhece: homem pelas qualidades, Deus pela intensidade, pois é dotado de tudo que a aspiração humana pode alcançar. É unico, porque é o *espirito* divinizado. Mas, em tantas virtudes resplandece o espirito, como de tantos modos succumbe... E vieram os symbolos, que nos apresentam sensiveis e desejaveis as graças e virtudes do espirito; os symbolos que nos patenteiam as decadencias e os desvios da alma humana. Não ha, no caso, uma substituição de symbolos e de ideias, mas o simples descobrir da intelligencia em novas aquisições mentaes. Não morreu a alma pagã, nem se calaram as suas sympathias; o homem continua attrahido para a natureza, amando-a como toda ella merece que a amemos; os symbolos desse amor ainda nos falam ao coração e mantêm eterno prestigio sobre o nosso espirito. Comtudo, quando o homem descobriu a si mesmo, e, na plena posse da consciencia reflectida, poudé contemplar toda a força do espirito, sentiu mais forte deslumbramento, que, mesmo, ao ter descoberto, antes, as forças da natureza. Não se con-

tentou de aproveitar a pan-natureza para encher o ceo da sua adoração; foi quasi completo — creou o seu deus, e com elle só encheu o ceo. Esse Deus é o supremo bem; nelle se absorve a força, a belleza, a vida... tudo que era divindade no ceo pagão, e que são simplesmente os meios, de que o homem precisa, para o fim definitivo — o amor sublime, o bem do espirito, como elle o conhece. Um dia, o homem terá no ceo do seu culto — o puro bem, sem mais amparal-o de nenhuma ficção. Adorará e aspirará o bem pelo bem; outros symbolos virão, sem que se dissipem esses, que marcam o caminho por onde viemos a ser completamente humanos, e, com elles, guardaremos, — sobre a alma primitiva, a alma pagã, a alma christã, a alma conscientemente humana... No emtanto, é natural, é legitimo que, na intensidade do sentir, em contemplação da natureza, o espirito humano mais se apaixone pelas forças vivas que sente em si mesmo, mais se concentre no seu proprio fim, que nos simples meios, e, então, a symbolica explicitamente humana, mais o commoverá. Victoria sobre Titans, Ceres e Flora, exaltam, enlevam... mas, não trazem o conforto, não têm a seducção do BOM SAMARITANO, que é o conforto e a seducção da essencia do amor no bem.

Pelo continuado uso, os symbolos naturaes se fizeram classicos, e foi assim que se tornaram universaes. De facto, a arvore, no *Genesis*, ou na mythologia de Odin, é o mesmo valor symbolico, tão qualificado, para a tradição, como a tela intermina de Penelope, ou o arvoredo que cegou Tobias. A suggestão vem naturalmente das cousas; quem tenha sensibilidade ha de sentil-a. Os grandes symbolos se refazem quando são tocados pelo genio, mas não poderiam ser assumpto de 'creações abso-

lutas. Formam um dominio commum, já o lembramos; impõem-se ao poeta, ou ao philosopho, como se impõem as visões da natureza. Ha aspectos naturaes, e casos humanos, tão expressivos e ricos de suggestões, que se fazem valer, como condição da mesma realidade. São symbolos espontaneos e eternos; dispensam definições e commentários. Ninguém os achou; constituíram-se numa qualquer oportunidade, trazendo uma tal virtude, tal propriedade ao pensamento, que se tornaram instrumentos indispensaveis como as proprias ideias. Em vista delles, não ha que pesquisar originalidades; são anteriores a todas essas pueris competições de propriedades. Quem é que primeiro deu melancolia ao crepusculo?... O palpar celere do coração nos transe de amor, fez desta pobre viscera o symbolo de todo movimento de ternura, e, finalmente, de toda a affectividade. Todos falam de coração: ninguém o inventou, ninguém se poderia furtar a essas referencias. No aneio de VIVER, a suprema exaltação de consciencia vem como aspiração de subir, ascender, em gloria, poder, virtude... E a *escada* será, para todos nós, como para o patriarcha, o symbolo dessa eterna repetição de aneios e aspirações. A *fonte* pura é sempre belleza, frescura, conforto, vida, esperança, manacial... Podemos evocar o symbolo explicitamente, em cada uma das suas virtudes; podemos simplesmente subentendel-o: «Fonte de toda vida!... Fonte de puro amor!...» Ninguém tem direitos de autor, como não o tem contra quem evocasse a *experencia* na *velhice*... e associasse o *ephemero* á *espuma*, a *solidez* ao *rochedo*, a *furia* ao *mar*, a *dor* ao *gemido*, o *pezar* ao *pranto*... Hugo deu a sua formula: *L'aigle c'est le genie*. Antes, quantos já o teriam dito? E depois?... Que impertinente imbe-

el encontraría, ahí, um plagio? Não é o rio a fluencia natural, absolutamente constante no tempo, constante na orientação? Toda vida é uma fluencia, assim: é como o rio a proseguir. Carlyle fala no «rio mysterioso da existencia...» Bilac, que só comprehende o homem vivendo, tem no rio o seu escolhido symbolo da vida; um puro scientista, W. James, faz do rio a imagem da propria consciencia, isto é, da vida exclusivamente lucida, e que se vae como fluir continuo, successão necessaria de estados, sem possibilidade de permanencia nem fixidez. Ainda assim, tantas vezes refeito o symbolo, tantas vezes refeito por elle mesmo, não há repetição em que Bilac não obtenha um novo effeito de suggestão e de belleza: «Vives assim, como a corrente fria, que, intemerata, aos tremulos olhares das estrellas e á sombra dos palmares, corta o seio das mattas, erradia.» Por que havia elle de reter a imagem, si era a que mais convinha á tonalidade do seu pensamento? O uso, ao longo de seculos, poderá tornar sedicões os motivos symbolicos. *Leões e aguias* parecerão gastos; mas quando o entusiasmo de Alvares de Azevedo nos grita, ao nome de Pedro Ivo — «Era um leão sangrento que rugia...», o entusiasmo irradia-se: o symbolo retempera-se — o leão revive!... Azas, vôos, pombas e andorinhas... e com as *azas* — sonhos, esperanças, illusões, saudades... Rara será a lyra brazileira que nesses motivos não tenha gemido, até que nos foi dada a joia de Raymundo Correia. Então, não ha zoilaço que se não lembrasse ter lido as *Colombes*, de Th. Gautier. E por que esqueceram Varella, Machado de Assis, e o proprio Castro Alves?... «Falam de ti... os passarinhos que abrindo as azas no azulado ceo, como um bando de sonhos esvoaçam.» É do poeta das *Melodias do Estio*: «Quando voarem minhas

esperanças como um bando de pombas fugitivas; e destas illusões... doces e vivas só me restarem pallidas lembranças...» Tão precioso é o symbolo para Machado, que elle o retoma no poemeto Sabina: «O pombas fugitivas da primeira estação, porque tão cedo voaes de nós? Pudesse ao menos a alma guardar consigo as illusões primeiras...» Affasta-se mais o effeito, em Castro Alves, sem deixar, todavia, de ser o mesmo symbolo: «Como as aves espantadas arrojam-se ao espaço, saudades e lembranças s'erguendo... roçam por mim as azas...» O symbolo de um, por muito suggestivo, será motivo, inspiração ou estímulo, de que outro fará uma desenvolvida obra completa. Referindo-se á Europa revolucionaria, dos fins do XVIII, lembra Carlyle os elementos de lucra e de revolta que, então, se espalharam: «A nova Europa teve... inumeros meteoros de rubro flammejar, levando a peste e derramando-a da cabelleira...» E todos acreditamos que a *Terribilis Dea*, da epica indigena, vem dahi.

44. *Symbolos necessarios; a imitação na symbolica litteraria*

Como sobrevém taes symbolos? A poesia popular, tão rica desses valores, nol-o mostra claramente, na sua mesma espontaneidade: «Sou como o tronco quebrado, que dá sombra sem ter vida.» É a analogia que de si mesma se offerrece, «Vês esta liana flexivel? Ella descansa e segura-se amorosamente sobre este tronco suberbo, como tu, cara Sita, fatigada, apoias o teu braço sobre o meu.» É Rama, poeta das Vedas, quem fala assim. Desde então, (talvez, mesmo, antes) heras, lianas e trepadeiras, enlaçadas aos troncos, suspensas aos muros, são recursos preciosos para o lyrismo. «Pelo tronco das

árvores se entrosam parasitas, esposas do arvoredos.» Depois deste contemporaneo, milhares de poetas ainda vieram versejar com os *jasmineiros pendurados*, as *tranças de lianas*, as *cortinas vivas em flor*... como versejam com symbolos de fados e destinos: «Soltos ao longo do batel da vida os esquecidos remos... Roto casco de nao, desprezado ao mar... Alma — panno de nao largado aos quatro ventos... Pobre vela rota, e a mercê das ondas...» Mesmo quando faz o symbolo na propria attitude, o poeta é forçado a usar a imagem oportuna, muitas vezes repetida: «No orgulho embucei meu rosto pallido... Cahirei, em meu orgulho envolvido... Envolvido em mim mesmo, olhos cerrados a tudo mais... O orgulho de ser grande na desgraça...» São versos de quatro poetas differentes. Vigny já havia dito: *J'aime la magesté des souffrances humaines*.

Em certos casos, no entanto, a particularidade da expressão faz admittir reminiscencia de leitura, ao mesmo tempo que oportunidade de symbolo. O templo — santuario, recolhimento, divindade, culto... é um effeito seguro em symbolismo, e naturalmente se repete, sem motivos de reparo. Mas, si encontramos: «... ta grande ame est comme un temple, d'ou ne sort que la voix d'un dieu...» e, num contemporaneo — «Seu nobre coração é como um templo, onde só Deus habita...» neste caso, ha razão para preferir — que não tivesse havido *repetição* de effeitos... Já tanto não acontece com o resumo que Raymundo Correia faz, na sua VESPER, da poesia de Junqueira Freire — *A Freira*. Aqui, o thema se sublima, para, da simples poesia, tirar-se um symbolo. O caso typico — do symbolo conscienciente aproveitado, em todos os recursos de evocação e até de expressão, é o do final d'A

BOA VISTA, de Castro Alves, refeito na celebre - *Visita á casa paterna*, de Luiz Guimarães: «Ó casa de meus pais!... Eu no teu vasio — vejo uma multidão, fala-me o teu silencio — oiço a solidão!... Povoam-se estas salas... E eu vejo lentamente no solo resvalarem falando tenuemente... as sombras venerandas, fantasmas adorados — visões subtis e brandas... aqui... além... mais longe... por onde eu movo passo...» Mas, era tão opulento, e rico, e magnifico, o poeta da *Boa Noite*, que não se lhe diminuirá a riqueza por esses aproveitamentos. Aliás, Castro Alves não está livre de que lhe apon-tem DALILA como aproveitamento de VAE-TE, de J. Freire.

Ha symbolos universaes suggeridos de utilidades triviaes. Além da *escada* — ascensão, a *chave* — esperança, possibilidade de entrada; e *laço*, *cadeia*, *tenaz*, *livro*, *segure*... A cada passo novas associações se offerecem para evocações seguras, e novos symbolos se formam; o essencial é uma sensibilidade de escol, que saiba accentuar a suggestão, e a valorise em expressão bem evocativa: «Esta flor é o coração; aquelle verme, o ciúme» (?). São tantos, que assim se formam! Haverá nada mais suggestivo de pobreza que — uma garrafa servindo de castiçal?... No turbilhão do recolher, em New-York, passa o estrangeiro arrastando o sinistro isolamento d'alma: é um poderosissimo symbolo — dessa paradoxal situação que a civilisação nos impõe frequentemente; estruge a tempestade, e á sua voz, impavido, o touro vem aguçar as pontas nos cabeços da rocha — é a *coragem cega*, coragem contra tudo, coragem até a morte; o *velho*, que já não pode utilizar a experiencia — a riqueza inutil; os milhares,

(?) Para Gonçalves Dias «...o verme no fructo...» é a ideia delirante na consciencia do misero obsessivo.

na pequena alimaria, que vivem no velho tronco, e delle vivem perennemente, sem que o possam ver, sem que o possam conhecer — a inconsciencia... Numa esquina do Strand, o *polliceman* faz suspender a caudal de gentes apressadas, e *cabs*, e *autubus*, e automoveis, e cyclistas... e, entre os barrancos vivos e agitados, garante a passagem do carrinho-leito do bebê, que nem pode conhecer o que vê; a illustração que deu a *photographia* desse momento documentario, poz-lhe a legenda: *His majesty child!* Guardemos a imagem, pittoresco symbolico — do que é a criança em certas sociedades. Quão longe estamos, agora, do singelo — musgo entre fendas... que, em Gonçalves Dias, tem, no entanto, aquella seductora suggestão!...

45. *Symbolos de situações pessoais*

A individualidade consciente — a personalidade — é o passado vivo e organizado, em acção. Para os effeitos de consciencia, esse passado existe em cada uma das suas phases características, no apreciar das crises reveladoras de poder pessoal. A consciencia reflectida reconhece a si mesma — no analysar do que é explicito, quer dizer, o que tem valor mental, affectivo, ou affirmativo. Fora impossivel ao ser pensante, na posse de si mesmo, não fazer intervir repetidamente, como unidade de pensamento, todos esses aspectos característicos e essenciaes da vida na propria pessoa. Assim como temos necessidade de julgar evocando epochas historicas e acontecimentos de repercussão geral, precisamos de pensar com as quadras da nossa propria existencia. Cada uma dellas tem a sua significação, e a cada uma nos referimos frequentemente. Si externamos o pensamento, significamos o caso num circumloquio, mas, si pensamos para nós mesmos,

evocamos esse valor mental num traço rápido de qualquer coisa bem ligado á quadra de vida a que attendemos. Pensando de nós mesmos, incorporamos cada situação ou motivo pessoal numa imagem-symbolo, a que ligamos, necessariamente, cada um dos nossos conceitos, no que concerne ao passado individual. Temos, nessas imagens, como que fracções sensíveis, reais, do nosso proprio eu.

Como se formam taes symbolos? Como coefficients pessoaes; pessoaes na significação, e no valor do que é symbolisado; pessoaes no tom sensorial ou na plastica do mesmo symbolo. «Ergue esse ramo solto em teu caminho! — Quem não vê, ah!, a imagem que se formou e se fixou por um motivo todo subjectivo. Será uma pura criação de imaginativa; será um traço objectivo repercutindo na visão do poeta... De qualquer modo, a sua condensação em symbolo, vem de uma necessidade affectiva toda pessoal, e, por isso mesmo, é duplamente evocativa: traz á consciencia, na successão necessaria, as attitudes de dous amantes. Taes symbolos são essencialmente originaes, como é original e pessoal, em cada um de nós, a formula de sensibilidade e de ajuste ao mundo onde vivemos. Nos poetas, taes symbolos são, como esse mesmo, intensamente affectivos. E Varella é rico dessas vivaces evocações sensoriaes e de imagens turgidas de passado: «Sinto o aroma do incenso das igrejas... Quando as garças vierem do oriente... dos teus olhos no ceruleo brilho... Junto do alpendre sentado, o camponez nos saudava...» Assim vae desfiando a sua triste aventura neste mundo.

A tragica existencia de Junqueira Freire — historia num só capitulo, está naquelle «sacrificio esteril... nos degraos dos altares ao longo... co'a

face no chão.» Combalido, tumido de saudade, elle vae buscar imagens symbolicas da adolescencia: «As mãosinhas da irmã, que... seus cabellos, brincando alisavam.» E o resto da existencia se lhe incorporou no «edificio negro, erguido e vasto, manchando o azul do ceo... Pasta de lama escurecendo os ares.» Alvares de Azevedo, no poetar da epoca, mostra-nos uma *silenciosa* e querida «varanda romantica e sombria... sobre as columnas o luar vinha bater...» O traço é muito concreto, e particularisado, para não ser verdadeiro. Nessa varanda teria ficado qualquer coisa do passado do nosso genial romantico. Gonçalves Dias, no seu lyrismo de decepções, vê o quadro de sonhada e perdida ventura, em colloquios com sua amada — colloquios que teria tido, colloquios que podera ter, e, sobre tudo, os que ella terá com o rival: «Reclina-se outro no teu seio!... O meu ideal... estava em deixar minha vida correr por ti conduzida... ter a meu lado a consorte querida...» Ha qualquer coisa de analogo, como quadro evocado, nas SOMBRAS, de Machado: «Quando ausentada á noite... deixas no regaço as tuas mãos cabir, e escutas sem falar, e sonhas sem dormir... Com que flor, com que espinho, a importuna memoria do teu passado escreve a mysteriosa historia? Que espectro ou que visão resurge aos olhos teus?...» Flor, espinho... visão ou, espectro... são os symbolos em que o passado se refaz; o poeta bem o sabia. «... Cuido vel-a, placida, a meu lado, lendo commigo a pagina que leio...» A *Via Lactea* tem muitas outras dessas reviviscencias, em que accordam as quadras definidas da existencia. «Que bem me sabe ainda aquelle copo de agua!...» o poeta que tal relembra, tem a sua poesia toda semeada de momentos memoraveis, mas nenhum parece mais

symbolico de — situação em que ficou bem gravada uma volta do caminho feito.

46. *A symbolica affectiva na absorção da consciencia*

Toda essa revisão do passado diz principalmente com a vida affectiva. Cada um dos symbolos referidos é a focalisação de um sentimento; a sua evocação corresponde ao cuidado com que espontaneamente cultivamos os nossos affectos, até as proprias dores, — que as amamos porque são nossas, e nos dizem que *sentimos e vivemos*. A symbolica dos processos affectivos tem, por isso, um interesse superiormente humano, além das virtudes geraes de economia. Na symbolisação está a condição indispensavel para a cultura dos sentimentos e o apuro da affectividade. Já foi o momento em que tivemos de demonstrar que — paixões e sentimentos existem vinculados a um symbolo; assim se definem as affeições; assim as reconhecemos e distinguimos. Ha, mesmo, symbolos naturaes, necesarios e imperativos na evocação: a lagrima, o grito de angustia... são valores absolutos sobre a sensibilidade. Por vezes, tornam-se allucinantes, taes symbolos, e não é preciso ir á psiquiatria para encontrar desses casos, que são os falados casos de fetichismo. O *fetiche* desses dominados é, de facto, um symbolo; e quantos fetichistas se encontram entre que se julgam rasoaveis e são!... Quantos outros não têm a vida suspensa a um sonho de gloria, votada á intranzigencia de uma ambição. Ora, todo anhelos de gloria e todo desejo ambicioso se fazem como solicitações em symbolos.

Além disto, especialmente no apuro da affectividade e na formação da moralidade: a vida moral é essencialmente julgada em *valores*, cada um dos

quaes *vale* como um symbolo de proceder. As sanções se definem como ideias — estão symbolizadas; as influencias educativas, sendo educativas, são necessariamente suggestivas, isto é, agem como symbolos. *Egualdade e Fraternidade... Ordem e Progresso...* seriam symbolos affectivos, si de facto, significassem alguma coisa... A poesia, si não é simplesmente metro e rima, significa sempre, significa grandemente para os corações, porque a parte substancial della é sempre riqueza de symbolos affectivos, que dão forma e estímulo para o sentir. «Hão de os annos volver como as flores... mas como as flores, sobre o teu nome vividos e leves...» e tudo que ahí se segue é o symbolo discreto da amizade, symbolo tão singelamente commovente que é, por isso mesmo, formador, educativo. «Tornei-me o echo das tristezas todas que entre os homens achei!...» No momento em que é lançado esse grito, já ninguem o percebe como imagem de arrojo poetico, e elle cae n'alma como o brado symbolico de uma grande miseria affectiva — a tragedia da ternura paterna. O *Adeus de Theresza*, — vinte e quatro versos, contendo todo um drama em 4 actos... e, por isso, repercutte na consciencia como um verdadeiro symbolo, do drama que cada coração compõe livremente.

Nas paixões organicas, as representações symbolisantes se reforçam com excitações de origem interna. Em todo modo, na vida affectiva, os symbolos são as imagens oriundas dos seres-*objectos* das respectivas manifestações. A representação viva da imagem — uma qual excitação sensorial — é condição essencial na realisação da affectividade. Nesse facto, universalmente reconhecido, baseiam-se todos os cultos. A analyse, agora, tem por intuito, justamente, caracterisar a função do symbolo na evo-

lução e no apuro dos affectos. E, por isso mesmo, será preciso começar lembrando principios geraes de psychologia, ao mesmo tempo que se assignalarão as condições formaes em que se realisa esse symbolismo, e que são ligadas ás suas proprias leis. Ellas se capitulam em trez formulas:

a lei da economia é tão necessaria e expressiva na vida affectiva como no puro mentalismo;

nos estados affectivos intensos, a consciencia tende a ser exclusivamente sentimento;

desde que a consciencia se entrega a uma emoção, as excitações sensoriaes concomitantes, si não a contrariam directamente, são como que estimulos subsidiarios.

Já tivemos necessidade de mostrar (pag. 78) como, pelo symbolo, se realisa a lei da economia, nas manifestações affectivas. Sou amigo de F... tenho motivos para essa amizade; commoveram-me os transe em que se debaten o animo de tal heroe... A apreciação desses motivos de amizade, os juizos moraes a respeito do heroe, representam longas elaborações mentaes, que são as bases mesmas dos meus movimentos affectivos. Mas, para que as emoções se repitam, agora, quando já existem symbolos representativos desses julgamentos e apreciações moraes, não é mais necessario que se repitam explicitamente os longos processos de ideias em que se nutrem os sentimentos. Os symbolos dessas elaborações — a *imagem* do amigo, a *percepção* do seu nome, uma referencia ao *nome do heroe*, a visão do seu *monumento*... qualquer dessas imagens symbolicas será o bastante para fazer vibrar a sensibilidade, num conjuncto affectivo tanto mais forte, e profundo, e exclusivo, quanto maior foi a dōse de energias mentaes poupadas, isto é, dispen-

sadas de concorrer como trabalho de pensamento. Sim, esta é uma consequencia da propria lei da economia, e que nos explica a segunda formula.

Sempre que nos encontramos com os efeitos desse principio — a *lex parcimoniae*, devemos ter em mente a sua verdadeira significação. Tendencia ao *menor esforço* não quer dizer renuncia ao esforço, mas — tendencia a eliminar os esforços inuteis, e, por conseguinte a *bem* utilizar as energias disponiveis para a realisação da actividade realmente *necessaria*. Quando, pela lei da economia, se supprimem e se substituem, pelos symbolos, os intermediarios disponiveis no pensamento, não é para que se suspenda o mecanismo mental, e, sim, para que — toda a energia que não se gasta num reviver inutil de abstracções e comparações, seja utilizada no proseguir ulterior do pensamento, levando-o a maior extensão, maior agudeza, maior desenvolvimento util. Si, por effeito da *lex parciminae*, basta o symbolo para despertar a emoção, não significa, tal economia, que as energias disponiveis se recolham e fiquem inaproveitadas. Não; nem tal seria possivel, dada a propriedade essencial dos estados affectivos — de dominarem a consciencia. E por isso mesmo que tão justos e necessarios, ou ádequados, pareceram aquelles conceitos (pag. 78), e que, todos, se resumem na formula *para bem sentir, é preciso não pensar*. Realmente, nada mais exhaustivo do que sentir. Certas emoções serão estimulantes, porque, no ajuste espontaneo da actividade psychica, o desencadeiar de taes affeições já se faz como uma forte concentração de energias — todas as energias possiveis. Essas energias são como que chamadas, para servir no desenvolver da emoção, porque esta exigiria muito vigor, e consumirá todas as forças disponiveis. Esse é um

modo de ser essencial na vida affectiva. Dest'arte, para que o sentimento attinja a vehemencia e a intensa vibração, e passe do *rouge au blanc*, é preciso dar-lhe combustivel — deixar que elle utilize todas as energias que seriam para o simples pensamento.

É noção elementar de psychologia: que os nossos estados de consciencia são geralmente mesclas — de representações e affeições, e que o valor de um desses aspectos é sempre inversamente proporcional ao do outro. De sorte que, nos casos extremos — só ha representação, ou, quasi, só ha emoção. Tal acontece no puro mentalismo abstracto: o pensamento se faz num tom inteiramente neutro; tal acontece a quem se entrega á solução de um qualquer problema de arduo raciocinio, orientado com lucidez e penetração. Então, os momentos decisivos são de pensamento exclusivo. Da mesma forma, no extasis do mystico, o vertice da emoção é de puro sentir: a alma absorvida na divindade, possuida pela graça, já não se pertence, quer dizer já não *conhece*, nem tem consciencia para a *realidade*; é toda sentimento, vibração de amor no seu Deus. A simples experiencia commum nos diz bem que é desse modo que as cousas se passam. Mesmo quando o objecto que commove deve ser conhecido e pensado, reconhecemos que é impossivel conhecê-lo perfeitamente, lucidamente, si na consciencia predomina a emoção. — «Espere! Acalme-se! e pense, então...» É o conselho invariavel. Em tal sorte, o symbolo, pelas suas virtudes especificas — de concentração e exclusividade, vem accentuar e favorecer as propriedades essenciaes dos processos affectivos. O symbolo é sempre um todo, unificador e focalisante; é, por conseguinte, a forma de excitação mais conveniente e propicia aos estados affe-

etivos repetidos. No desenvolver de uma affeição, para que ella attinja a sua optima, é preciso que não haja estímulos directos ao pensamento, para os effectos de conhecer e comprehender. Seriam motivos dispersivos, turbadores do sentimento, porque todo esforço mental é inhibitorio da affectividade. Uma emoção criticada, analysada, é emoção dominada.

Todos esses aspectos da vida affectiva são muito accentuados na sensibilidade esthetica. Delles resultam os princípios essenciaes quanto á boa realisação do symbolismo nas artes plasticas, e, mesmo, na litteratura; por isso, terão de ser lembrados, em novas applicações e deducções.

47. *Os symbolos no culto*

A ultima das formulas traduz factos que resultam desses mesmos já estudados, explicados segundo as condições geraes da attenção.

Todo estado consciente é, por isso mesmo, unificação, que será tanto mais manifesta e formal quanto mais accentuada for a respectiva intensidade. É como o estado de attenção é, justamente, o *actmé* de consciencia, isto é, o de mais intensa representação, é tambem o de mais perfeita e completa unificação. Os estados affectivos pronunciados, intensos, são, quanto á representação de consciencia, equivalentes da attenção, ou, melhor são determinantes de attenção. Nelles se manifesta essa mesma propriedade unificadora, exclusivista e absorvente da attenção. Nestas condições, si sobrevêm outras excitações, principalmente excitações sensoriaes, taes excitações serão canalizadas como reforço de sentir. Si, pela sua natureza, não podem ser assim unificadas no processo affectivo, são turbadoras d'elle. O symbolo, em compensação, tem uma acção nitidamente ordenadora: permite evocar os estados inter-

nos -- de dor, de prazer... até mesmo os de caracter estheticos, sem produzir as perturbações internas, que adviriam si houvesse a reviviscencia explicita dos complexos sensoriaes.

Examinem-se, agora, as praticas e formas em qualquer culto; analysem-se as liturgias que tradicionalmente levam as consciencias á exaltação ou á beatitude religiosa, e a respectiva psychologia nos apparecerá inteiramente natural, tão logica e comprehensivel, no seu desenvolvimento, como qualquer regimen que se houvesse instituido sob a inspiração immediata e racional de psychologos experimentados.

Pela educação, os sentimentos se formam na referencia constante a symbolos bem suggestivos, e, em cada conjunctura, provoca-se a formação de multiplas imagens convergentes. O complexo de todas essas imagens, para os olhos architecturaes, picturaes, esculpturaes, actua sobre a consciencia, e a ella se impõe, como uma symbolica generalisada, envolvente. E, com isto, ao mesmo tempo que se isola a creatura de todas outras excitações, dispersivas e divergentes, contendo-a num ambito exclusivo para o culto, ahi, nesse ambito, ella encontra excitações para todos os sentidos que possam concorrer para a exaltação do sentir religioso; a visão, em penumbra, de motivos de pura crença; a sonoridade inexpressiva do bronze, cantos que apenas são musica, sem virtude esthetica para levar a consciencia a um goso especifico; olores excitantes, mas tradicionalmente ligados á propria liturgia, sem outro poder evocativo. E, assim, envolvida de excitações convergentes, está a alma do crente, confida e inteiramente abstrahida de qualquer outra impressão. No vasio mental do ambiente, com a exclusividade das suggestões, as excitações possíveis

são puros estímulos, necessariamente utilizados pelo poder unificador da afeição ⁽³⁾.

Mestres na arte difficilima de conduzir os homens, experimentados formadores de consciencias, os instituidores de religiões e organizadores de cultos mostram-se, sempre, excellentes psychologos. Sem *revelar* os seus methodos reaes de influir, elles procederam sempre como si nada ignorassem — do que a bôa observação psychologica tem ensinado. E, si não *revelavam* o que era de si mesmos, falavam sempre por uma *revelação*, como portadores do mysterio, porque o mysterio affasta o pensamento, dispensa de conhecer e de comprehender. É a iniciação classica, e realmente efficaz, para o que se deve obter do culto.

E, proseguindo logicamente, o culto se faz com o maximo de efficiencia educativa. Scientificamente toda tendencia é o correspondente psychologico de uma organização nervosa. Dahi, estes preceitos, essenciaes em educação: *a)* para desenvolver e reforçar a tendencia — estimulal-a repetidamente, e, repetidamente, fazer sentir intensamente o que ella pode fazer sentir; *b)* para apurar a tendencia — produzir as suas manifestações em torno de motivos que se representem como os mais elevados; *c)* para attenuar uma tendencia, impedir que ella se manifeste. Tudo isto é absolutamente razoavel, e tem a sua explicação em termos de pura *physiologia*:

(3) O templo aberto, na luz da grande natureza, era o proprio do culto grego; o templo fechado, onde Pan não se faça sentir, é o necessario para o culto que só se dirige ao espirito. Por isso, a *missa campal* é uma aberração, quasi insupportavel para o verdadeiro crente catholico; é festejo, onde não pode haver aquelle recolhimento da alma que aspira commungar com o espirito divino. Toda a gloria da natureza, que encha o ambiente, será turbadora da verdadeira emoção religiosa christã.

a função faz o organ... é o exercício que apura. Dest'arte, no regimen de qualquer culto religioso, reforçam-se e apuram-se as tendências humanas, que parecem garantidoras da moralidade, sustêm-se, pelas prescrições dogmaticas e comminatorias, as tendências que se consideram baixas e degradantes. Ora, é o symbolo o economizador das energias, que serão utilizadas em sentir; é o symbolo o condensador, focalisante e impositivo. — É o symbolo — factor essencial na realisação do culto, qualquer que elle seja. Hoffding indica nitidamente a relação directa entre a sublimação dos sentimentos e as suas necessidades symbolicas: «O sentimento torna-se mais ideal quando se refere a um conjuncto vasto e consideravel — a familia, estado, humanidade, ou ao que, por essencia, não pode ser concebido numa limitação — a divindade, a natureza. Neste caso, a representação que se ligue ao sentimento, tem de ser de character symbolico. A historia das religiões ahí está para mostrar-nos até que ponto a essencia do sentimento implica a necessidade de symbolos. Dahi, a necessidade de fixar o ideal e o infinito sob formas precisas, para dar á emoção um ponto de concentração» (4).

No sentir commum, para a affectividade trivial, o symbolo tem essa mesma influencia, a mesma significação, e o regimen normal do espirito nos nos leva, naturalmente, a symbolisar todas as nossas manifestações affectivas habituaes, colhendo suas imagens de tudo que naturalmente se offerece. Toda emoção tem o seu vislumbre physionómico, e são esses mesmos tons de physionomia que nos servem de primeiros symbolos affectivos. De muitos delles, dos mais frequentes e simples, usamos correntemente em recurso de expressão — o sor-

(4) *Op. cit.*, pag. 328.

riso, o movimento de olhar, a disposição da frente... os gestos espontaneos, as inflexões... Finalmente, todo esse conjunto de attitudes e tonalidades emotivas com que acompanhamos o discurso, levam aos olhos e aos ouvidos do interlocutor um precioso complemento de expressão. Nesta symbolica natural, espontanea, elle percebe todo um mundo de circumstancias affectivas que a palayra não sabe dizer, ou, pelo menos, não se retarda em traduzir (°).

(°) Não pareça estranho que, nesta analyse, não haja referencia especial aos processos característicos da poesia *symbolista*. As razões argumentadas no *prefacio* bastariam para explicar a ausencia de taes referencias. *Symbolo* e *symbolismo*, estudados aqui, são factos constantes em todo mentalismo, característicos do pensamento humano. Os seus effectos suggestivos têm origem na essencia mesma da obra poetica, independentemente de escolas e programmas. Um trabalho de pura critica litteraria teria razão de rever os *symbolistas* em especial; uma analyse de pura psychologia deve estudar os aspectos geraes do symbolo, onde elle assim se caracteriza. Os *symbolistas*, numa reacção certamente necessaria, não quizeram reflectir — em que: a refração symbolica resulta do temperamento mental do artista, não é cousa a ser adoptada como processo qualquer de factura. Não é symbolico quem quer, mas quem, por necessidade intima, só no symbolo tem a justa expressão do seu espirito. Os *symbolistas* procuravam, sem muita lucidez, certos effectos de suggestão surda ou mediata. Procuravam realisar a arte de dous grandes poetas — Baudelaire e Verlaine, dous escravos dos seus nervos, dous temperamentos que se individualisaram até a morbidez; é, com isto, inaccessiveis á imitação. Resultou que o symbolismo, para continuar a viver em escola, teve que ser: *decadentismo, impressionismo, versolibrismo, cubismo, futurismo*... Foram desvios irresistiveis, em quem esquecia que toda arte de expressão intelligente deve procurar, sobretudo, os effectos de pensamento. *Peindre la visage de la Pensée*... com puras sonoridades e simples nuanças, no desprezo da ideia, era um programma de sacrificio para artistas de pensamento.

CAPITULO VIII

SYMBOLOS ESTHETICOS

48. *Aspectos gerues na symbolica da arte*

O estudo dos symbolos estheticos se deve fazer como extensão da symbolica affectiva, porque o seu interesse maior está em tornar patente os principios racionaes a que deve attender a obra d'arte, quando se realisa em symbolos. Nessa analyse, far-se-á evidente — que, nos effeitos de esthesia, o symbolismo é todo suggestivo. Ahi, estudaremos, somente, o que nos offerecem a pintura, a escultura e a litteratura. A esthesia musical é de causa puramente sensorial, independente de qualquer elaboração imaginativa-mental, com interpretação aavez de evocação. O seu dominio — da esthesia musical, é isolado do pensamento. Os apontados effeitos symbolicos ou suggestivos da musica, são effeitos de puro estimulo affectivo, como o da esthesia olfactiva; a prova está em que elles se podem juntar e fundir com os de qualquer affeição de significação explicita na consciencia, sem a perturbar, antes reforçando-a, isto é, intensificando a affeição de que o individuo esteja possuido. Quando se diz que a musica é evocativa, o conceito quer significar, somente, que a musica, excitando a vida de consciencia, deixa a creatura á mercê de todas as associações possíveis — e muita cousa será evocada, ao accaso das condições pessoaes e das cir-

cumstancias opportunas. Quando um trecho musical serve de symbolo, isto resulta de motivos pessoaes, ou occasionaes, inteiramente estranhas aos enca-deiamentos estheticos. Tambem não haverá menção especial de symbolos architecturaes porque, não sendo a architectura pura arte, sendo-lhe a arte mero atavio, a analyse da symbolica architectonica teria que tratar, na generalidade dos casos, não de symbolos realisados em esthesia, mas de realiza-ções utilitarias, quando não de aberrações, pela infracção de todas as leis demonstradas no menta-lismo humano. A verdadeira obra d'arte é valor de eternidade; é a propria belleza incorporada á tradição humana sobre a terra. O transitorio, em arte, é o que pode ser dispensado; é o irresistente, o que se tem de condemnar e eliminar na depu-ração definitiva. Ora, a architectura, quando deixa de' ser strictamente utilidade material, é, geral-mente, moda, e a moda é o bello que será feio, será monstruoso, amanhã. Não é que a architetura não se possa fazer como verdadeira arte, e que não tenha havido realização de grande belleza nas pro-duções architecturaes; não se nega que a ponte Alexandre seja uma verdadeira obra d'arte; que haja muito poder suggestivo no «Arco de Trajano», e que a cathedral de Rouen seja um todo bem symbolico... Mas ainda assim, não ha razão para dar referencias especiaes a esses escassos especimens de verdadeira suggestão esthetica em linhas archi- tectonicas, principalmente porque, em tal caso, os effeitos symbolicos guardam perfeita analogia com os das outras artes plasticas. O Trocadero é symbo- lico, talvez, como será symbolico um a fresco de Puvis de Chavannes.

Antes de distinguir a symbolica das artes plas- ticas, da que se encontra na litteratura, convem

mais interessantes na evolução social: os órgãos de coerção material sobre a energia bruta dos indivíduos, substituem-se, progressivamente, por sistemas simbólicos, que se incluem superiormente nos liames sociais, e agem como valores de consciência. A consequência disto é essa, já assinalada — a necessidade que têm os indivíduos de sentirem-se materialmente livres, a fim de agirem de accordo com os sistemas simbólicos, accetos em consciencia.

Em formas sensíveis, não podemos imaginar um tal systema de relações, mas podemos bem distinguir e comprehender a importancia de um e de outro, desses dous conjunctos — pessoas e symbolos, quando pensamos *no* a que se reduziria a sociedade, si se dissipassem todas as suas dependencias e relações symbolicas, isto é, tudo que é *pensamento e tradição*. É como se desaparecesse isto que consideramos como realisação humana: seria uma humanidade a refazer-se. Imaginemos agora, que todo esse mundo symbolico persiste, mas transmuta-se a organização dos individuos: seria, igualmente, o recommear de uma evolução, pois o desaparecimento dos modelos de consciencias, onde taes symbolos tinham valor, significaria a destruição desses mesmos valores, que formam, aliás, o segundo aspecto da tessitura social. Então, podemos considerar a organização social feita com duas sortes de elementos: cellulas sociais, vivas e conscientes — os *individuos*, e *symbolos*, individualizados como valores, mas indefinidos no espaço, e mal limitados no tempo. Todavia, de tal modo se passam as cousas, tão importante é o valor dessas virtualidades symbolicas, que, por vezes, nellas representamos a realidade dos agrupamentos. O corpo social — a humanidade — comprehende, já o vimos, nucleos

mais ou menos instaveis; ella, por si mesma, não cogita de morte ou desaparecimento; a vida do conjuncto se faz com a vida desses nucleos; frequentemente, registram-se casos — de alguns delles que desaparecem, ou se refazem, em quanto outros nucleos surgem e se affirmam. Traduzimos o phenomeno como si, de facto, o agrupamento de organismos se tivesse reformado, ou fosse eliminado. Ora, realmente, o que desaparece, ou se refaz, na generalidade dos casos, são as tradições, supplantadas ou substituidas por outras. Nessas tradições se consagram e se definem, concretamente, as dependencias moraes e as realizações sociaes. Quando, por qualquer motivo, ellas se dissolvem, o facto se consigna, historicamente, como o *desaparecimento de um povo, de uma civilisação*. Os nucleos ou agrupamentos nacionaes são os centros effectivos de coordenação e de orientação; as tradições correspondem ás formulas dessa orientação socialisadora; quando a tradição é suplantada, já não podemos reconhecer o povo ou o nucleo que nella se representava. Imaginemos o individuo cujo character fosse substituido: elle não morreu organicamente; mas a pessoa moral desapareceu; em vez della, ha *outra...* Sabido que as formas sociaes existem numa tessitura de symbolos, é facil comprehender, não só o mecanismo das communicações, como o de que depende, socialmente, o valor de cada consciencia. Então, verifica-se que — si duas consciencias se encontram num symbolo, está feita a comunicação entre ellas; o poder de uma consciencia cresce com a importancia dos symbolos que nella repercutem, e que por ella se socializam.

5. *O subjectivo da especie*

De tudo isto resulta o reconhecer-se que o individuo consciente é o homem em função social.

Tanto vale dizer — para attingir, e comprehender, o que é realmente humano no homem, devemos considerá-lo em continuação e em comunicação com os seus semelhantes. Wundt julgou bem da questão, no que chamou — a *interpretação subjectiva dos phenomenos do espirito e sua dependencia do meio social espirital*, que vem a ser isso mesmo, a que nos referimos como — *tessitura dos symbolos*. Esta formula ou expressão parece a mais conveniente para o caso. Si não, vejamos: em que consiste explicitamente a socialisação humana? No realisar, em symbolos, os instintos sociaes; os sentimentos, em que naturalmente se expande o instincto de sympathia, cultivam-se e apuram-se em symbolos (§ 37, da 1.^a parte); e é na condensação symbolica que os novos modelos e processos adaptativos são suggeridos, e propostos á imitação. A socialisação de uma idcia se faz com a socialisação do respectivo symbolo; as proprias aspirações e ideaes humanos só agem sobre as consciencias fulgurando em symbolos. Finalmente, nenhuma concepção, nenhum valor se socialisa sem o symbolismo que o apresenta, e que, condensando-o para o pensamento, define-o para a sociedade.

Na livre associação dos individuos humanos, o organismo biologico representa um conjunto de relações interiores, em correspondencia com relações exteriores, adaptativas; cada organismo se harmoniza no meio geral, segundo a dupla orientação — interesses pessoais e interesses da especie. Mas ha dous modos de apreciar e considerar as relações de adaptação do homem em sociedade: a apreciação absolutamente objectiva, num pensamento que não tivesse analogia com as consciencias humanas; a apreciação que, dada a nossa consciencia de humanos, podemos fazer. Sob o primeiro criterio, a so-

cidade, na especie humana, consiste, numa livre associação de systemas nervosos, de organização analogá, reagindo contra impressões analogas, através de systematisações hereditarias communs. Assim, *objectivamente*, na vida da especie, não ha — nem symbolos, nem transfusões de consciencias; ha, de facto, transmissão de excitações, de individuo a individuo, por intermedio dos aparelhos sensoriaes, e, com isto, reacções coordenadas, em commum. Uma tal transmissão de excitação, e a consequente coordenação das reacções tornam-se possiveis, e são condicionadas, pela riqueza e a complexidade da organização cerebral, na especie. Biologicamente, é esta a superioridade do homem. Mas, esse modo de julgar, em absoluta objectivação, é irrealisavel na nossa mentalidade: não podemos deixar de ser o que somos. Chegamos á capacidade de conhecer e de julgar — applicando, ao que conhecemos, o que em nós encontramos e sentimos: a *acção* é, para nós, como a realisamos; o *poder* é esse de que nos sentimos possuidos. Podemos sublimar o animismo, e dilatar o anthropocentrismo; hemos, porém, perpetuamente, de julgar e agir — como humanos, animados em consciencia. Pouco importa que o raciocínio nos diga: que *linhas* são apreciações subjectivas de tensões musculares, e, *côres*, são irritações excitantes na retina: para nós, o universo tem de existir em linhas e côres... e pesos, e resistencias, e odores... outras tantas subjectivações da realidade.

Dest'arte, sendo impossivel o objectivo absoluto, procedemos, mentalmente, por entre dous subjectivos: um nimamente pessoal, como quando julgamos dos nossos affectos, em face dos que se manifestem nos outros homens; outro, que se estende a toda a especie, e comprehende os nossos julgamen-

tos quando explicamos os factos, segundo os distinguimos em valores mentaes socializados. E um subjectivo-objectivo: nos dados de consciencia, as relações da especie com o meio têm significação subjectiva, ao passo que as relações sociais, dentro da especie, têm significação objectiva. Consciencia e symbolo são formulas subjectivas, segundo as quaes a sociedade humana conhece a sua existencia. E dizemos — é o symbolo que associa os homens, porque, subjectivamente, somos consciencias. Na transposição de um criterio para o outro, os symbolos são formas de excitações; ha, porém, absoluta necessidade de estudar e comprehender a vida humana nesse criterio subjectivo, porque nelle temos uma sorte de verificação e ampliação de valores: as distincções que poderíamos fazer nos objectos de conhecimento, considerando-os como simples excitações, seriam quasi vãs de sentido, ao passo que, como representação-symbolo, temos uma tal multiplicidade de aspectos, tanto desenvolvimento de effectos, que a materia de conhecimento e comunicação nos apparece qual um mundo de categorias em evolução. Dessa forma — subjectivamente, a sociedade é uma organização baseada no facto — *consciencia reflectida*, tramada e urdida nos nodos dos symbolos. Os seus cimentos ou cellulas vivas — os individuos, são personalidades que se fazem, psychologicamente, absorvendo e assimilando o meio social; e têm de caracteristico — que são nmiamente educaveis, reformaveis, ao mesmo tempo que são organicamente independentes. Como têm vida propria e existencia limitada, cada um encerra em si mesmo os seus destinos, e deve adquirir, como experiencia pessoal, a formula de direcção pessoal e de existencia social, isto é, de *moralidade*. Tal formula é dada pela propria direcção dos nucleos

sóciaes. Notemos, no entanto, que a função de direcção social se torna, cada vez mais, uma influencia virtual, livre, agindo simplesmente por suggestão sobre as consciencias. Como todas as funções sociaes, a direcção das consciencias é sempre reformavel e instavel, e define-se, como o proprio pensamento, em symbolos — de formulas geraes, formulas que cada consciencia assimila, como assimila os outros processos de adaptação ao meio physico. Os órgãos directores instituem-se livremente, espontaneamente; valem como órgãos pensantes, sem nenhum poder objectivo e effectivo sobre as pessoas, porque os actos, nas mentalidades constituídas, são coordenados no exclusivo pessoal da consciencia, e só esta os pode modificar. A influencia directora, para ser benefica e efficaz, tem de ser suggestiva, por effeito de transmissões symbolicas, como para todas as outras relações sociaes. A direcção se exerce immediata e concretamente sobre os nucleos de tradição, e realisa um desenvolvimento symbolico, que acabará incorporando-se á respectiva tradição. Dahi, resulta que as direcções se approximam e se confundem, como acontece com as proprias tramas de tradição, entrelaçadas no grupo total. Os systemas directores se instituem, apenas, como indicações geraes, que se aceitam na razão da correspondencia que exista — entre elles e as necessidades intimas de socialisação crescente e de solidariedade completa. Os interesses sociaes, reconhecidos e systematisados, realisam-se em serviços geraes, reflectidamente organisados, e incessantemente reformados e aperfeiçoados.

CAPITULO II

A CONSCIENCIA REFLECTIDA

6. *A personalidade e o EU — que se comunica; a illusão do poder pessoal.*

Qualquer que seja o grau de organização social, é na consciencia que ella se faz: assim nos reconhecemos em sociedade, assim temos de julgar o seu modo de existencia. Mas, convem não esquecer que nos tornamos cada vez mais conscientes, e que, finalmente, a consciencia se desenvolve em dous graus: o primeiro, que é simples representação immediata das excitações cerebraes — a consciencia que apenas *conhece* os objectos impressionantes; e o segundo, da consciencia reflectida — a consciencia que *se conhece*. No primeiro gráo, como acontece no animal e no alvorecer da mentalidade humana, o pensamento se faz, apenas, com os residuos immediatos ou effeitos directos das impressões: com os *receptos*, diz Romanes. No segundo gráo, senhora de si mesma, a consciencia se apropria do seu conteúdo, discrimina explicitamente os aspectos das cousas — abstrae, generalisa; crea, assim, valores mentaes em conceptos; symbolisa-os, e pensa com esses valores geraes e abstractos — pensa com ideias, em symbolos. É o pensamento symbolico, caracteristico e exclusivo do homem (pag. 47). No proseguir desta analyse, veremos que a consciencia reflectida, condição do pensamento humano, é tambem, a condição essencial da communicação das consciencias, e, por conseguinte,

da organização social: as pessoas se relacionam e se communicam como seres distinctos, e que assim se consideram. No esforço para conhecer o meio que o impressiona, o individuo intenta conhecer os outros individuos; volta-se para a sua consciencia, e ali encontra: a repercussão da actividade propria, e a imagem da actividade dos outros; faz-se necessariamente um cotêjo, de que resulta reconhecer-se o individuo distincto, livre, e semelhante aos outros. E é assim que cada um dos elementos sociais chega a ter consciencia dos liames psychicos que o associam ao todo. Mas, nessa mesma consciencia, elle tem a representação da propria existencia, organicamente independente, ao mesmo tempo que se sente livre, e com as energias precisas para fazer uma vida propria e pessoal. Com isto, o individuo se torna, *ipso facto*, autonomo e senhor dos seus destinos; tem iniciativa, e considera-se responsavel pela propria existencia organica, pois que, biologicamente, é um todo distincto, isolado e absolutamente limitado. As relações psychicas, superpostas ás condições organicas, a autonomia consciente, e a necessidade de iniciativa deram, então, á evolução geral da especie o character humano que ella tem — de livre coordenação. Nisto differe, essencialmente, a evolução social, da evolução biologica. O progresso não está, não poderia estar, na formal centralisação dos processos sociais, nem na subordinação dos individuos a um poder exterior ás consciencias. O ideal, como regimen social (ideal que já se define), ha de ser o de — autoridade moral, cooperação voluntaria, e solidariedade affectiva. Por isso, só se realisa verdadeiro progresso quando, satisfazendo ás tendencias intimamente ligadas á organização nervosa cerebral, tem o individuo a possibilidade e liberdade para desenvolver a sua inteira

actividade, donde surgirão iniciativas, formas novas de reacção e de coordenação. O progresso se exprime, dest'arte, por um crescente poder de adaptação, poder que resulta da socialisação cada vez mais perfeita, e da intima solidariedade da especie.

A consciencia da sua existencia pessoal e livre, a capacidade de vontade, isto é, de modificar e reformar as suas reacções, deram ao individuo humano o sentimento das proprias energias, e a representação subjectiva de ser — um poder. É illusão, si consideramos a vida humana no conjuncto do universo; mas, si consideramos a consciencia humana como necessariamente ella existe, reconhecemos que, para si mesmo, o individuo *tem* — *poder*, pois é sob essa forma que elle se conhece. No comprehender as relações humanas, temos de pensar da «illusão subjectiva do poder», como de uma realidade, pois que, em toda circumstancia, o individuo faz a sua vida moral e consciente como si fôra, realmente, um poder. Devemos lembrar, ainda, que essa ideia de — *poder* não é mais do que a extensão da capacidade que, desde a aurora da consciencia reflectida, o homem reconheceu em si — de variar os seus actos, e de reformar as suas relações. Foi a isto que, primeiro, elle considerou e chamou de *poder*. Dest'arte, para a consciencia humana, o poder essencial é este — o *poder de vontade*. Não somos um poder para crear energias, mas temos a representação de «poder», representação que se irradia, e que, em symbolo, vae a outras consciencias, e dá origem a outras representações, como seja a ideia de *causa*, derivada, immediatamente, desse poder material, realisado no esforço muscular (1).

(1) O esforço muscular produz determinado effeito: é o seu antecedente — eis a concepção de *causa*.

De tudo isto, resulta a conclusão, que é a propria formula da condição humana: sendo o homem um *poder* para si mesmo, sendo capaz de reflectir e de contemplar-se, tem de ser livre, dentro do grupo social, a fim de poder adaptar-se efficazmente, e desenvolver a iniciativa pessoal, desde que a assimilação social se faz com a affirmação da existencia individual. Dahi, a circumstancia de que — não se pode bem socialisar quem não se julga como vontade livre. O que se socialisa, pois, é a personalidade, esse EU da vontade, e que deriva das actividades de relação. Taes actividades — de adaptação consciente, unificadas e reflectidas na consciencia, valem como uma synthese, que é a *pessoa*, complexo — concordante, pela attracção dos componentes no interesse individual, e pela convergencia dos effeitos numa só consciencia. Ahi está a unidade social, ao mesmo tempo entrelaçada no corpo social, e em relação directa com o meio cosmico. Nestas condições, o conjuncto dos processos adaptativos se torna apreciavel em cada individuo, e constitue um ser perfectamente definivel — o ser a que chamamos *espírito*, e que se forma á custa das acquisições directas e das transmissões symbolicas (mais de transmissões symbolicas, talvez, do que de acquisições directas). O espirito é, pois, uma realidade, na subjectividade *do agrupamento social*: é uma realidade de relações, resultado de transmissões psychicas, producto da educação, orientada pelos instinctos geraes da especie. As proprias tendencias naturaes, hereditarias, só se revelam sob o influxo da sociedade, e exprimem-se pelos meios de acção que a educação fornece. A educação corresponde á assimilação do individuo na actividade social, e, por isso mesmo, corresponde á organisação da consciencia. E, agora, comprehende-se —

que o bebê não seja uma pessoa social, e que a criança não pode ter uma consciencia lucida, reflectida, moral, si não á proporção que vae assimilando a vida ambiente, da sociedade.

7. *A consciencia que se conhece*

A consciencia reflectida não está em que o individuo se reconhece, mas em — reconhecer-se como unidade social; aliás, só desta sorte pode ella existir. A consciencia começa conhecendo os outros; então, quando conhece a si mesma, e se reconhece analoga aos outros, isto é, como «unidade num todo», é consciencia reflectida. São, todos esses, aspectos distinctos, e que se vão definindo successivamente. Uma cousa é — ter consciencia do que é externo ao pensamento; outra cousa é — ter consciencia de «ser pensante»; outra, finalmente, o reconhecer as relações entre o ser pensante e as cousas pensadas. Por outras palavras: bem differente é o *perceber as relações* (e o animal as percebe), do *compreender que as relações — são relações*. O animal é inapto a julgar em função de si mesmo; não é, realmente, um ser pensante, uma vez que não consegue apossar-se do pensamento como pensamento. O homem conhece e julga com a attitude explicita de quem pensa; tem consciencia de que é um *eu*, julgando das cousas em grupo, que é um agrupamento de actividades, e que faz parte de um grupo de congeneres. Essa forma de superior pensamento só lhe é possível — porque os grupos de relações, e os congeneres, e elle proprio, existem em symbolos. De sorte que o verdadeiro pensamento se faz na reflexão introspectiva — «como são as cousas... como estão dispostos os seres»... E a mente conhece em juizos que são, explicitamente, predicações de umas cousas por ou-

tras, numa perfeita consecução de relações. Mas, não é por *predicar* que o pensamento humano se caracteriza, e, sim, porque escolhe entre as predicções, e se reconhece com capacidade de fazer tal escolha. Nesta conjuntura, então, faz-se a real distincção — entre sujeito e objecto.

Por esta analyse se verifica — que a consciencia reflectida começa com a possibilidade de haver diferentes reacções para uma mesma impressão, e se torna possível com a existencia de uma excitação percussiente, sem resposta immediata. De sorte que, subjectivamente, o seu effeito proximo é a verificação dos resultados da resposta escolhida ou adoptada; e é com isto que ella se tornou, finalmente, capacidade de previsão. Objectivamente, essa excitação sem resposta immediata só é possível com a riquissima organização cerebral, como se dá no homem, porque, na multiplicidade das systematisações corticaes, ha uma equivalente multiplicidade de reacções para as escolhas subjectivas. Assim entendido, podemos considerar a consciencia reflectida — uma vasta repercussão synthetisadora de processos concumittantes. Os seus motivos intimos estão, de facto, na opposição das tendencias affectivas (*). Si o homem fosse somente egoismo, ou sympathia, não teria occasião, nem largueza, para reflectir o proprio ser. A opposição das tendencias, com a multiplicidade dos tramites cerebraes, determina a inibição, que projecta a consciencia para a

(*) As tendencias assim se desenvolvem até chegarem a essa nutrida e insistente opposição, devido ao excesso de cerebração, característico da especie humana. É isto que, multiplicando os tramites corticaes, produz esse mentalismo que se deve normalisar na simplicidade dos symbolos; permite a consciencia reflectida antecedente e consequente da symbolisação, e vem, finalmente, expandir-se creando arte, sciencia, philosophia...

reflexão; e esta se desenvolve, então, com a possibilidade que é dada ao espirito — de ater-se aos symbolos, e de guiar-se por elles. É a expansão do espirito, na posse de si mesmo, atravez do mundo ambiente. E, como a sociedade é a parte mais importante nesse ambiente, a consciencia reflectida vem a ser, realmente, — a consciencia na especie. Poderíamos dizer: é a força do espirito circulando no corpo social, como o sangue nutriente por todo o desenvolvimento do organismo. Lembremo-nos que o homem não é organismo de adaptação somática, hereditariamente adaptado; é *cerebrado adaptavel*, cuja adaptação só é possível por processos conscientes, mediante consciencia reflectida, realisada na vida social. Nesta conformidade, esse grão superior de consciencia não poderia deixar de ser — reflexo da vida da especie.

Agora, torna-se facil reconhecer como a symbolisação concorre para esse reflectir da actividade consciente. O uso dos symbolos, simplificando, e abreviando os processos de pensamento, focalizando os valores mentaes, definindo os conhecimentos e as relações, torna possível, á consciencia, o distinguir o que lhe é proprio, e estabelecer a sua continuidade, ou a permanencia do eu. O symbolo precede, prepara e alimenta a consciencia reflectida, a qual se realisa como o acto de attender a uma evocação e esperar os seus effectos. A sua forma mais explicita é essa mesma: appellar para um conhecimento e reconhecê-lo no respectivo symbolo. Para tanto, a simples imagem não bastaria; é uma pura fixação de effectos, uma plastica inactiva. Ao passo que a imagem symbolo é um effecto de repercussão, estímulo da intelligencia para proseguir e pensar no que é mediato e subjacente. A consciencia reflectida é o evocar explicito de estados affecti-

dos, e conceptos, e decisões, e actos... tudo, enfim, em que se organisa a experiencia verificada, e que é evocado, cotejado e julgado, em symbolos.

8. *Evolução da consciencia reflectida, até a apreciação das analogias.*

Onde começa, quando começa -- a consciencia em geral? Qual o mais simples dos animaes conscientes? Quando começa a ser consciente o recém-nascido, ou mesmo o feto? Não pretendemos responder a taes questões, mas, tão somente, deixar assinalado que a consciencia, como facto, tem uma origem indefinida; existe, ligada á vida, sem que se possa affirmar que seja propriedade de tudo que vive, sem que se possa dizer em que graduação de vida vem a manifestar-se. E, neste considerar nos detemos, porque, egualmente indefinida é a origem ou o começo da consciencia reflectida. É o segundo gráo de consciencia; começa na consciencia elementar ou primitiva, sem que nos seja dado determinar o momento preciso em que o individuo passa -- de não reflectido, a ser consciente reflectido. Em verdade, não ha, no caso, nenhum avatar, nenhuma metamorphose. Ao nascer, é o homem um organismo apenas consciente, numa consciencia certamente diffusa e rudimentar; aos dezoito mezes, já é uma consciencia intelligente, mas que apenas percebe, distingue entre os effectos immediatos dessas percepções, e guarda os respectivos residuos; é como qualquer um dos animaes superiores, e mais os impulsos indefinidos dos instinctos sociaes; aos trez, quatro annos, já se reconhece, como conhece os outros, e já applica aos outros o que encontra em si, e já julga de si pelo que conhece nos outros. É uma consciencia reflectida, ainda que muito reduzida. Ora, todo esse manifestar

de aptidões se fez num proseguir nimiamente evolutivo, em gradações insensíveis, sem que seja possível determinar, ou limitar as crises características de tão importante transmutar.

O característico da intelligencia animal é fazer-se em puras imagens, associadas directamente a estados organicos, e guardadas como simples lembranças; é o equivalente da criança — quando tem consciencia do que vê, mas não tem consciencia — de que vê. Então, ella, a criança, sente, mas não chega a conhecer o seu organismo — que sente; falla de si na terceira pessoa, e pensa em juizos exclusivamente sensoriaes. Isto é assim, approximadamente, até os dous annos; no entanto, é innegavel que, nessa idade, a criança normal já manifesta uma actividade de consciencia mais fecunda e lucida que o que se pode apreciar nos animaes superiores mais intelligentes. Desde os primeiros ensaios de linguagem consciente, começa a criança a distinguir-se nitidamente da pura animalidade. Baldwin admittre que a consciencia reflectida existe, pouco mais ou menos, aos trez annos de idade. É uma opinião accetavel, desde que nos resignemos a não ter, na natureza, nada de semelhante á intelligencia e ao modo de ser da consciencia infantil correspondente a esse periodo — de um aos trez annos de idade ⁽³⁾. É nesse intervallo que se faz

(3) Baldwin — *op. cit.*, pag. 251. Este modo de pensar é tanto mais ponderado, quanto é certo que o illustre prof. de Princetown se baseia, principalmente, em observações pessoaes — sobre os proprios fillinhos. E' assim que elle cita o caso da sua bebê, que, aos trez annos, — já fazia allegações em que reconhecia que a *mamãe estava contente*, demonstrando, deste modo, que sabia reconhecer noutro, o que sentia quanto estava feliz. Romanes quer que — a consciencia reflectida, com o pensamento conceptual mais elementar, começa aos 30 mezes de idade.

a passagem evolutiva para a reflexão, passagem que consiste, explicitamente — em reconhecer-se, a criança, como *uma pessoa*, e, depois, como pessoa semelhante aos outros, por haver descoberto, em si mesma, em manifestações diversas e sucessivas, capacidades analogas ás que tenha apreciado nos outros. Poderíamos dizer: este é o período correspondente ao surgir e ao afirmar explicito do eu. Max Muller, que realisoou esse milagre — ter visão de philosopho e pensamento de sabio dentro da etymologia, provou, pela mesma etymologia, que, nas linguas de grande pensamento, o pessoal EU deriva do determinativo *este-aqui*, o que equivale a demonstrar que o EU tem uma origem ejective, isto é: nasce de uma conjunctura mental em que a consciencia, reconhecendo-se, ainda pensa de si mesma como si fôra um ser-objecto. Romanes insiste em repetir o discorrer de M. Muller, e pretende, com isto — que essa é a genese da propria consciencia reflectida. Para elle, a evolução que leva a esse gráo superior de psychismo, consiste — em dar aos processos interiores, a mesma concentração de attenção que aos processos exteriores e physicos. Wundt já tinha deixado opinião corroborante, quando dizia: «Só depois que a criança distingue, por caracteristicos definidos, sua propria personalidade da dos outros, faz ella um grande progresso, no reconhecer que as outras pessoas são seres em si mesmos, ou por si mesmos.»

9. Valor social da — analogia das consciencias

O arduo e longo analysar das condições de socialisação humana veio trazer-nos a esta verificação — que o individuo, em sociedade, é uma consciencia reflectida, cuja formula explicita está em reconhecer em si as qualidades e actividades que

conhece nos outros. Ao mesmo tempo, verifica-se que esse grão de consciencia tem como apanagio o pensamento conceptual symbolico, que é exclusivamente humano. Tudo isto, porém, não nos diz que a consciencia reflectida seja realmente uma utilidade na realisação social, pois não nos explica qual seja o seu papel, ou a sua significação, no conjuncto das condições de socialisação. Insistamos, no entanto, e chegaremos a nova verificação, e que tem a importancia capital — de dar-nos a verdadeira chave da communicação das pessoas, e de indicar-nos a função explicita e a utilidade da consciencia, na ordem dos factos naturaes. Quando pensamos que em torno dessa questão — si é, ou não, util a consciencia, vêm bater systemas e systemas philosophicos, comprehendemos que ella seja considerada de importancia excepcional. E si, até hoje, nenhuma philosophia chegou a responder definitivamente a esse caso, foi somente porque, philosophos e psychologos, pretendiam elucidal-o, considerando o facto consciencia com referencia exclusiva ao individuo, sem procurar a sua razão nas necessidades sociaes. Alguns delles, entre os quaes se destaca Baldwin, chegaram a reconhecer que a consciencia só existe em função social, mas não quizeram deter-se na consideração necessaria — de que, si ella assim existe, *deve ser uma função social* (4).

(4) Já estava escripto este trabalho, quando se publicou, em 1922, o livro de W. Malgaud — *Le problème logique de la Société*. Malgaud não chega a definir a função ou utilidade objectiva da consciencia reflectida; mas afirma explicitamente que a organização social assenta no facto de nos reconhecermos analogos aos outros: «Para agir, para entrar em sociedade com os outros seres, devemos prestar-lhes intelligencia; querer communicar com elles é admittir que elles responderão com um espirito identico ao nosso... Em verdade, nós os encontramos em nós mesmos, nas normas de nosso pensa-

Em que consiste a função social da consciencia reflectida?

Em dar a possibilidade — a unica possibilidade — de communicação entre as pessoas. E como a realidade das communicações é a essencia mesma da socialisação, a consciencia vem a ser a condição definitiva da organisação social, como a possuímos. Si não, vejamos. Explicitamente, na reflexão das consciencias, reconhecemo-nos semelhantes — em propriedades, actividades e manifestações; verificamos que o mundo exterior dá lugar, nos outros, a manifestações analogas ás que se produzem em nós mesmos, manifestações que se ligam a estados íntimos bem nitidos na consciencia. Deste modo se faz a convicção absoluta dessa egualdade entre as pessoas. Com essa convicção, interpretamos, pelo que se passa em nós mesmos, o que nos é indicado ou suggerido nos symbolos que percebemos. Cada um dos nossos valores mentaes está ligado a um symbolo, percebemos esse symbolo, temos como certo que na mente de quem o produz ocorre esse mesmo valor, essa mesma ideia. Dest'arte, consciencias distinctas encontram-se no mesmo symbolo, na mesma representação, e está realisada a communicação. Mas tudo isto só se faz, porque nellas havia

mento... Numa palavra, vemos os outros atravez de nós mesmos. Construimos a realidade social por uma projecção da personalidade» (pag. 38). No entanto, Malgaud segue uma marcha inversa da que adaptamos nesta analyse; elle segue o regimen da pura dialectica: para attingir a formula da existencia social, elle examina a noção de *ideia*, no sentido de concepção; leva a sua analyse á noção de *função*... *função social*... e postula — como em pura logica. Essa formula enunciada, para elle, é um postulado sociologico, nestes termos: concepção de um meio permittindo á personalidade sair de si mesma, por uma extensão puramente logica do seu campo: «as ideias se movem na sociedade *au même titre* que na nossa consciencia».

a absoluta convicção — de serem eguaes, possuindo os mesmos signaes intimos, reagindo nas mesmas formas. Ligar um symbolo a estados introspectivos e a valores mentaes, é o primeiro passo, e é essencial, para a propria existencia da consciencia reflectida. Desde que taes symbolos se generalisam — reconhecer que elles se generalisaram, e que as consciencias, onde elles se generalisaram e se manifestam, são analogas, é, agora, a condição essencial para que se faça a comunicação entre ellas. É a verdadeira condição da socialisação. Os valores internos se tornam valores externos; perdem o caracter meramente subjectivo, adquirem objectividade de individuo para individuo, e, com isto, reforçam, em cada um, a confiança na propria consciencia. Em quanto sou o unico a sentir frio num ambiente, posso duvidar — de que haja, realmente, uma queda de temperatura; mas, si vejo outros manifestarem o symbolo do frio, convenço-me... Por isso mesmo, crea-se um criterio geral e objectivo de julgamento — a razão, com formulas de exactidão e de verdade, nas quaes se basea toda a construcção scientifica. Dado esse criterio, acceitas essas formulas, desde que se modifique o equilibrio de uma consciencia, e que ella não mais nos pareça — inteiramente analogica; desde que não seja mais possivel uma franca realisação de comunicação, temol-a como decahida da situação de — pessoa social. É o que acontece com as crianças e os loucos. Generalisados os symbolos, formando aquella tessitura em que se ligam os elementos vivos do corpo social, cada consciencia se sente como que sustentada e reforçada; a intelligencia, apoiada na experiencia da especie, accumulada em *saber*, liberta-se das contingencias immediatas, adquire novas virtudes de analyse sobre si mesma, examina-se melhor, pescreta-se em todos

os recantos, e augmenta, finalmente, a propria capacidade de reflexão. É uma verdade tambem — que a consciencia humana se torna cada vez mais reflectida.

Com isto, fazem-se mais fortes e complicados os liames sociais. A consciencia reflectida vale como espelho, em que, na forma do symbolo, vemos o interior das outras consciencias (5). Com o poder da intelligencia, esse espelho será, ao mesmo tempo — a lente, onde os valores mentaes symbolisados se refractam, e se ampliam, e se desdobram, até. De todo modo, o essencial, no desenvolver desta analyse, é que a communicacão socialisante se realiza na convicção da egualdade das consciencias socialisadas. Dahi, essas duas consequencias, qual mais importante: a necessidade, para os individuos humanos, organisados em sociedade — de se considerarem eguaes; o reconhecer-se que a consciencia reflectida tem uma significacão objectiva, e é *útil*, á especie, como condição essencial de socialisacão. Na primeira dessas verificações, nós temos, pela psychologia, a explicacão dessa aspiracão definida na evoluçao politica dos povos, que por ella têm

(5) G. Saint-Paul considera a capacidade geral de consciencia como uma *função-espelho*, mas não lhe attribue nenhuma significacão, na organisacão social: « Os actos psychicos podem, pois, perceberem-se a si mesmo, mas somente pelo contra choque das modificações que determinam noutros territorios nervosos, e, somente, bem entendido, sob as unicas modalidades funcçoes que esses outros territorios são susceptiveis de apresentar... Esta função-espelho... parece caracteristica da especie humana ». Continuando, elle accentua todas as vantagens que ella traz á elaboracão intima do pensamento, mas não vislumbra nenhuma utilidade social. O seu conceito só tem de commun com o que, aqui, deixamos o nome — *função-espelho*. Um espelho de uso individual, para elle, um espelho onde se encontram as consciencias, para nós.

lutado, esforçadamente, até que a realisam no reconhecimento explicito da *egualdade*, para as pessoas sociaes. O valor do individuo humano é todo de — intelligencia, moralidade, poder de vontade. Ora, nesses criterios, ha differenças incalculaveis entre os individuos: tal, que tanto bem espalhou sobre a terra, vale por milhares de gerações de egoistas; tal outro, que creou valores mentaes eternos, que vêm vivificando as consciencias desde os primeiros tempos, sobreleva em valor de intelligencia o que se produz em sociedades inteiras; um outro, condensa na sua força de vontade, uma actividade de realisação para obras que todo um povo não conseguiria fazer. Comtudo, por mais paradoxal que seja, superpondo-se á evidencia dessa desigualdade effectiva entre os individuos, todas as sociedades procuram instituir-se num regimen de confessada egualdade. É que a propria organização social se baseia na convicção tacita — de que somos *eguaes*. Tudo que possa contrariar uma tal convicção, é implicitamente turbador das ligações sociaes. O evoluir da intelligencia se faz com a accentuação e o desenvolvimento da consciencia reflectida; e isto coincide, justificadamente, com a affirmação, cada vez mais explicita — da egualdade civil e politica. É, esta, uma explicação, demonstrada, e que nos é fornecida pela psychologia, como aquella outra — a necessidade que têm os individuos humanos, associados, de sentirem-se livres em consciencia. *Liberdade e egualdade*, reclamadas na politica, explicam-se e justificam-se cabalmente pelas proprias condições do espirito humano. Em razão da effectiva differença de valor individual, accitam-se os órgãos de direcção espirital; instituem-se as elites de acção e de organização; mas tudo isto se tem de fazer entre unidades livres e eguaes.

A consciencia é uma repercussão subjectiva; mas, nas relações inter-individuaes, a consciencia reflectida tem effeitos de valor objectivo. Uma intelligencia que existisse fóra da especie humana, e assim a observasse e a conhecesse, não teria que se referir ao facto — consciencia reflectida, que nem seria conhecido; mas, não poderia deixar de considerar: que os individuos vivem associados, sem que entre elles, organicamente, haja outras dependencias além das da reproducção; que elles, no entanto, harmonisam a sua actividade, reagem em commum, e produzem signaes com que se estabelece esta harmonia, e que são, por conseguinte, signaes servindo de communicação e de liame entre elles. Tal intelligencia julgaria de nós como julgamos das formigas, quando dizemos — mediante signaes com as antenas articuladas, estes insectos se communicam, . . . Mas, nós nos conhecemos em consciencia; não podemos saber da consciencia. Verificamos, ao mesmo tempo, que, socialmente, só existimos pelo que somos como representação consciente; nos julgamentos que fazemos quanto ás relações com o meio, não podemos deixar de reconhecer que a consciencia reflectida é uma utilidade effectiva para a especie, pois é o que lhe permite — socialisar-se na forma em que ella existe. O observador extranho, em criterio puramente objectivo, diria: a especie humana, no viver socialisado, realisa uma actividade de relação bem mais proficua que qualquer outra; os individuos socialisam-se explicitamente mediante signaes, e ha, na sua actividade interna, qualquer coisa que lhes permite harmonisarem-se com estes signaes. Essa qualquer coisa é a consciencia reflectida; não podemos deixar de dar-lhe uma significação — de utilidade natural, objectiva. Nem poderia ser de outro modo. Reconhecer a consciencia

reflectida; verificar que ella se desenvolve com o evoluir do homem socialisado, e admittir que seja uma mera repercussão, sem significação positiva, sem função natural, é o absurdo, em face do criterio que as experiencias naturaes nos dictaram, e que a sciencia accéitou com as doutrinas da evolução. «Existe o que deve existir; apuram-se, desenvolvem-se e reforçam-se os aspectos naturaes que convêm». Existe a consciencia reflectida, existe em relação com o viver social? Desenvolve-se e accentua-se á medida que se accentuam e se desenvolvem os liames sociaes? Então, é util á organização social. Assim, digamos: a consciencia reflectida é o índice de aptidão social nos individuos. Não será a condição exclusiva, mas não deixa, por isso, de ser essencial. A vida é uma synthese; mas tem como condições essenciaes: oxygenio, calor, alimento, humidade... A sociedade é tambem uma synthese, cujas condições essenciaes se encontram: nos instinctos de sympathia e de imitação, na riqueza da cerebração, na consciencia reflectida... Para cada um, individualmente, esse espelho é uma necessidade, na medida em que a communicação é indispensavel.

faz emudecer, e dá lugar ao que a gíria chama de *carroço*; na generalidade dos casos, ella torna eloquente, dessa eloquencia communicativa, porque é profundamente espontanea, como fluencia de um pensamento que deve escoar-se. A colera, sobretudo, tem esse poder de dar abundancia e inteusidade de expressão.

Tudo resumindo: o verdadeiro trabalho do escriptor, e de todo realisador mental, é um trabalho de pensamento, e que consiste, essencialmente, em accommodar os nucleos de ideias communs ás necessidades pessoais, de sorte a construir, com esses valores generalizados, uma obra que lhe seja propria. Numa longa producção, quando muitos desenvolvimentos logicos já orientaram a mentalidade do leitor em successivas suggestões, nem ha necessidade de fundir o pensamento em formulas pesadas e rigidas; muitas vezes, convem deixar a exposiçào nesse meio indefinido, que permite ao extranho entrar com um contingente proprio, e convida o leitor a meditar, e suggerir a si mesmo, como complemento da leitura. É uma justa homenagem, de quem escreve, á intelligencia do seu publico. Si ha, na obra, verdadeiro merito, ella nada perderá com isto. Esse merito será, sempre — a substancia de um pensamento original, uma contribuição pessoal. Dahi, o excellento conselho — o melhor, a quem, sentindo-se com a vocaçào e o talento, quer fazer litteratura: que se dissuada de tentar affirmar-se com os effeitos de pura verbalisaçào; que a tentativa seja, antes de tudo — impregnar-se profundamente da vida, apurar a visào, entregar a sensibilidade directamente ás influencias que despertam estímulos... Visào, emoçào, estímulos para ideias, motivos de pensamento... e a obra litteraria se elaborará, como necessidade irresistivel.

CAPITULO VI

O PENSAMENTO NA EXPRESSÃO

26. *Coordenação dos movimentos conscientes, disposição das attitudes mentaes*

Esta segunda serie de analyses nos mostrou:

a) — que a parte mais profunda, e, por conseguinte, essencial, na elaboração do pensamento se faz inconscientemente; só se definem lucidamente na consciencia os processos que se suspendem aos sym-bolos; *b)* — que o labor mental explicito consiste num ajuste de idéias correntes ás necessidades actuaes do pensamento, em cada mentalidade; *c)* — que a linguagem verbal é o proprio regimen do mentalismo humano, e dahi resulta que, no elaborar-se, o pensamento vem, desde logo, na forma propria e necessaria para a expressão e commu-nicação. Em muitas conjuncturas da nossa vida psychica, apresentam-se-nos os resultados de pen-samentos cuja elaboração escapa á consciencia; mas, nas situações mentaes que nos parecem typicas e mais importantes, o pensamento toma o aspecto de esforço, essencialmente e intensamente con-sciente; custa muito admittir, por conseguinte, que uma parte desse labor se faça na treva da inconsciencia, fóra da acção directa dos nossos esfor-ços de direcção e producção (1). Para bem com-

(1) Muito, do proclamado *automatismo psychologico*,

prehender a realidade desses processos — intensamente conscientes, incluindo phases inconscientes, bastará considerar no que se passa com a coordenação dos movimentos voluntarios, nos casos de trabalhos e actos medidos, e meticulosamente regulados, para determinados effectos. Tal coordenação se faz na plena luz da consciencia, sob a fórmula de successivos ensaios. Parece-nos que a attenção, isto é, a consciencia perfeita e intensa, domina todo o processo, e conduz todo o esforço da contracção muscular, tanto em gráo, como em fórmula. Engano: a parte mais importante, nessa elaboração de movimentos, é inteiramente ignorada da consciencia, que, realmente, nem *sabe* que musculos entram em função. Toda a representação mental do caso consiste em: uma ideia antecipada do acto a realizar e dos effectos a produzir, conhecimento do segmento do corpo que se moveu, a imagem geral do movimento realizado, com um cortejo ou conglomerato de sensações musculares indistinctas, isto é, sensações que, resultando da contracção de differentes musculos, fundem-se na consciencia, e formam um conjuncto, onde não se distingue o trabalho especial de nenhum dos órgãos musculares

de P. Janet, é pensamento nesse gráo de inconsciente, e que, por isso mesmo, lhe parece *automático*. Não só o prof. do *College de France*, como outros psychologos referem-se especialmente a um *automatismo da linguagem*. Tal manifestação só é possível porque as phases inconscientes do pensamento se dilatam, e o abranjem completamente, de sorte que — só ha consciencia quando o regimen verbal se torna sensível.

Messer, cit., por Th. Ribot (*La Vie Inconscient et les Mouvements*, pag. 38) é categorico: »Admitto que os processos psychicos subjacentes a um pensamento explicitamente formulado, podem seguir o seu curso por todas as sortes de formas abreviadas, telescopando uns sobre os outros, fazendo muitos appellos á energia accumulada ».

que concorreram. Desta sorte, o estudo objectivo dos movimentos voluntarios mostra-nos que elles resultam sempre — da actividade em muitos grupos de musculos, quasi sempre *antagonistas* ou *compensadores*, podendo, num mesmo acto, para um mesmo movimento, concorrerem dezenas de musculos. Que seja o movimento de flexão do antebraço sobre o braço: entra em acção toda musculatura do membro, principalmente os flexores e os estensores (que são os antagonistas ou oppositores dos flexores). Então, o movimento positivo, percebido, se faz como a resultante das forças correspondentes á contracção de cada um dos musculos que se estimularam. Si não fora assim, os movimentos não poderiam ter a ductibilidade, destreza e segurança que têm, nem poderiam ser governados como são, e tudo se passaria como no automato, movido por molas. Ha, por conseguinte, uma perfeita coordenação de actividades, entrando cada musculo com a dose necessaria de contracção, na rapidez conveniente, para produzir uma determinada *resultante*. O movimento é bem consciente, sim, mas, apenas, como representação do todo — do resultado realzado. Figuremos uma producção concreta: intento raspar, cuidadosamente, levemente, o traço superior de um *d*; essa imagem-projecto é como um molde, que se entrega ao inconsciente; e ali se gradua e se harmonisam os estímulos correspondentes a cada um dos musculos, cuja acção é necessaria á resultante que se quer obter. Na realisação do movimento, ha uma sensação conjuncta da actividade muscular — é a propria consciencia do movimento, sem nenhuma discriminação definida dos musculos, nem sequer dos grupos que d'elle participaram. Como se vê, em tal realisação, o mais importante é essa mesma coordenação íntima dos estímulos motores

— o ajuste da actividade dos diferentes musculos, e isto se faz fóra da consciencia. A parte a origem da excitação, tudo se passa como no reflexo consciente: ha uma qual excitação, de que temos consciencia sob a forma de nausea, e sobrevém o movimento do vomito; ora, tal movimento é o resultado da actividade coordenada de centenas de musculos — todos do tronco, os hombros, a larynge, a pharynge...., no entanto, para a consciencia, é como si se tratasse de um só musculo, tão inconsciente e tão perfeita é essa coordenação, em tempo e em gradação de esforços. No movimento voluntario, a excitação se liga á imagem premunitoria; o resto se faz no molde do reflexo.

Não pareça que nesta approximação — elaboração de pensamento e coordenação de movimentos (?) haja uma simples comparação, que nada explica: *comparaison n'est pas raison...* Não; aqui, os factes se approximan pela sua propria natureza; approximan-se — para serem explicados uns pelos outros. O pensamento é sempre um premunitorio de actividade; não podendo ser explicado simplesmente como sensação ou imagem, elle é assimilado ao movimento, e é considerado como movi-

(?) Ninguém contestará que o progresso mais importante, nestes ultimos annos, quanto á psychologie theorica, é o valor, cada vez maior, attribuido ao movimento na explicação dos processos mentaes. Pillsbury (*On the place of movement in consciousness*). Pelo seu lado, Münsterberg e Godfernaux vêm, em toda associação, uma associação de movimentos. O assumpto é dos mais interessantes, mas tem um caracter muito técnico. Aquelles que desejarem exposição mais completa, encontrarão no trabalho de Titchner (*On the experimental Psychology of Thought process*, onde ha uma vasta recapitulação de pesquisas allemães, ou na publicação dedicada ao prof. Garman, *Studies in Philosophy and Psychology*, e, na obra de Stout *Analytic Psychology*.

mento intimo — disposição do espirito em *attitudes motoras* (§ 14, 2.^a parte). Desta sorte, comprehende-se bem que a parte essencialmente dynamica do pensamento, e que é essa mesma disposição intima do espirito em *attitudes*, seja tão inconsciente como o é a parte essencial do psychismo na organização do movimento propriamente dito — a organização e distribuição dos estímulos motores. No movimento, o espirito projecta-se para a actividade, e verifica os seus resultados, á medida que se realisam; no pensamento, o espirito projecta-se para a ideiação — toma como objecto um assumpto, e vae conhecendo a lucidez do pensamento, á medida que vae decorrendo a marcha dos respectivos symbolos. No movimento, a realisação corresponde a determinadas necessidades, condensadas numa ideia-imagem premonitória; no pensamento, a realisação deve corresponder a necessidades condensadas num determinado assumpto, plano, ou esboço... Por isso, quando chegamos a esse momento, em que é preciso levar a analyse até reconhecer a natureza intima do pensamento — sensação, ou movimento — temos de considerar que se trata de uma decorrencia, e que toda decorrencia é movimento, mesmo quando só a reconhecemos em consciencia, como nas sequencias logicas dos conceitos. Aliás, foi deste modo que o pragmatismo resolveu a questão (*).

(*) *Toda ideia implica um acto, uma attitude, uma tendencia á acção*: eis uma das asserções capitales de C. Peirce, apostolo definidor do pragmatismo, (*How to make our ideas clear?* artigo do *Popular Science Monthly*). « A acção, considerada na sua accepção mais geral, é a fonte do pensamento, no sentido de que ella realisa as condições de sua eclosão... Graças á acção, o pensamento não é uma essencia isolada, sem contacto com a vida; pelo contrario, nasce e se desenvolve em resposta ás situações necessarias, creadas pela actividade social... (W. Malgaud, *op. cit.*, pag. 33).

27. *O apuro de pensamento traz a boa expressão*

O caso de pensamento que especialmente nos interessa, agora, é esse — que se realisa em plena consciencia, com um accentuado labor mental. É um mentalismo que se faz, rigorosamente, como pensamento comunicavel, no regimen verbal. Nos casos communs, o esforço de que se resente a consciencia corresponde aos ensaios necessarios para ajustar as ideias correntes, os valores mentaes socializados, indefinidos como são, às condições do pensamento actual, para a elucidação do assumpto a que nos dedicamos. Ha uma *necessidade de conhecer*: a ella satisfazemos, e chegamos ao conhecimento, pensando lucidamente quanto ao objecto que devemos conhecer. Ora, na realidade *conhecer*, mesmo no caso do conhecimento perceptivo, consiste em explicar uma situação á luz dos conhecimentos e ideias que já temos. Dahi, esta segunda necessidade — de rebuscar e escolher entre as ideias, para achar a que convem, a que melhor explica a situação. Nos casos de complexos conhecimentos racionais, tal elucidação será um longo estudo, sequencias de pensamentos, que levarão á formula final. De todo modo, a condição íntima é a mesma: uma concepção geral agindo como excitante, e attra-hindo as ideias nos respectivos symbolos. Mas, ainda insistimos: pensando, não vamos bem nitidamente de ideia em ideia, . . . si não — tacteando, num accentuado esforço de attenção, pois que a attenção é, justamente, essa capacidade mental de ficar activamente num circulo de pensamento, a ensaiar attitudes, até que se definam convenientemente as ideias. O pensamento aturado se faz, muitas vezes, como esboços que se vão completando e corrigindo, até que todas as formas e tons se affirmam de modo

completo, no quadro definitivo. É, essa, uma comparação muito repetida, porque é muito justa. Neste refazer do trabalho mental, a consciencia applica-se explicitamente ás palavras, como symbolos significativos e conductores que são; por isso, a illusão — do esforço verbal. Agora mesmo: assumpto difficil (que chama para a consciencia um mundo de ideias), ao pensar na dynamica do pensamento, para chegar a julgamento lucido e preciso, tenho de rebuscar penosamente, entre essas ideias todas que se me offerecem, as que bem correspondem aos meus objectivos. Hesito, tacteio, renovo as expressões, que outro meio não tenho de renovar ou substituir a ideia insufficiente, ou impropria ás necessidades do meu pensamento. Em verdade, não são as expressões que me faltam, mas os conceitos justos, de valor preciso para a construcção mental que pretendo realisar. Quando, por esse lavor, o pensamento se concentra num conceito lucido e exacto, está, *ipso-facto*, na forma de expressão apropriada. De outro modo, todas as falhas e defeitos de elaboração ali estarão, na forma verbal: a insufficiente attenção, nas repetições descabidas; as incoherencias e confusões, nos inuteis abstractos^(*); a ausencia de reflexão, nos desenvolvimentos desproporcionados, ou illogicos; a falta de intima cohesão mental, nas ligações forçadas, apparentes — os *portanto*, *pois que*, *por conseguinte*, *entretanto*... e, sobretudo, o pueril ENTÃO. Pensar utilmente, e com propriedade, para, com propriedade dizer, significa — sobrepor-se á banalidade dos juizos vulgares, despoldados na ruminação universal, amesqui-

(*) A. Binet assignala esse abuso de abstracções — como *preguiça de precisar*...

aliados em *lugares communs hackeyd phrases*; significa lutar contra os *quasi*, os *pouco mais ou menos*... e atingir a justeza da forma, pela nitidez dos conceitos, concertados em julgamentos de sincera energia e relativa originalidade. Pouca precisão, flacidez de expressão, redundancias insulsas... tudo isto é — preguiça, desamor ao proprio pensamento, a ponto de fugir ao esforço necessario para obter da ideia o maximo que ella pode dar. Escrever mal... dizer mal... pensar mal... são condições que decorrem nesta mesma ordem de consequencias. Quando não por simples preguiça, os defeitos e vicios de linguagem resultam de insuficiencia intellectual. Todos esses que falam apenas com a lingua, sem a consciencia real dos valores mentaes de que se servem: dão palavras por ideias, encuciados no que julgam ser o prestigio rhetorico dos termos. Por causa delles, já dizia Montaigne: *J'ameçais mieult que mon fils appriust aux tavernes a parler qu'aux escholes de la parlerie*... Vem dahi — o tradicional bacharel, *livresco* para exhibição, sem cultura scientifica nem criterio philosophico, sem autonomia mental, a confundir leitura com pensamento, e que... *a lu jusqu'à s'abêtir*... Tal bacharelago, que se derrama pela sociologia, a discorrer e a theorisar, será sempre um verbocinante, cujo cerebro se airouxou, distendido em sacco, para o recheio das citações descabidas, ou indigestas. O professor de litteratices aparvoadas, lembrado pelo bohemio irreverente, é o subverbocinante: mette-se a julgar de obras de pensamento, elle, cujas miserias circumvoluções jámais vibraram num pensar pessoal; e explica preferencias estheticas, com esthesia de patchouly, em derriços alambicados, para plasticas de gesso dourado e modelagens de alfenias...

28. *Propriedade e pureza de forma*

Para escrever bem, o essencial será, sempre, pensar com clareza e energia. Tudo mais é acessório. Parecerá simples... Que o julguem quantos intentam chegar a uma elucidação racional, animada, potente sobre as consciências, e são exigentes consigo mesmo!... Produzir mentalmente — é sempre fácil e simples, para os que pretendem haver modestia em contentar-se com banalidades e conceitos sedícios. Mesmo os pobres de espírito, que aspiram a farandulagem das phrases rebuscadas e das metaphoras polluidas no dominio commun; mesmo esses, têm que dar esforço — para ajustar o verbalismo pretencioso ás futilidades do pensamento. Esse esforço — para fugir á trivialidade da expressão, vem da instinctiva necessidade de ser original, para ser, de qualquer forma, affirmativo. Mas, o que vale, no caso, é a originalidade do pensamento; a *verbalisação preciosa, a phrascar rebuscado*, na pulhice das ideias, são de effeito contraproducente. Si a banalidade da forma desclassifica o escriptor, é porque inclue banalidade de conceito, pela incapacidade para exgottar as associações communs de uma ideia, e chegar a aspectos novos, a um novo ajuste mental. É facto — que as longas meditações facilitam a exposição, e podem levar a um produzir tão prompto e lucido que mereça destacar-se como inspiração (*). É verdade, e o facto explica-se facil-

(*) Pierce *An appeal from prevalent doctrine of a detached subconsciousness* — sustenta que todas essas replicas espirituosas na conversação, phrases inesperadas, e uma infinidade de experiencias diarias, provam a abundancia da actividade verbal trabalhando algures, fóra dos limites da consciencia... E acrescenta: «O que temos a explicar, não são, apenas, as inspirações do genio, mas todos os affluxos e as creações felizes, que vêm ter á consciencia».

mente: na repetida contemplação íntima do assumpto, progressivamente se faz, pela subconsciencia, essa mesma rebusca de ideias, que, em geral, obtemos de um esforço de attenção, muitas vezes bem penoso. E quanto mais se nos esquivam os pensamentos, mais accentuado e insistente é o labor. Como em toda producção onde procuramos a perfeição, os ultimos toques de apuro e ajuste, são os mais difficéis. Conquistamos as ideias geraes em que se desenvolverão os juizos; mas falta-nos ensaiá-las, nas gradativas variantes em que todas ellas existem. É essa parte da elaboração que aos superficiaes parece — escolha de termos, ou rebusca de pura forma verbal. Ha, certamente, uma questão verbal: não a futil escolha de vocabulos, mas uma racional e vigorosa disposição de partes e de conceitos, para que se canalisem e definam as variantes, de tal modo que, na expressão, cada termo diga, com justeza e precisão, aquillo que deve dizer, e que a ideia enunciada seja a que mais convém ao pensamento esboçado (*). Apegamo-nos ás palavras como symbolos, porque, nos symbolos, dispomos das ideias; a estas, sim, procuramos aturadamente. Que vem a ser um termo apropriado?... uma palavra expressiva e bem empregada?... O puro indice de uma ideia, em que se focalisa um pensamento. Não é a palavra *bem no seu lugar* que se nos impõe á consciencia, mas o nítido valor da ideia que nella se symbolisa, e que ali funciona em perfeito destaque, de relação racional. Examine-

(*) Não ha symbolos verbaes para todas as nuances de ideias, mas, somente, para as instancias caracteristicas, nas ideias principaes; as variantes se symbolisam e se exprimem por approximações, combinações que restringem, ou melinam, o sentido; e, na palavra falada, pelas intonações, etc.

se a expressão, em qualquer dos verdadeiros grandes *stylistas*, e verificar-se-á que todo o carinhoso e porfiado labor de composição consiste em — achar as variantes que fazem o cortejo das ideias essenciaes. A lógica, a proporção do desenvolvimento, o proprio *rythmo*, instituem-se facilmente, quando se realisam essas condições primeiras. Com ellas, asseguram-se as qualidades principaes em toda linguagem: clareza, precisão, vigor e elegancia. Não será preciso insistir, para demonstrar que só a nitidez das ideias pode fazer preciso e justo o *estyllo*, e que a clareza da expressão resulta, necessariamente, da harmonia e logica dos conceitos. Pureza...? Elegancia...? Si a ideia é a mais conveniente, ella terá funcionado no respectivo *symbolo*, que será, nesse caso, o termo mais proprio, mais puro, por conseguinte, á parte as futeis objecções dos estereis *puristas*. De elegancia, na linguagem, digamos que, como a elegancia natural, é feita de espontaneidade, singeleza de propositos, propriedade de movimentos. Ha movimento das ideias: ha necessidade de justa relação entre as ideias que se movem. Admittimos situações, em que a elegancia da forma esteja, de facto, em parecer menos formal e preciso, em estimular, apenas, o leitor, e projectar-lhe o pensamento em effeitos de pura suggestão, deixando-lhe a possibilidade de julgar por si mesmo, e elevar a mente, até a belleza, até verdade, apenas entrevista, si elle é capaz de tanto. Noutras conjuncturas, será elegancia — repetir a expressão, passar e repassar o *symbolo*, para haurir toda a virtude da ideia, si ella é poderosa e rica, si em muitos aspectos podemos apreciar-a. Insistir num *symbolo*, só é repetição condemnavel quando significa pobreza mental — o pensamento que se repete, como se repetem os gestos em quem

não sabe *que fazer*... Mas, si é preciso manter na consciencia a mesma ideia, no mesmo valor, por todo o curso de um pensamento, hemos de repetil-a, e a repetição significa poder e propriedade de expressão. Repetir o symbolo, nem sempre quer dizer repetir o pensamento. Ha ideias de tal virtude, tão excitantes do entendimento, que têm de voltar em varios conceitos, para manter, no desenvolvimento delles, a tonalidade de demonstração, ou de affectos. Por isso mesmo, quem pretende *pensar e dizer*, deve conhecer bem a esses difficéis instrumentos do seu mister; difficéis porque são essencias vivas do espirito, e, com isto, esquivas, indomaveis... Ora, potentes de mais, para as proporções do juizo para onde as trazemos; ora, fluidas ou esvanecentes, na construcção onde as empregamos. A possibilidade de usal-as bem efficazmente está em analysal-as demoradamente, com vistas aos recursos especiaes que nellas procuramos. Quem analysa a ideia, si pode resumir lucidamente a analyse, tem, com isto, maior poder sobre ella. E o que acontece com os escriptores conscienciosos, de quem dizemos — que conhecem bem o seu vocabulario, e são senhores delle.

29. *Conversão da symbolica pessoal em valores socializados*

Não era preciso tão longa analyse para reconhecer — que o trabalho do pensamento é difficil, bem penoso, ás vezes. Como toda produção reformavel, elle tem as suas exigencias de perfeição. Em si mesmo, já o vimos, tudo consiste em realisar o que é pessoal numa mentalidade, com valores geraes e consagrados — as ideias. Isto exige ajuste, rebusca, apuro... Ha *que fazer*, refazer, insistir... porque, de facto, não ha ideias para todas as nossas actualidades mentaes, e temos que arranjar valores

ad hoc, combinando os valores correntes, como quem, de machinismos usuaes, faz novos aparelhos. É quando *creamos* expressões. Isto é sempre possível, porque as ideias validas representam nucleos de cohesão mental, com multiplas irradiações e possibilidades; o seu valor effectivo só se define no conjuncto do pensamento; o juízo, que a prende e domina, é que lhe determina a realidade de effecto representativo. Mil variantes que tenna a ideia, uma vez engrenada numa actualidade de conceitos, ella valerá como affirmação mental nitida, inconfundivel, desde que esteja a serviço de uma intelligencia capaz de julgar num criterio proprio, e de affirmar o que julga e conhece. Por isso, admittimos que, na penna dos grandes escriptores, os termos sobem de força, e ganham em significação. Dynamismos elementares, agindo sempre em mecanismos complexos, as ideias agem, praticamente, como parte do complexo onde funcionam. Neste caso, com a expressão: «... autonomos e activos, no eterno mysterio que nos envolve...» No vasio da citação isolada, o enunciado não chega a ter sentido; mas, no texto donde vieram, esses termos dizem, com sentida eloquencia, em toda a justeza, a situação da consciencia moral, que tem de conduzir os seus destinos, quando reconhece a actividade pessoal enleada na trama infinita do universo. Quem é capaz de sentir a summa gravidade desse lance — em que o homem apodera-se de si mesmo, e acceta a condição humana; quem tem o espirito para entendimento, formúla o conceito, na expressão concisa e justa: tomamos conhecimento della, e, antes de meditar o pensamento, estamos colhidos pela forma. Parece-nos, então, que o merito é todo da expressão. Podessemos apreciar a intima direcção de esforços, na mente onde luziram estes

symbolos, e verificaríamos que o trabalho foi essencialmente de pensamento. Só pelo condensar de conceitos, infundindo ideias umas nas outras, para uma concentração de efeitos — só assim, é possível chegar a definir, mentalmente, a angustiosa condição em que nos encontramos, quando nos sentimos atraídos pelas mil energias do universo, cada uma delas como vehemente estímulo de acção, e aspiramos conhecer, julgar e dar a um objecto explicito a plenitude da acção transbordante... Mas, nem o pensamento consegue distinguir bem, e limitar as fontes de energia em que se anima, nem o sentimento pode ter a expansão lucida, para a moralidade que aspira realizar. É a angustia sem dór, que tão bem se apresenta na formula *o eterno mysterio*...

A julgar singelamente, tudo se resume em que: si a elaboração mental é susceptível de perfeição e apuro, inclue uma esthetica, e tem o seu lado artistico — a arte de pensar, arte que pede exercicio, e exige labor, porque ha resistencias a vencer, e conquistas a realizar — a da lucidez e da verdade. Para ali se dirigem os esforços e as rebuscas. Quando temos comprehendido o valor destas conclusões, reconhecemos a propriedade do conselho: «Não escrevas antes que o teu pensamento tenha amadurecido; retém a penna, e comprehende o que é a meditação.»

Analysamos a elaboração do pensamento communicavel, e tivemos de concluir: o trabalho de dizer é o proprio esforço de pensar, ajustando ás necessidades actuaes, do mentalismo pessoal, as ideias geraes. Esta é a formula de realisação, formula que não tem excepções, mas que apresenta casos especiaes, num desenvolvimento mais complexo. Apreciemos, agora, esses casos especiaes.

Ha conjuncturas mentaes em que, perfeitamente definidos os valores de consciencia, nitidamente lucido e feito o pensamento, ainda assim, não o podemos exprimir sem um labor especifico, de verbalisação apparente, e que é uma como que *versão intima* de valores pessoaes em idéias communs, de symbolica socialisada. Para bem comprehender esta parte de elucidação, temos de attender a que — além das idéias geraes, do patrimonio commum, occorrem nos nossos pensamentos, como outros tantos motivos: todos aquelles valores subjectivos indicados e apreciados (§§ 20, 21, 22, da 1.ª parte), e, mais — as decisões formuladas e os actos ou movimentos em que as consagramos, os nossos estados affectivos, as imagens propriamente ditas, quer resultem de percepções, quer resultem da elaboração imaginativa. Dahi, estes quatro casos especiaes na elaboração do pensamento communicavel: pensamentos de *acção* ou de *decisão* (12, da 2.ª P.); pensamentos em motivos de *affectos*; pensamentos picturacs ou *descriptivos*; pensamentos com valores *subjectivos*, e que são os de caracter verdadeiramente original.

30 *Expressão do pensamento em vontade e acção*

Na analyse opportuna, vimos que o desenvolvimento do acto de vontade corresponde a um pensamento, e este pode ser perfeitamente justo, absolutamente logico, mas tão condensado e eschematico, que a consciencia delle se resume na representação da acção decidida, formulada nas imagens immediatas — de movimentos e resultados. Em taes condições, si ha necessidade de communicar ou exprimir o acto de vontade, torna-se preciso, conforme o fim a obter — ou refazer todo o trabalho da re-

solução, dando, em ideias geraes, os motivos que influíram sobre a vontade, ou descrever a forma do acto decidido. De todo modo, ha, sempre, a necessidade — de *verter as formas de vontade*, que são niniamente subjectivas, em valores mentaes relativamente objectivos, accessíveis ás outras consciencias. O trabalho real consiste numa rebusca de ideias, mas que se faz como esforço de verbalisação, porque as ideias procuradas, agora, são as de uso social, symbolisadas em palavras. Si se trata, apenas, de indicar o acto — objecto da decisão, não haverá maior dificuldade, porque esse aspecto final, da volição desenlia-se, sempre, bem nitidamente na consciencia: uma simples notação de movimentos, e outras condições objectivas em que se resume a acção, ou, quando muito, uma rápida descripção, si o objecto da resolução fór um acto um tanto mais complicado. Caso, porém, seja intuito — comunicar os motivos e os tramites da resolução, o problema da versão intima é de grande dificuldade. O desenvolvimento de um acto de vontade se faz por entre solicitações de interesses, tendencias, desejos, ... sob accentuada pressão de affectos, examinados e comparados á luz de conhecimentos. E, quanto mais accentuados são os affectos, menos nitidez deixam elles á representação; ha surdos debates íntimos, ou verdadeiros conflictos de consciencia, muitas vezes. A comunicação dos tramites da vontade, nesses casos, significa — apresentar, não só o que é pensamento propriamente dito, como, descrever e representar, em notações de ideias, todo esse subjectivo de sentimentos, interesses, tendencias, desejos, ... e, com isto — indicar a natureza e o objecto delles, ao mesmo tempo que se faz sentir o vigor e a insistencia de cada um desses interesses e desejos. A expressão verbal dos sentimentos, com a traducção dos

estados affectivos em pensamentos, será objecto de outras referencias, ainda. Por agora, pretendemos, apenas, assignalar uma das importantes difficuldades, no dizer os pensamentos de acção. É como tudo se reduz a — dar valor objectivo e social ao que é nimamente subjectivo, a difficuldade do caso é tanto mais accentuada, quanto mais reconditos e subjectivos são os tramites e processos de vontade. Em si mesma, a acção é sempre expressiva, eloquentissima; mas os *activos* apresentam sensiveis differenças, como capacidade de communicação, ou eloquencia, segundo o seu temperamento mental. Nuns, os valores pessoaes symbolisam-se em formas e signaes correntes, appproximadamente socialisados, e, então, a expressão reflecte directamente todos os tons vigorosos da acção; a linguagem delles é excepcionalmente precisa, incisiva, sobriamente eloquente. Tal se notava em Bonaparte, tal se encontra nas formulas laminares *Alea jacta est... Veni, vidi, vici...* São bem de um grande activo. Noutros, o subjectivo é um como impenetravel segredo, um personalismo muito intenso, e sómente lucido para a propria pessoa. Converter taes valores pessoaes em ideias geraes, mudar a symbolica intima, pessoal, em formas accessiveis a outras consciencias, exige um labor a que elles não se submettem. E temos, então, o homem de acção avesso á palavra, impotente para a communicação. São os Cromwell, Feijó... «*Poor Cromwell, great Cromwell! The inarticulate Prophet; Prophet who could not SPEAK. Rude, confused, struggling to utter himself, with his savage depth, wild sincerity...*» E Carlyle commenta adiante: «*I explain to myself Cromwell's reputed confusion of speech. To himself the internal meaning was sun-clear...*» Feijó, lucido e decidido, prompto, intrepido e vigoroso, era, na

tribuna, um gago de pensamento, á mercê da verbiagem dos Andradas, rhetoricos e declamadores. E tão individual era o desenvolvimento de acção, que o padre sentia necessidade de dar uma forma tangivel e fixada áquelles dos seus motivos, e ás resoluções que podiam interessar os outros. Assim se explica o seu pacto escripto, ao aceitar a função de ministro da Regencia, ou a adopção de uma orthographia pessoal.

31 *Expressão verbal dos estudos affectivos*

Acabamos de verificar que a grande difficuldade para dizer os motivos de vontade, está em que — o mais importante nelles são os estados affectivos. Sentimentos e paixões exteriorizam-se promptamente, com toda a intensidade, nas suas formas espontaneas e naturaes — inflexões, e gestos, e tons de physionomia. Por isso mesmo, na communicacão falada, bastam, geralmente, esses accessorios expressivos, para dar a tonalidade dos affectos que acompanham o pensamento (§ 12. 2.ª P.); mas, si é preciso indicar a propria natureza dos estados affectivos, e todas as outras condições do seu desenvolvimento, principalmente na exposiçãõ escripta, então, o labor é especialmente difficil. Para realisar a communicacão, é indispensavel que o individuo seja capaz de analysar o proprio sentir, saiba reconhecer como se commove, que é que o commove, e até que ponto se commove. E é preciso mais: que elle conserve o tom affectivo e o turgido do sentir, quando a intelligencia já está absorvida na attencão de analyse, na intensa elaboraçãõ do pensamento representativo desses movimentos affectivos. Ha um meio de chegar a um resultado approximado, evitando maiores difficuldades: é representar em

ideias, não o intimo da emoção, mas os seus effectos sensiveis, ou mais facilmente apreciaveis: «Ella contava a sua historia, e as *lagrimas me corriam*, sem que eu pudesse achar uma palavra de consolação... Ouvi o insulto, e *fiquei cego*...» Finalmente, o externar da consciencia affectiva, em ideias faladas, equivale a uma descripção, excepcionalmente ardua, porque exige, já o mostramos, que a pessoa, ainda sentindo, seja capaz de realisar a analyse intima, indispensavel a toda descripção, ou que, já passada a crise affectiva, seja capaz reconstitui-la, para os fins dessa analyse. *Sentir* é partilha de toda humanidade, é a propriedade essencial na vida animada; mas, fazer das vibrações sentidas representações de pensamento communicavel, é *versão de consciencia*, que só os privilegiados da arte litteraria conseguem realisar. Nós outros temos que nos resignar ao trivial e mesquinho — *Não tenho expressões para dizer o que sinto*...

32 A descripção

A transposição das imagens propriamente ditas, isto é, das representações plasticas em ideias, para pensamento communicavel, corresponde á verdadeira descripção. E' de necessidade frequente. A vida objectiva, na sua realidade sensivel, vale para a consciencia em imagens imperiosas e frequentes, e o pensamento usual é sempre uma referencia de taes imagens a ideias. Si temos de comunicar-nos, devemos apresental-as, sob a forma de descrições. Nas communicações faladas, essas descrições usuaes e necessarias se fazem, em grande parte, com o recurso de gestos e movimentos; na escripta, o caso tem de resolver-se bem explicitamente assim: a imagem, levada ao gráo de nitidez necessario, é analysada, para que se lhe reconheçam os traços

e attributos característicos, e, em sequencia a essa analyse, taes attributos e traços são apresentados em idéias: de formas concretas, passam a termos e symbolos de abstracções. O que ha, nesta conjunctura, convem insistir — não é, propriamente, uma escolha de forma, mas, a conversão intima, toda em puro mentalismo, das representações plasticas em valores abstractos. Com isto, enunciam-se as abstracções nos respectivos symbolos verbaes. A palavra é o signal corrente e normal das idéias; a ella temos de recorrer para communicar assim, explicitamente, tudo que é plastico e concreto nos motivos de pensamento. Directamente (§ 1. 2.ª parte), a consciencia é inacessivel; a imagem que alli se desenha, só se pode externar — em movimentos e signaes picturaes, ou em idéias, de symbolica socialisada. O recurso é sempre este: decompôr a imagem nos respectivos attributos, e enunciar, numa methodica enumeração, como outras tantas idéias, todos os traços característicos, e as respectivas relações, de tal sorte que o leitor, ou o ouvinte, percebendo as palavras, possa, por sua vez, na evocação produzida por ellas, reconstituir em imaginação esses mesmos valores plasticos. Os poetas e mais artistas do pensamento verbalisado, nos seus dons de sensibilidade esthetica, têm a faculdade de perceber as formas em apuro de perfeição e belleza; vislumbram relações e associações que escapam a nossa trivial esthesia; a elaboração do pensamento se lhes faz no regimen da proporção e da harmonia. De tudo isto, resulta que as suas imagens são modelos de plastica. Convertidas em termos de pensamento, a enunciação dellas tem poder evocativo especial: faz produzirem-se, na consciencia, formas mais suggestivas e bellas que as havidas da percepção directa. Leia-se uma qualquer descripção de bom

poeta: — esse mesmo, portentoso no imaginar de plasticas. Elle vê APHRODITE, ao nascer das ondas; contempla o conjuncto da sua visão intima, decompõe-n'a, e, magnificamente, vae dando ao leitor, um a um, os traços esaracteristicos, os movimentos e attributos essenciaes, de uma imagem de pura belleza:

.....
 O mar, turqueza enorme, illuminada,

 Rompeu no Oriente o pallio da alvorada.

As estrellas clarearam repentinas,
 E logo as vagas são no verde plano
 Tocadas de ouro e irradiações divinas;

O oceano estremece, abrem-se as brumas,
 E ella apparece nua, á flor do oceano,
 Coroada de um circulo de espumas.

Cabello errante e louro, a pedraria
 Do olhar faiscando, o marmore luzindo
 Alvi-roseo do seio, nua e fria,
 Ella é a filha do mar, que vem sorrindo.

.....

Cada um desses traços e movimentos se transmite á consciencia do leitor com o valor de uma ideia: é um *attributo*; mas trazem uma tal força, justeza e exactidão todos esses attributos; em tal ordem são apresentados, que na consciencia se combinam maravilhosamente, e assim se reconstitue uma *imagem*, como não a formaria, por si só, o leitor. A descripção — de formas symbolicas, ou de estados affectivas, é dominio da arte: é a linguagem suggestiva, para effeitos de esthesia. Ha uma descripção em termos rigorosos: a technica ou scienti-

fica. Tem o caracter nitido — de notação de formas e de energias. Mas, nem sempre é facil, dadas as formas que a observação scientifica distingue, em face dos factos apreciados e medidos, dar, em ideia nitida, cada um dos factos apreciados e dos seus característicos. Muitos sabios se conhecem, tartamudos, hesitantes, no formular o pensamento conclusivo, tartamudos no expor o que conheceram e verificaram. Todavia, si os juizos foram bem conduzidos, em formas e valores bem definidos, o sabio chegará, sem maiores embaraços, a ideias que podem corresponder aos attributos das imagens e dos factos que tenha conhecido e observado.

33 *A pressão do pensamento original*

Bem mais arduo é o trabalho mental do sabio, ou o do philosopho, no produzir pensamento commuavel, em ideias geraes, normalmente symbolisadas, quando na sua mente existem, como matriz, ou parte essencial, — ideias subjectivas, em symbolos de valor pessoal, em relação com um pensamento original. Muitas vezes, a elaboração tem de multiplicar-se em dous, trez... desenvolvimentos de esforços: attingir a plenitude e lucidez do pensamento, cuja substancia ainda são esses valores pessoais; rebuscar no acervo das ideias universalisadas, os correspondentes mentaes desses mesmos valores; e, finalmente, fazer a didactida daquellas ideias, um tanto novas, ou que tenham sido utilizadas numa função menos corrente. É essa a conjunctura em que as palavras parecem, realmente, vãs e inanes... Os mais perfectos e limpidos em estylo, si são realisadores de um pensamento pessoal, hão de conhecer a agrura e ancia desse esforço, como nol-o pinta Bilac: *Inania Verba...*

Ab! quem ha-de exprimir, alma impotente e escrava,
 O que a bocca não diz, o que a mão não escreve?
 - Ardes, sangras, pregada á tua cruz...

O pensamento ferve, e é um turbilhão de lava;
 A forma fria é espessa, é um sepulcro de neve...
 E a Palavra pesada abafa a Ideia leve,
 Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo? (f).

Sim: é tortura, penar de furia e desespero, o da consciencia onde novos valores mentaes se crearam, por termo de aturadas elocubrações, e já limitados e definidos em symbolos, taes valores não se produzem para além, em outras consciencias — porque os symbolos em que elles fulguram são signaes puramente subjectivos, resumos de dilatadas associações e de-envolvidos pensamentos, exclusivos dessa mesma consciencia, em ancia de producção. A pessoa construiu um mundo na sua intelligencia: mas como esse mundo é de concepções novas, está fechado ás outras consciencias. Um mundo — dizem-nos... De facto, em tal conjunctura, parece-nos, sempre, que o pensamento, cujo labor assim se desdobra, e é um turbilhão de ideias, porque lhe medimos a extensão, e lhe apreciamos a importancia, na proporção da intensidade de consciencia em que elle se faz, e do interesse com que o acompanhamos. Por sua vez, esse interesse é definitivo e maximo.

(f) Egger admittê que haja intellectos, com um pensamento bem limitado e brevidade, mas sem expressão verbal. Pelo que elle faz notar, é bem o caso do mencionado em symbolos subjectivos, abreviados e pessoais. Ha, tambem, os casos de *abrir-se o pensamento*, de que falla Binet (*op. cit.*, 139), em que o intuito ou plano ultrapassa a capacidade de uma determinada intelligencia. S. Prudhomme deixou um testemunho no celebre verso:

Mes vrais vers ne seront pas lus.

e, por isso, consideramos tal pensamento e as respectivas ideias como productos originaes do nosso espirito. O NOSSO é sempre muito, para nós. O sentimento de que se acompanha essa íntima convicção de haver chegado a uma criação mental, age como excitante específico da actividade intellectual, e, finalmente, toda a energia psychica será para esse lavor de pensamento. Faz-se a absorção absoluta da consciencia pensante nesse trabalho; mas não bastará, muitas vezes. A conversão das ideias *singulares* e valores socializados (20 e 23, da 1.^a parte) e da symbolica pessoal em puros signaes universalizados, é realisação minuiamente difficil. É a mais difficil entre as *conversões íntimas*, necessarias para tornar communicavel o pensamento. A imagem propriamente dita consiste numa plastica definida e completa por si mesma; nada mais simples, relativamente, do que analysal-a e decompô-la, para a descripção. A mesma coisa podemos dizer da acção, que finalmente se focalisa numa forma ou imagem. Os proprios affectos são bem accessiveis nos seus typos normaes, com intensidades communs; é sempre possível fazer comprehender, approximadamente a natureza da emoção sentida e o seu gráo de desenvolvimento. Mas — uma ideia sem equivatente no mundo vulgarizado das ideias, symbolizada num eschema pessoal, essa exige, para ser levada a outras consciencias, que a apresentemos num verdadeiro trabalho de dissertação, e que corresponda, de modo explicito, á própria elaboração do conceito. Conviem acompanhar a dissertação — de uma como que descripção da symbolica pessoal, porque essa descripção ajuda a apprehender o valor da ideia nova. Tomar de um termo, e dar-lhe arbitrariamente significação diversa do uso geral; forgiar, sem mais explicações, um symbolo verbal

Cap. IX O PURISMO GRAMMATICAL

17	A expansão do vocabulário	Pag.	181
18	Os termos técnicos e eruditos	"	185
19	Impropriedad dos termos definidores	"	488
50	O idiomatismo e a estrutura da phrase; o purismo na syntaxe	"	490
50	O inhibitorio grammatical	"	191
	Conclusão	"	199
	Appendice Tempo de percepção	"	507
	Em vez de <i>errata</i>	"	511